

238



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH-CAMPUS
IV/JACOBINA PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO
ESTADO PROGRAMA REDE UNEB 2000 – NÚCLEO - MAIRI-BA

JAMYLLLE NUNES SENA DA SILVA
MARIA DAS GRAÇAS BORGES DE SANTANA
MARIA DO SOCORRO MAIA OLIVEIRA
MERCILEINE SILVA SANTOS MACHADO

SEXUALIDADE: A VISÃO DE ALUNOS DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE MAIRI - BAHIA

MAIRI - BAHIA
2007

**JAMYLLLE NUNES SENA DA SILVA
MARIA DAS GRAÇAS BORGES DE SANTANA
MARIA DO SOCORRO MAIA DA SILVA
MERCILEINE SILVA SANTOS MACHADO**

**SEXUALIDADE: A VISÃO DE ALUNOS DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE MAIRI - BAHIA**

Monografia apresentada para obtenção da
conclusão do curso Pedagogia Orientada pela
Professora Adriana Lourenço Lopes

**MAIRI - BAHIA
2007**

JAMYLLE NUNES SENA DA SILVA
MARIA DAS GRAÇAS BORGES DE SANTANA
MARIA DO SOCORRO MAIA DA SILVA
MERCILEINE SILVA SANTOS MACHADO

SEXUALIDADE: A VISÃO DE ALUNOS DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE MAIRI - BAHIA

Monografia apresentada para obtenção da
conclusão do curso Pedagogia Orientada pela
Professora Adriana Lourenço Lopes

MAIRI - BAHIA

2007



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA-UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-DCH-CAMPUS
JACOBINA PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
ESTADO PROGRAMA REDE UNEB 2000 – NÚCLEO - MAIRI-BA



JAMYLLLE NUNES SENA DA SILVA
MARIA DAS GRAÇAS BORGES DE SANTANA
MARIA DO SOCORRO MAIA OLIVEIRA
MERCILEINE SILVA SANTOS MACHADO

SEXUALIDADE: A VISÃO DE ALUNOS DE UMA ESCOLA
MUNICIPAL DE MAIRI - BAHIA

Monografia para conclusão de curso de graduação
Mairi, dezembro 2007

Banca examinadora

Profª Drª Adriana Lourenço Lopes
Universidade do Estado da Bahia

Profº Vicente Deocleciano
Universidade do Estado da Bahia

DEDICATÓRIA

*Aos nossos esposos, companheiros de
todos os momentos;*

*Aos nossos filhos, por tantas vezes
que tivemos que nos ausentar;*

*Aos nossos familiares, que muito nos
apoiaram nessa caminhada.*

DEDICATÓRIA

Aos nossos esposos, companheiros de
todos os momentos;
Aos nossos filhos, por tantas vezes
que tivemos que nos ausentar;
Aos nossos familiares, que muito nos
apoiam nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente a Deus, que nos deu forças para concluirmos mais uma etapa de nossas vidas;

Aos nossos familiares e amigos que sempre estiveram ao nosso lado;

Ao diretor, coordenador, professores pela colaboração e aos alunos da escola que nos concederam as informações necessárias à nossa pesquisa;

À nossa orientadora Adriana Lourenço Lopes pela sua dedicação e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos especialmente a Deus, que nos deu forças para concluirmos mais uma etapa de nossas

vidas;

Aos nossos familiares e amigos que sempre

estiveram ao nosso lado;

Ao diretor, coordenador, professores pela colaboração e aos alunos da escola que nos concederam as informações necessárias à nossa

pesquisa;

A nossa orientadora Adriana Lourenço Lopes pela

sua dedicação e carinho.

MENSAGEM

*“... no trabalho com sexualidade na escola, o
que está em questão é a vida em uma de
suas formas mais plenas.”*

(Yara Sayão)

MENSAGEM

"... no trabalho com sexualidade na escola, o
que está em questão é a vida em uma de
suas formas mais plenas"

(Yara Szpán)

RESUMO

Este estudo trata da sexualidade humana, discute sobre seus aspectos históricos, sociais, culturais e biológicos, bem como o papel da família e da escola enquanto instituições que exercem grande influência na constituição das representações sobre sexualidade. O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar a visão que adolescentes e jovens apresentam acerca dessa temática, refletindo e construindo significados a partir dessas representações sobre sexualidade e sexo, verificando que apesar de muitos acharem que são sinônimas, possuem significados distintos. O procedimento metodológico consistiu numa coleta de dados a partir de questionário com perguntas abertas e fechadas, respondido por alunos de uma escola municipal da cidade de Mairi-BA. Os resultados demonstram que a maioria dos alunos não tem a prática de conversar e nem discutir sobre questões referentes à sexualidade, seja no ambiente familiar e/ou escolar. Os dados também mostram que vários participantes apresentam comportamentos, ora preconceituosos, ora confusos e até mesmo de total desconhecimento sobre o assunto. Conclui-se que para entendermos a sexualidade é necessário saber defini-la, partindo de seus aspectos históricos, sociais e culturais, além dos fatores biológicos e psicológicos, percebendo que a sexualidade faz parte da vida do ser humano desde o seu nascimento até sua morte.

Palavras-chave: sexualidade, sexo, adolescência, escola, família.

RESUMO

Este estudo trata da sexualidade humana, discute sobre seus aspectos históricos, sociais, culturais e biológicos, bem como o papel da família e da escola enquanto instituições que exercem grande influência na constituição das representações sobre sexualidade. O objetivo deste trabalho foi identificar e analisar a visão que adolescentes e jovens apresentam acerca dessa temática, refletindo e construindo significados a partir dessas representações sobre sexualidade e sexo, verificando que apesar de muitos acharem que são sinônimas, possuem significados distintos. O procedimento metodológico consistiu numa coleta de dados a partir de questionário com perguntas abertas e fechadas, respondido por alunos de uma escola municipal da cidade de Marilândia. Os resultados demonstram que a maioria dos alunos não tem a prática de conversar e nem discutir sobre questões referentes à sexualidade, seja no ambiente familiar e/ou escolar. Os dados também mostram que vários participantes apresentam comportamentos, ora preconceituosos, ora confusos e até mesmo de total desconhecimento sobre o assunto. Conclui-se que para entendermos a sexualidade é necessário saber defini-la, partindo de seus aspectos históricos, sociais e culturais, além dos fatores biológicos e psicológicos, percebendo que a sexualidade faz parte da vida do ser humano desde o seu nascimento até sua morte.

Palavras-chave: sexualidade, sexo, adolescência, escola, família.

ABSTRACT

This study treats of the human sexuality, it discusses on your aspects historical, social, cultural and biological, as well as the paper of the family and of the school while institutions that exercise great influence in the constitution of the representations about sexuality. The objective of this work was to identify and to analyze the vision that adolescents and youths present concerning that thematic one, contemplating and building meanings starting from those representations on sexuality and sex, verifying that in spite of many think they are synonymous, they possess different meanings. The methodological procedure consisted of a collection of data starting from questionnaire with open and closed questions, answered by students of a municipal school of Mairi-nanny's city. The results demonstrate that most of the students doesn't have the practice of talking and nor to discuss on referring subjects to the sexuality, be in the atmosphere family school e/ou. The data also show that several participants present behaviors, some times preconceituosos, other confused times and even of total ignorance on the subject. It is ended that for us to understand the sexuality it is necessary to know to define her, leaving of your aspects historical, social and cultural, besides the biological and psychological factors, noticing that the sexuality is part of the human being life from your birth to your death.

Word-key: sexuality, sex, adolescence, school, family.

ABSTRACT

This study treats of the human sexuality, it discusses on your aspects historical, social, cultural and biological, as well as the paper of the family and of the school while institutions that exercise great influence in the constitution of the representations about sexuality. The objective of this work was to identify and to analyze the vision that adolescents and youths present concerning that thematic one, contemplating and building meanings starting from those representations on sexuality and sex, verifying that in spite of many think they are synonymous, they possess different meanings. The methodological procedure consisted of a collection of data starting from questionnaire with open and closed questions, answered by students of a municipal school of Mairim-nanny's city. The results demonstrate that most of the students doesn't have the practice of talking and nor to discuss on referring subjects to the sexuality, be in the atmosphere family school. The data also show that several participants present behaviors, some times preconceived, other confused times and even of total ignorance on the subject. It is ended that for us to understand the sexuality it is necessary to know to define her, leaving of your aspects historical, social and cultural, besides the biological and psychological factors, noticing that the sexuality is part of the human being life from your birth to your death.

Word-key: sexuality, sex, adolescence, school, family.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. OBJETIVOS	13
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	14
3.1. Considerações iniciais.....	14
3.2. História da sexualidade.....	15
3.3. Sexualidade: uma análise sobre as contribuições freudianas.....	22
3.4. Conceituando sexo e sexualidade.....	25
3.5. Gênero e sexo.....	27
3.6. A sexualidade no século XXI.....	29
3.7. Sexualidade na adolescência.....	32
3.8. O papel da família e da escola acerca da sexualidade na adolescência.....	42
4. RESULTADOS	49
5. CONCLUSÃO	62
6. REFERÊNCIAS	64
7. ANEXOS	66

SUMÁRIO

10	1. INTRODUÇÃO
13	2. OBJETIVOS
14	3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA
14	3.1. Considerações iniciais
15	3.2. História da sexualidade
22	3.3. Sexualidade: uma análise sobre as contribuições freudianas
25	3.4. Conceituando sexo e sexualidade
27	3.5. Gênero e sexo
29	3.6. A sexualidade no século XXI
32	3.7. Sexualidade na adolescência
42	3.8. O papel da família e da escola acerca da sexualidade na adolescência
49	4. RESULTADOS
62	5. CONCLUSÃO
64	6. REFERÊNCIAS
68	7. ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

Abordar questões referentes à sexualidade é muito mais que falar do corpo, transformações, prazeres e tabus. Existem muitos outros aspectos, como históricos, culturais e sociais, configurando como algo que acompanha o indivíduo desde o seu nascimento até sua morte. A constituição da sexualidade no indivíduo se dá de forma gradativa, por meio de fases e períodos, onde o mesmo vivencia a sua sexualidade por meio da experimentação de várias sensações que lhe permitirão sentir prazer.

Segundo PAULA & MENDONÇA (2006), Sigmund Freud (fundador da Psicanálise) afirmava que a sexualidade não estava relacionada apenas aos órgãos genitais, estendendo-se a diversas partes do corpo. As autoras asseguram que Freud estudava a criança e as experiências sexuais vividas por ela no seu corpo. Por exemplo, citam a amamentação, entendida por Freud, como uma experiência sexual da criança, como uma experiência geradora de prazer, não relacionado ao prazer adulto.

Diversos posicionamentos sobre sexualidade humana, em especial na adolescência, têm inquietado professores e conduzido a escola a enfrentar mudanças contemporâneas. Encarar os questionamentos feitos em classe, ou até mesmo os comentários de alunos, requer certo cuidado. "As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na idéia de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família." (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, 1998, p. 291)

Nessa perspectiva, percebe-se que há um desencontro das idéias da família e da escola com relação à orientação sexual dos jovens e adolescentes. Por um lado, vemos a família - principal provedora da educação dos filhos - encontrar desafios na educação sexual dos mesmos, por outro, a escola que tenta complementar essa educação, mesmo com as grandes dúvidas de como abordar questões referentes à

1. INTRODUÇÃO

Abordar questões referentes à sexualidade é muito mais que falar do corpo, transformações, prazeres e tabus. Existem muitos outros aspectos, como históricos, culturais e sociais, configurando como algo que acompanha o indivíduo desde seu nascimento até sua morte. A constituição da sexualidade no indivíduo se dá de formas gradativas, por meio de fases e períodos, onde o mesmo vivencia a sua sexualidade por meio de experiências de várias sensações que lhe permitem sentir prazer.

Segundo PAULA & MENDONÇA (2006), Sigmund Freud (fundador da Psicanálise) afirmava que a sexualidade não estava relacionada apenas aos órgãos genitais, estendendo-se a diversas partes do corpo. As autoras asseguram que Freud estudava a criança e as experiências sexuais vividas por ela no seu corpo. Por exemplo, citam a amamentação, entendida por Freud, como uma experiência sexual da criança, como uma experiência geradora de prazer, não relacionada ao prazer adulto.

Diversos posicionamentos sobre sexualidade humana, em especial na adolescência, têm inquietado professores e conduzido a escola a enfrentar mudanças contemporâneas. Encetar os questionamentos feitos em classe, ou até mesmo os comentários de alunos, requer certo cuidado. "As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar, ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseadas na ideia de que a sexualidade é assunto para ser lidado apenas pela família." (Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, 1998, p. 291)

Nessa perspectiva, percebe-se que há um desencontro das ideias da família e da escola com relação à orientação sexual dos jovens e adolescentes. Por um lado, vemos a família - principal provedora da educação dos filhos - encontrar desafios na educação sexual dos mesmos, por outro, a escola que tenta complementar essa educação, mesmo com as grandes dúvidas de como abordar questões referentes à

sexualidade no espaço escolar. Mesmo assim, sabe-se que as orientações são iniciadas de forma natural e inconsciente pelos pais, permanecendo inalteradas pelo resto da vida.

A escola ainda enfrenta dificuldades ao falar sobre sexualidade, em especial muitos professores que não sabem como inserir essa temática em classe, por encontrar obstáculos ou por ter dúvidas de como abordar essa temática. O fato é que ainda há muita hesitação nessa abordagem, pois impera o medo de passar informações incorretas, a questão do moralismo, a própria cultura da qual fazemos parte, além do pensamento de estar falando do que realmente os jovens e adolescentes querem saber sobre sexo e sexualidade e o que eles também sabem.

Desse modo, com o intuito de fazer uma reflexão acerca da sexualidade dentro do contexto escolar, buscou-se estruturar esta pesquisa, procurando delimitá-la a partir de algumas questões norteadoras:

1. Qual a visão que os alunos apresentam sobre sexo e sexualidade no espaço escolar?
2. Os alunos sabem a diferença entre os termos sexo e sexualidade?
3. Quais as contribuições e o papel da família e da escola na construção de representações sobre a sexualidade?

Deste modo, refletir sobre a sexualidade dentro do espaço escolar nos mostra a importância de que além de estudar, devemos promover um trabalho discursivo sobre o tema, pois “a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela ‘invade’ a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem, sua sexualidade fora dela.” (PCN, 1998, p. 292)

Além disso, há o fato de que, segundo PCN (1998) há na escola a presença clara da sexualidade dos adultos. “Pode-se notar, por exemplo, a grande inquietação e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos menores. Os

sexualidade no espaço escolar. Mesmo assim, sabe-se que as orientações são iniciadas de forma natural e inconsciente pelos pais, permeando inalteradas pelo resto da vida.

A escola ainda enfrenta dificuldades ao falar sobre sexualidade, em especial muitos professores que não sabem como inserir essa temática em classe, por encontrar obstáculos ou por ter dúvidas de como abordar essa temática. O fato é que ainda há muita hesitação nessa abordagem, pois impõe o medo de passar informações incorretas, a questão do moralismo, a própria cultura da qual fazemos parte, além do pensamento de estar falando de que realmente os jovens e adolescentes querem saber sobre sexo e sexualidade e o que eles também sabem.

Desse modo, com o intuito de fazer uma reflexão acerca da sexualidade dentro do contexto escolar, buscou-se estruturar esta pesquisa, procurando delimitá-la a partir de algumas questões norteadoras:

1. Qual a visão que os alunos apresentam sobre sexo e sexualidade no espaço escolar?
2. Os alunos sabem a diferença entre os termos sexo e sexualidade?
3. Quais as contribuições e o papel da família e da escola na construção de representações sobre a sexualidade?

Deste modo, refletir sobre a sexualidade dentro do espaço escolar nos mostra a importância de que além de estudar, devemos promover um trabalho discursivo sobre o tema, pois "a sexualidade no espaço escolar não se inscreve apenas em portas de banheiros, muros e paredes. Ela invade a escola por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e da convivência social entre eles. Por vezes a escola realiza o pedido, impossível de ser atendido, de que os alunos deixem sua sexualidade fora dela." (PCN, 1998, p. 292)

Além disso, há o fato de que, segundo PCN (1998) há na escola a presença clara da sexualidade dos adultos. "Pode-se notar, por exemplo, a grande indução e curiosidade que a gravidez de uma professora desperta nos alunos menores. Os

adolescentes testam, questionam e tomam como referencia a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros.” (PCN, 1998, p.292)

Tomando como referência uma escola pública do município de Mairi, observa-se que existe um grande número de jovens e adolescentes que constantemente apresentam atitudes que demonstram dúvidas e até mesmo concepções equivocadas sobre a sexualidade. E, tendo como base as contribuições a literatura que trata a respeito do tema, verifica-se que a sexualidade é entendida pelos participantes como algo que está fora do ser humano, uma vez que diversos textos demonstram ser algo inerente a ele. Assim, nosso maior enfoque ficou centrado em como os adolescentes lidam com a questão da sexualidade na escola e quais as concepções que eles têm sobre essa temática.

adolescentes testam, questionam e tomam como referência a percepção que têm da sexualidade de seus professores, por vezes desenvolvendo fantasias, em busca de seus próprios parâmetros." (PCN, 1998, p. 292)

Tomando como referência uma escola pública do município de Mairi, observa-se que existe um grande número de jovens e adolescentes que constantemente apresentam atitudes que demonstram dúvidas e até mesmo concepções equivocadas sobre a sexualidade. E, tendo como base as contribuições a literatura que trata a respeito do tema, verifica-se que a sexualidade é entendida pelos participantes como algo que está fora do ser humano, uma vez que diversos textos demonstram ser algo inerente a ele. Assim, nosso maior enfoque ficou centrado em como os adolescentes lidam com a questão da sexualidade na escola e quais as concepções que eles têm sobre essa temática.

2.OBJETIVOS

Os objetivos que nos impulsionaram a realização desta pesquisa foram os seguintes:

1. Identificar e analisar qual(is) a(s) visão(ões) que os alunos têm sobre a sexualidade;
2. Verificar os comportamentos dos alunos frente às questões referentes à sexualidade;
3. Refletir sobre a sexualidade, observando-a como parte integrante da vida humana.

2. OBJETIVOS

Os objetivos que nos impulsionaram a realização desta pesquisa foram os seguintes:

1. Identificar e analisar qual(is) vis(ões) que os alunos têm sobre a sexualidade;
2. Verificar os comportamentos dos alunos frente às questões referentes à sexualidade;
3. Refletir sobre a sexualidade observando-a como parte integrante da vida humana.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1.Considerações iniciais

A sexualidade assume relevante papel no desenvolvimento das pessoas, ocorrendo de forma gradual na vida de cada um e formando parte integral da sua personalidade. Configura como um dos assuntos mais curiosos da vida dos seres humanos, relacionado ao prazer e ao desejo entre parceiros.

Segundo LORENCINI JR. (1997), quanto mais conhecermos e compreendermos a sexualidade, maior será a capacidade de ampliar o seu sentido e, ao mesmo tempo, aumentar a amplitude do “livre arbítrio”, para tomadas de decisões autônomas no que tange ao desejo, ao prazer e ao amor. Partindo desse pressuposto, percebe-se que para compreender a sexualidade é preciso conhecer a dimensão do seu significado que vai além das conotações, permeando sua história e evolução.

O termo sexualidade pode ser entendido como condição sexual que cada um possui ou apresenta e está relacionado ao sexo. Ao falarmos sobre sexualidade devemos levar em consideração que, em algumas sociedades, a sexo é tido como algo prazeroso, em outras como função reprodutiva. Pode-se dizer que cada grupo social foi formando o seu conceito de sexualidade que, além de ser influenciada pela própria história da humanidade, agrega valores culturais, sociais, religiosos conforme cada época vivida. Deste modo, torna-se necessário um estudo sobre a evolução do termo sexualidade, compreendendo seus aspectos históricos, sociais, culturais e religiosos.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1. Considerações iniciais

A sexualidade assume relevante papel no desenvolvimento das pessoas, ocorrendo de forma gradual na vida de cada um e formando parte integral da sua personalidade. Configura como um dos assuntos mais curiosos da vida dos seres humanos, relacionado ao prazer e ao desejo entre parceiros.

Segundo LORENCINI JR. (1997), quanto mais conhecemos e compreendemos a sexualidade, maior será a capacidade de ampliar o seu sentido e, ao mesmo tempo, aumentar a amplitude do "livre arbítrio", para tomadas de decisões autônomas no que tange ao desejo, ao prazer e ao amor. Partindo desse pressuposto, percebe-se que para compreender a sexualidade é preciso conhecer a dimensão do seu significado que vai além das conotações, permeando sua história e evolução.

O termo sexualidade pode ser entendido como condição sexual que cada um possui ou apresenta e está relacionado ao sexo. Ao falarmos sobre sexualidade devemos levar em consideração que, em algumas sociedades, a sexo é tido como algo prazeroso, em outras como função reprodutiva. Pode-se dizer que cada grupo social foi formando o seu conceito de sexualidade que, além de ser influenciada pela própria história da humanidade, agrega valores culturais, sociais, religiosos conforme cada época vivida. Deste modo, torna-se necessário um estudo sobre a evolução do termo sexualidade, compreendendo seus aspectos históricos, sociais, culturais e religiosos.

3.2.História da sexualidade

Uma visão repressiva sempre rodeou discussões sobre a sexualidade, que traz uma história carregada de censura, ora por atribuir à sexualidade uma característica de despudor com o próprio corpo, ora por ser fator de controle social.

De acordo com ZINK (2004), no início dos tempos é que se deu a revolução sexual após Lilith ter tentado Eva com a maçã. A autora reforça a visão religiosa judaico-cristã, onde a sexualidade ficou ligada à expulsão de Adão e Eva do Paraíso, havendo a necessidade de esconder a nudez. Segundo a autora, talvez esta procura pela volta a este paraíso esteja no ser humano até nossos dias. Essa visão de que o sexo é pecado depende da maneira como cada cultura a incorpora, uma vez que ela explica sobre a origem do homem no mundo.

LORENCINI (1997) recorre a estudos sobre o período pré-histórico, buscando explicações sobre o comportamento dos nossos primeiros ancestrais. O autor comenta que os primatas, em especial as fêmeas, não tinham uma prática sexual, como ocorre com as mulheres hoje, mas num período propício em que elas estavam receptivas para a cópula: o cio. É provável que os nossos ancestrais copulassem com amor e olhando nos olhos um do outro, havendo a troca de carícia copulatória. Seria, segundo o autor, uma troca demorada de olhares, com o hábito de andar de mãos dadas, inclusive beijos nas mãos e pés, beijos de língua como no namoro humano. Outro fato interessante desse estudo é que o autor menciona que em uma determinada espécie de chimpanzé, as fêmeas copulavam com diferentes machos várias vezes ao dia, preferindo aqueles que lhes oferecessem alimentos. Tanto o macho quanto a fêmea não copulavam com parentes próximos.

Dada a evolução através da seleção natural, a genitália da fêmea se modificou e o canal vaginal se inclinou, permitindo uma cópula frontal que deu mais intimidade aos parceiros, além de vínculos afetivos crescentes e relacionamentos mais duradouros. Conseqüentemente, o aumento do prazer nas mulheres possibilitou uma procura de relacionamento sexual de vínculos íntimos com seus parceiros,

3.2. História da sexualidade

Uma visão repressiva sempre rodeou discussões sobre a sexualidade, que traz uma história carregada de censura, ora por atribuir à sexualidade uma característica de despur com o próprio corpo, ora por ser fator de controle social.

De acordo com ZINK (2004), no início dos tempos é que se deu a revolução sexual após Lilith ter tentado Eva com a maçã. A autora reforça a visão religiosa judaico-cristã, onde a sexualidade ficou ligada à expulsão de Adão e Eva do Paraíso, havendo a necessidade de esconder a nudez. Segundo a autora, talvez esta procura pela volta a este paraíso esteja no ser humano até nossos dias. Essa visão de que o sexo é pecado depende da maneira como cada cultura a incorpora, uma vez que ela explica sobre a origem do homem no mundo.

LORENZINI (1997) recorre a estudos sobre o período pré-histórico, buscando explicações sobre o comportamento dos nossos primeiros ancestrais. O autor comenta que os primatas, em especial as fêmeas, não tinham uma prática sexual, como ocorre com as mulheres hoje, mas num período propício em que elas estavam receptivas para a cópula: o cio. É provável que os nossos ancestrais copulassem com amor e olhando nos olhos um do outro, havendo a troca de carícia copulatória. Seria, segundo o autor, uma troca demorada de olhares, com o hábito de andar de mãos dadas, inclusive beijar nas mãos e pés, beijos de língua como no namoro humano. Outro fato interessante desse estudo é que o autor menciona que em uma determinada espécie de chimpanzé, as fêmeas copulavam com diferentes machos várias vezes ao dia, pretendendo aquelas que lhes oferecessem alimentos. Tanto o macho quanto a fêmea não copulavam com parentes próximos.

Dada a evolução através da seleção natural, a genitália da fêmea se modificou e o canal vaginal se inclinou, permitindo uma cópula frontal que deu mais intimidade aos parceiros, além de vínculos afetivos crescentes e relacionamentos mais duradouros. Consequentemente, o aumento do prazer nas mulheres possibilitou uma procura de relacionamento sexual de vínculos íntimos com seus parceiros.

passando a ter um controle cerebral do desejo, copulando quando quiserem, seja por poder, amor ou prazer. (LORENCINI, 1997)

CANO e FERRIANI (2000) ainda apontam que a civilização ocidental tem raízes com o povo hebreu que herdaram princípios morais legais e religiosos em que o marido era o chefe da família e a mulher teria de se manter virgem até o casamento. Essa foi a forma patriarcal adotada pelos hebreus que consideravam o casamento como algo divino, inspirado pelo criador. Ainda hoje, no mundo com práticas diversificadas, podemos encontrar grupos sociais que tem seus costumes baseados nesses princípios, com regras que definem os padrões sexuais das pessoas.

Em outro grupo social, os gregos, a reprodução era importante dentro do casamento. As meninas, desde muito cedo, eram preparadas para se casarem logo após a primeira menstruação, já que eram educadas para as tarefas domésticas. Os meninos não recebiam estímulos para o casamento cedo, só após os 21 anos, quando seus estudos deveriam ter acabado. A masturbação era condenada porque eles achavam que causava perda de energia e enfraquecimento e o homossexualismo era estimulado, mas só podiam manter relações sexuais com seus mestres. Parte dessa cultura foi absorvida pelos romanos e o império dos césares, por ter uma riqueza muito grande promovia festas à elite dominante em que o prazer sexual não tinha certo controle. (CANO E FERRIANI, 2000)

Os limites foram surgindo. Por um lado o sexo era visto como uma atividade procriativa, por outro a masturbação, sexo anal e homossexualismo eram condenados, com isso, vários tabus e preconceitos foram gerados em torno deles, pois práticas como essas levavam a espécie humana ao desaparecimento. Também havia a influência do Cristianismo, introduzindo a noção do pecado da carne, condenando o sexo por considerá-lo um ato de vergonha, ressaltando o pecado de Adão e Eva. Nessa perspectiva, a alma estava num plano maior que o corpo e isso fez com que as pessoas vivessem sua sexualidade reprimida influenciada pela igreja e pelos moralistas num processo de controle social.

No início do século XVII as práticas sexuais ainda eram livres, havendo relacionamentos abertos entre homens e mulheres sem problema algum. CANO e

passando a ter um controle cerebral do desejo, copulando quando quiserem, seja por poder, amor ou prazer. (LORENZINI, 1997)

CANO e FERRIANI (2000) ainda apontam que a civilização ocidental tem raízes com o povo hebreu que herdaram princípios morais legais e religiosos em que o marido era o chefe da família e a mulher teria de se manter virgem até o casamento. Essa foi a forma patriarcal adotada pelos hebreus que consideravam o casamento como algo divino, inspirado pelo criador. Ainda hoje, no mundo com práticas diversificadas, podemos encontrar grupos sociais que têm seus costumes baseados nesses princípios, com regras que definem os padrões sexuais das pessoas.

Em outro grupo social, os gregos, a reprodução era importante dentro do casamento. As meninas, desde muito cedo, eram preparadas para se casarem logo após a primeira menstruação, já que eram educadas para as tarefas domésticas. Os meninos não recebiam estímulos para o casamento cedo, só após os 21 anos, quando seus estudos deviam ter acabado. A masturbação era condenada porque eles achavam que causava perda de energia e entorpecimento e o homossexualismo era estimulado, mas só podiam manter relações sexuais com seus mestres. Parte dessa cultura foi absorvida pelos romanos e o império dos césares, por ter uma riqueza muito grande promovia festas à elite dominante em que o prazer sexual não tinha certo controle. (CANO E FERRIANI, 2000)

Os limites foram surgindo. Por um lado o sexo era visto como uma atividade procriativa, por outro a masturbação, sexo anal e homossexualismo eram condenados, com isso, vários tabus e preconceitos foram gerados em torno deles, pois práticas como essas levavam a espécie humana ao desaparecimento. Também havia a influência do Cristianismo, introduzindo a noção do pecado da carne, condenando o sexo por considerá-lo um ato de vergonha, ressaltando o pecado de Adão e Eva. Nessa perspectiva, a alma estava num plano maior que o corpo e isso fez com que as pessoas vivessem sua sexualidade reprimida influenciada pela igreja e pelos moralistas num processo de controle social.

No início do século XVII as práticas sexuais ainda eram livres, havendo relacionamentos abertos entre homens e mulheres sem problemas algum. CANO e

FERRIANI (2000) em estudos bibliográficos revelam que, com essas práticas, foram se formando então os grupos sociais descendentes de um mesmo ancestral, já que se sabia apenas quem eram as mães e esses grupos familiares formavam os clãs e, como consequência, foram se acumulando bens e assim surgiram as primeiras sociedades privadas. Daí, os casamentos passaram a ser monogâmicos, para que os filhos herdassem os bens acumulados pelos pais, seguindo uma nova forma de organização social. Dessa forma, o objetivo do sexo era a reprodução.

Numa mesma época, século XII, as mulheres tiveram de se manter fiéis e submissas aos seus maridos no que dizia respeito ao sexo, fazendo seu papel de esposa que esperava o seu companheiro em casa. Aos maridos foi dada a liberdade de se relacionarem sexualmente com outras mulheres. Essa é uma perspectiva que mostra a dimensão da sexualidade como construção sócio-cultural. ZINK (2004) ressalta a visão do corpo no século XVI em que a sexualidade entra como investimento e produzindo capital, tendo na figura da cortesã um sinônimo de investidoras que tinham o controle das atividades proibidas. Ao entrar no centro da sociedade, a cortesã provocou mudanças no comportamento das pessoas da época, dando início a um jogo poderoso com o dinheiro e o sexo. Por esta razão, o erotismo estava ligado às prostitutas e cortesãs, sendo realizado fora do âmbito conjugal.

Como o casamento não era considerado um relacionamento amoroso, da antiguidade à idade média, o casamento dos filhos era providenciado pelos pais, já que era um negócio de família com um contrato assinado para que os indivíduos não o fizessem em prol do prazer, mas para o seu bem e aconselhados pelas famílias (ARAUJO, 2002). Diante dessa perspectiva, o casamento era tido como função reprodutiva, levando em consideração a aliança firmada entre as famílias dos noivos, deixando de lado a paixão e a escolha.

ARAUJO (2002) revela que na Europa, a partir do século XVIII, surge a idéia do amor romântico em que as pessoas ganham a liberdade de escolher seus parceiros ideais para o enlace matrimonial e gerar novos seres. O casamento recebe uma nova concepção de envolvimento da partilha além da intimidade entre o casal, unindo o sexo ao amor, reforçando assim a idéia do amor eterno. A autora ainda

FERRIANI (2000) em estudos bibliográficos revelam que, com essas práticas, foram se formando então os grupos sociais descendentes de um mesmo ancestral, já que se sabia apenas quem eram as mães e esses grupos familiares formavam as clãs e, como conseqüência, foram se acumulando bens e assim surgiram as primeiras sociedades privadas. Daí, os casamentos passaram a ser monogâmicos, para que os filhos herdassem os bens acumulados pelos pais, seguindo uma nova forma de organização social. Dessa forma, o objetivo do sexo era a reprodução.

Numa mesma época, século XII, as mulheres tiveram de se manter fiéis e submissas aos seus maridos no que dizia respeito ao sexo, fazendo seu papel de esposa que esperava o seu companheiro em casa. Aos maridos foi dada a liberdade de se relacionarem sexualmente com outras mulheres. Essa é uma perspectiva que mostra a dimensão da sexualidade como construção sócio-cultural. ZINK (2004) ressalta a visão do corpo no século XVI em que a sexualidade entra como investimento e produzindo capital, tendo na figura da cortesã um símbolo de investidores que tinham o controle das atividades proibidas. Ao entrar no centro da sociedade, a cortesã provocou mudanças no comportamento das pessoas da época, dando início a um jogo poderoso com o dinheiro e o sexo. Por esta razão, o erotismo estava ligado às prostitutas e cortesãs, sendo realizado fora do âmbito conjugal.

Como o casamento não era considerado um relacionamento amoroso, da antiguidade à idade média, o casamento dos filhos era providenciado pelos pais, já que era um negócio de família com um contrato assinado para que os indivíduos não o fizessem em prol do prazer, mas para o seu bem e aconselhados pelas famílias (ARAUJO, 2002). Diante dessa perspectiva, o casamento era tido como função reprodutiva, levando em consideração a aliança firmada entre as famílias dos noivos, deixando de lado a paixão e a escolha.

ARAUJO (2002) revela que na Europa, a partir do século XVIII, surge a idéia do amor romântico em que as pessoas ganham a liberdade de escolher seus parceiros ideais para o enlace matrimonial e gerar novos seres. O casamento recebe uma nova concepção de envolvimento da partilha além da intimidade entre o casal, unindo o sexo ao amor, reforçando assim a idéia do amor eterno. A autora ainda

cita que o casamento foi se ascendendo lentamente na escala social até a era moderna, mas quando o amor romântico foi se tornando ideal de casamento o erotismo expulsou a reserva tradicional, introduzindo um outro aspecto importante que foi colocar à prova a duração do casamento, comentando que como o amor em geral não dura e que o amor conjugal ligado a ele também não dura. A sexualidade passou a ter um lugar importante no casamento, uma vez que o amor, a escolha e a paixão não existiam dentro do casamento, apenas vivendo relações de adultério, tendo como função específica à reprodução.

Também no século XVIII, de acordo com PINTO (1997), a análise da sexualidade era feita ao lado da sexualidade animal, considerando-a como fenômeno natural, buscando garantia científica da biologia para isso. "Ora, o sexo, como fenômeno da natureza, tem função evidente, qual seja, a propagação da espécie. Logo, o exercício da sexualidade passou a ser vinculado à função reprodutora." (pág. 14). Para o autor, ao postular uma coincidência entre a sexualidade e a reprodução, distanciou a sexualidade da subjetividade, mostrando-se alheia ao interesse do indivíduo. Assim, como garantia de

(...) que a espécie possa continuar, é preciso que a natureza assegure a sexual, na forma de um comportamento relativamente isolado, padronizado e transmitido hereditariamente. A ausência do instinto ou a presença de sua manifestação, numa modalidade que não visasse à reprodução, colocaria em perigo a espécie. (PINTO, 1997, p. 14-15)

SAYÃO (1997) ressalta que a educação sexual foi implantada nas escolas da Europa, em especial na França, já no século XVIII, como consequência das preocupações dos educadores da época sobre a sexualidade na escola, "coincidindo com o desenvolvimento de relações relativas à repressão das manifestações da sexualidade infantil" (pág.107). Segundo a autora, o objetivo maior era combater a masturbação, pois isso garantiria a manutenção da pureza infantil, preservando a criança dos males da sexualidade. A autora ainda cita que nessa época, na França, instalava-se uma verdadeira educação "anti-sexual". Já no século XIX, a sexualidade foi sendo abordada nas escolas com outro rumo, o de preocupação com as doenças venéreas, a degenerescência da raça e o aumento da clandestinidade na provocação do aborto.

esta cita que o casamento foi se ascendendo lentamente na escala social até a era moderna, mas quando o amor romântico foi se tornando ideal de casamento o erotismo expulsou a reserva tradicional, introduzindo um outro aspecto importante que foi colocar à prova a duração do casamento, comentando que como o amor em geral não dura e que o amor conjugal ligado a ele também não dura. A sexualidade passou a ter um lugar importante no casamento, uma vez que o amor, a escola e a paixão não existiam dentro do casamento, apenas vivendo relações de adultério, tendo como função específica a reprodução.

Também no século XVIII de acordo com PINTO (1997), a análise da sexualidade era feita ao lado da sexualidade animal, considerando-a como fenômeno natural, buscando garantir a ciência da biologia para isso. "Ora, o sexo, como fenômeno da natureza, tem função evidente, qual seja, a propagação da espécie. Logo, o exercício da sexualidade passou a ser vinculado à função reprodutora." (pág. 14). Para o autor, ao postular uma coincidência entre a sexualidade e a reprodução, distanciou a sexualidade da subjetividade, mostrando-se alheio ao interesse do indivíduo. Assim, como garantia de

(...) que a espécie possa continuar, é preciso que a natureza assegure a sexual, na forma de um comportamento relativamente isolado, padronizado e transmitido hereditariamente. A ausência do instinto ou a presença de sua manifestação, numa modalidade que não vise à reprodução, colocam em perigo a espécie (PINTO, 1997, p. 14-15)

SAYÃO (1997) ressalta que a educação sexual foi implantada nas escolas da Europa, em especial na França, já no século XVII, como consequência das preocupações dos educadores da época sobre a sexualidade na escola, coincidindo com o desenvolvimento de relações relativas à repressão das manifestações da sexualidade infantil" (pág.107). Segundo o autor, o objetivo maior era combater a masturbação, pois isso garantia a manutenção da pureza infantil, preservando a criança dos males da sexualidade. A autora ainda cita que nessa época, na França, instalava-se uma verdadeira educação "anti-sexual". Já no século XIX, a sexualidade foi sendo abordada nas escolas com outro rumo, o de preocupação com as doenças venéreas, a degenerescência da raça e o aumento da clandestinidade na provocação do aborto.

Referindo-se à sexualidade no Brasil no século XIX, não foi muito diferente da Europa, por sofrer algumas influências européias em virtude da chegada dos portugueses em seu território. CANO & FERRIANI (2000), ao citar GOLDBERG (1984), relatam que a Igreja Católica, para combater a forma de união predominante nas camadas rurais e populares (o concubinato), defendiam o modelo de família patriarcal como o ideal, permitindo aos homens o prazer sexual fora do casamento com prostitutas ou mulheres pobres. Essas mulheres pobres representadas por negras, índias mestiças e brancas eram as companheiras sexuais preferidas pelos homens brancos e também iniciavam os meninos na vida sexual. Porém, as que tinham posição de destaque, ou seja, as esposas, portuguesas ou espanholas, eram confinadas a um mundo anti-sexual, em que para elas o sexo era apenas uma forma de gerar novos herdeiros.

Poucas décadas mais tarde, mesmo o Brasil tornando-se uma República, a sexualidade ainda era vivida como na época da colônia e do Império, onde os homens escolhiam mulheres pobres para a busca do prazer sexual. O homem era tido como um ser forte, viril e superior; a mulher, um ser frágil, dócil, inferior, que em qualquer posição social ainda era dominada pelo homem.

No século XX, exatamente no início, segundo SAYÃO (1997) a sexualidade era abordada com a finalidade de ensinar os jovens a transmitirem a vida, ligando instinto sexual à reprodução humana. Para a autora, essas eram iniciativas favoráveis à educação sexual. Já no Brasil, as primeiras idéias de educação sexual sofreram influências da corrente médico-higienista em moda na Europa, divulgando o combate à masturbação e às doenças venéreas, também preparando a mulher para o exercício do papel de esposa e mãe.

Ainda em conformidade com SAYÃO (1997), na década de 1920, algumas feministas lideradas por Berta Lutz, reivindicaram a educação sexual com outros objetivos, dentre eles a maternidade e a proteção à infância. "Em 1928, foi aprovado no congresso nacional de educadores a proposta de um programa de educação sexual em escolas." (pág. 108).

Com a esperança de derrubada de muitos mitos, dentre eles o sexual, surge na década de 60 o Movimento Hippie. Alguns conceitos, como os de virgindade e do

Referindo-se à sexualidade no Brasil no século XIX, não foi muito diferente da Europa, por sofrer algumas influências europeias em virtude da chegada dos portugueses em seu território. CANO & FERRIANI (2000), ao citar GOLDBERG (1984), relatam que a Igreja Católica, para combater a forma de união predominante nas camadas rurais e populares (o concubinato), defendiam o modelo de família patriarcal como o ideal, permitindo aos homens o prazer sexual fora do casamento com prostitutas ou mulheres pobres. Essas mulheres pobres representadas por negras, índias mestiças e brancas eram as companheiras sexuais pretendidas pelos homens brancos e também iniciavam os meninos na vida sexual. Porém, as que tinham posição de destituidas, ou seja, as esposas, portuguesas ou espanholas, eram confinadas a um mundo anti-sexual, em que para elas o sexo era apenas uma forma de gerar novos herdeiros.

Poucas décadas mais tarde, mesmo o Brasil tornando-se uma República, a sexualidade ainda era vivida como na época da colônia e do Império, onde os homens escolhiam mulheres pobres para a busca do prazer sexual. O homem era tido como um ser forte, viril e superior, a mulher, um ser frágil, dócil, inferior, que em qualquer posição social ainda era dominada pelo homem.

No século XX, exatamente no início, segundo SAYÃO (1997) a sexualidade era abordada com a finalidade de ensinar os jovens a transmitirem a vida, ligando o instinto sexual à reprodução humana. Para a autora, essas eram iniciativas favoráveis à educação sexual. Já no Brasil, as primeiras idéias de educação sexual sofreram influências da corrente médico-higienista em moda na Europa, divulgando o combate à masturbação e às doenças venéreas, também preparando a mulher para o exercício do papel de esposa e mãe.

Ainda em conformidade com SAYÃO (1997), na década de 1920, algumas feministas lideradas por Bertha Lutz, reivindicaram a educação sexual com outros objetivos, dentre eles a maternidade e a proteção à infância. "Em 1928, foi aprovado no congresso nacional de educadores a proposta de um programa de educação sexual em escolas." (pág. 108).

Com a esperança de derrubada de muitos mitos, dentre eles o sexual, surge na década de 60 o Movimento Hípie. Alguns conceitos, como os de virgindade e do

homem, ser superior à mulher, seriam desmistificados. Com a chegada da pílula anticoncepcional e o sexo desvinculado da procriação, algumas uniões casuais foram promovidas, mesmo contra as leis da igreja (CANO & FERRIANI, 2000). Nessa época, segundo SAYÃO (1997) surgem livros escritos pelo padre Charboneau, sob a ótica da moral católica cristã difundida entre pais e educadores.

A partir da década de 1960, em São Paulo, algumas mudanças foram observadas nas escolas públicas em especial. Segundo SAYÃO (1997), durante trabalhos desenvolvidos, os alunos sugeriram temas de discussão onde debatiam o tabu da virgindade, o amor livre, as pílulas anticoncepcionais e outras temáticas da época. Em 1968, um projeto de lei da deputada Julia Steimbruch, do Rio de Janeiro, propunha a obrigatoriedade da educação sexual em todas as escolas do país, porém, mesmo tendo o apoio de outros deputados, a introdução foi negada. Provavelmente, a partir da observação do comportamento dos jovens pós-68, influenciados pelos movimentos feministas e do controle da natalidade, reapareceu o interesse pela educação sexual, mesmo assim, não foi oficializado pela Secretaria de Educação de São Paulo. Anos mais tarde, as experiências de educação sexual foi repressivamente proibida por causa das precárias condições de trabalho nas Secretarias de Educação.

A década de 1980 foi fortemente marcada com o aparecimento da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida ou AIDS (do inglês *Acquired Immunodeficiency Disease Syndrome*), que favoreceu o controle da sexualidade por estar associada à promiscuidade, numa atitude preconceituosa. A AIDS é uma doença causada por um tipo de vírus denominado por HIV (*Human Immunodeficiency Vírus*, ou vírus da imunodeficiência humana) que se liga a certas células do corpo humano e, dentre elas está um tipo de linfócito que comanda uma série de reações de defesa do corpo.

Segundo ALVARENGA (2004), quando o vírus se instala dentro do linfócito outros novos vírus são formados e, saindo da célula, vão atacar outras células. Pouco a pouco vai destruindo o sistema imune que é o responsável por proteger o organismo contra infecções. Quando o número de linfócitos diminui, surgem os sintomas da AIDS: infecções variadas, perda de peso, problemas no sistema

homem, ser superior à mulher, seriam desmistificados. Com a chegada da pílula anticoncepcional e o sexo desvinculado da procriação, algumas unidas casuais foram promovidas, mesmo contra as leis da igreja (CANO & FERRIANI, 2000). Nessa época, segundo SAYÃO (1997) surgem livros escritos pelo padre Charbonneau, sob a ótica da moral católica cristã difundida entre pais e educadores.

A partir da década de 1980, em São Paulo, algumas mudanças foram observadas nas escolas públicas em especial. Segundo SAYÃO (1997), durante trabalhos desenvolvidos, os alunos sugeriam temas de discussão onde debatiam o tabu da virgindade, o amor livre, as pílulas anticoncepcionais e outras temáticas da época. Em 1988, um projeto de lei da deputada Julia Steimbruch, do Rio de Janeiro, propunha a obrigatoriedade da educação sexual em todas as escolas do país, porém, mesmo tendo o apoio de outros deputados, a introdução foi negada. Provavelmente, a partir da observação do comportamento dos jovens pós-68, influenciados pelos movimentos feministas e do controle da natalidade, reapareceu o interesse pela educação sexual, mesmo assim, não foi oficializado pela Secretaria de Educação de São Paulo. Anos mais tarde, as experiências de educação sexual foi repressivamente proibida por causa das precárias condições de trabalho nas Secretarias de Educação.

A década de 1980 foi fortemente marcada com o aparecimento do Síndrome da Imunodeficiência Adquirida ou AIDS (do inglês *Acquired Immunodeficiency Disease Syndrome*), que favoreceu o controle da sexualidade por estar associada à promiscuidade, numa atitude preconceituosa. A AIDS é uma doença causada por um tipo de vírus denominado por HIV (*Human Immunodeficiency Virus*), ou vírus da imunodeficiência humana) que se liga a certas células do corpo humano e, dentro delas está um tipo de linfócito que comanda uma série de reações de defesa do corpo.

Segundo ALVARENGA (2004), quando o vírus se instala dentro do linfócito outros novos vírus são formados e, saindo da célula, vão atacar outras células. Pouco a pouco vai destruindo o sistema imune que é o responsável por proteger o organismo contra infecções. Quando o número de linfócitos diminui, surgem os sintomas da AIDS: infecções variadas, perda de peso, problemas no sistema

nervoso e alguns tipos raros de câncer. A AIDS ainda não tem cura, porém uma combinação de medicamentos pode prolongar a vida do doente. Alguns antibióticos podem ser usados para combater os germes que se instalam no organismo do doente, além dos remédios AZT, DDI e outros, podendo prolongar a vida do doente.

Hoje, não mais se associa a questão da AIDS à promiscuidade, uma vez que os meios de contágio da doença possa se dar de diversas formas, por meio de objetos cortantes não esterilizados ou contato sexual sem preservativos. Mesmo a AIDS tendo provocado grandes mudanças na vida sexual das pessoas, deve-se compreender que a melhor forma de cura é a prevenção, pois ninguém está preparado para essa doença.

O que se percebe é que em torno da sexualidade gira um discurso que apresenta características condizentes com a cultura e história de um povo, mas que em determinada época, põs em plano primordial a sexualidade como multiplicação, procriação da espécie. De fato, práticas sexuais, como a masturbação e o sexo anal foram tidos, no início, como busca de prazer não condizentes com a opinião dominante da época, por tornar o sexo algo prazeroso e não apenas pro criativo.

Porém, em algumas sociedades ocidentais e também orientais, as pessoas encaram a sexualidade sob um novo olhar, onde a mulher não mais tem seu desejo sexual reprimido, nem o sexo está diretamente ligado ao casamento e sua função reprodutora. Tanto o homem, quanto a mulher passam a buscar o prazer e definir o orgasmo com palavras. Segundo ZINK (2004) o poder dominante da época, numa visão distorcida sobre a função do orgasmo achava perigosa a liberação do prazer temendo uma sociedade que tivesse suas bases construídas na certeza de que a sexualidade seria como “força de vida”.

Para LOURO (2000), as transformações sociais construíram novas formas de relacionamento e estilos de vida que na década de 1960 se mostravam perturbadoras. Segundo a autora, quem experimenta novas formas de vida, constituem novas formas de ser, completando que a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, é construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.

doente. Além dos remédios AZT, DDI e outros, podendo prolongar a vida do doente, podem ser usados para combater os germes que se instalam no organismo do doente. Alguns antibióticos podem ser usados para combater os germes que se instalam no organismo do doente. Alguns tipos raros de câncer. A AIDS ainda não tem cura, porém uma combinação de medicamentos pode prolongar a vida do doente. Alguns antibióticos podem ser usados para combater os germes que se instalam no organismo do doente.

Hoje, não mais se associa a questão da AIDS à promiscuidade, uma vez que os meios de contágio da doença podem se dar de diversas formas, por meio de objetos contantes não esterilizados ou contato sexual sem preservativos. Mesmo a AIDS tendo provocado grandes mudanças na vida sexual das pessoas, deve-se compreender que a melhor forma de cura é a prevenção, pois ninguém está preparado para essa doença.

O que se percebe é que em torno da sexualidade gira um discurso que apresenta características condizentes com a cultura e história de um povo, mas que em determinada época, põe em plano primordial a sexualidade como multiplicação da espécie. De fato, práticas sexuais, como a masturbação e o sexo anal foram tidos, no início, como busca de prazer não condizentes com a opinião dominante da época, por tomar o sexo algo prazeroso e não apenas pro criativo.

Porém, em algumas sociedades ocidentais e também orientais, as pessoas encontram a sexualidade sob um novo olhar, onde a mulher não mais tem seu desejo sexual reprimido, nem o sexo está diretamente ligado ao casamento e sua função reprodutora. Tanto o homem, quanto a mulher passam a buscar o prazer e definir o orgasmo com palavras. Segundo ZINK (2004) o poder dominante da época, numa visão distorcida sobre a função do orgasmo achava perigosa a liberação do prazer, temendo uma sociedade que tivesse suas bases constituídas na certeza de que a sexualidade seria como "força de vida".

Para LOURO (2000), as transformações sociais constituíram novas formas de relacionamento e estilos de vida que na década de 1960 se mostravam perturbadoras. Segundo a autora, quem experimenta novas formas de vida, constitui novas formas de ser, completando que a sexualidade é "aprendida", ou melhor, é constituída ao longo de toda a vida, de muitos modos, por todos os sujeitos.

3.3. Sexualidade: uma análise sobre as contribuições freudianas

Para melhor compreender a sexualidade é preciso entender as fases pelas quais o indivíduo perpassa. No estudo sobre a sexualidade, destacamos as contribuições de Sigmund Freud comentadas por GUIMARÃES (1995)

(...) que põe em crise as estruturas da sociedade de seu tempo – final do século XIX e começo do XX – quando ao unificar o trabalho clínico e a pesquisa antropológica cria o método psicanalítico que lhe permite estruturar uma nova teoria da sexualidade, onde defende que a vida do homem tem como mola motivadora básica a energia sexual, denominada libido. (p.45)

Freud explica que o desenvolvimento psíquico por fases sucessivas e progressistas apoiadas a uma “zona erógena corporal, produzindo uma fantasia básica e uma modalidade de relação como objeto” (GUIMARÃES, 1995, p. 46).

Nessa perspectiva, após o nascimento, a criança desenvolve uma estrutura sensorial que se encontra a boca. Nessa fase, todas as percepções que ela tem se dão através da sucção, aparecendo logo nas primeiras horas de vida, sendo que “(...) o prazer da sucção é auto-erótico e independente das necessidades alimentares” (PAULA & MENDONÇA, 2006, p. 104). A criança sente prazer ao sugar o mamilo da mãe quando esta lhe dá de mamar ou até mesmo a chupeta e o próprio dedo. Segundo GUIMARÃES (1995), essa é uma forma que o bebê lida efetivamente com o mundo externo.

Mais tarde, por volta do terceiro ano de vida, quando o período oral está mais avançado, a criança morde tudo o que pode levar à boca, pois nessa satisfação de suas necessidades, poderá crescer de forma saudável no campo psicológico. Sem por de lado a zona erógena bucal a busca do prazer é canalizada para a zona anal, onde a criança brinca ao reter suas fezes e urina. “Ela começa a colocar os primeiros produtos seus no mundo e através deles começa a criar um modelo de relação com o exterior”. (GUIMARÃES, 1995, p. 48).

3.3. Sexualidade: uma análise sobre as contribuições freudianas

Para melhor compreender a sexualidade é preciso entender as fases pelas quais o indivíduo passa. No estudo sobre a sexualidade, destacamos as contribuições de Sigmund Freud comentadas por GUIMARÃES (1995)

(...) que põe em crise as estruturas da sociedade de seu tempo -- final do século XIX e começo do XX -- quando ao unificar o trabalho clínico e as pesquisas antropológicas cria o método psicanalítico que lhe permite estruturar uma nova teoria da sexualidade, onde defende que a vida do homem tem como motivação básica a energia sexual, denominada libido. (p.42)

Freud explica que o desenvolvimento psíquico por fases sucessivas e progressivas apoia-se a uma "zona erógena corporal", produzindo uma fantasia básica e uma modalidade de relação como objeto" (GUIMARÃES, 1995, p. 46).

Nessa perspectiva, após o nascimento, a criança desenvolve uma estrutura sensorial que se encontra a boca. Nessa fase, todas as percepções que ela tem se dão através da sucção, aparecendo logo nas primeiras horas de vida, sendo que (...) o prazer da sucção é auto-erótico e independente das necessidades alimentares" (PAULA & MENDONÇA, 2006, p. 104). A criança sente prazer ao sugar o mamilo da mãe quando esta lhe dá de mamar ou até mesmo a chupeta e o próprio dedo. Segundo GUIMARÃES (1995), essa é uma forma que o bebê lida efetivamente com o mundo exterior.

Mais tarde, por volta do terceiro ano de vida, quando o período oral está mais avançado, a criança morde tudo o que pode levar à boca, pois nessa satisfação de suas necessidades, poderá crescer de forma saudável no campo psicológico. Sem por de lado a zona erógena bucal a busca do prazer é canalizada para a zona anal, onde a criança pratica ao reter suas fezes e urina. Ela começa a colocar os primeiros produtos seus no mundo e através deles começa a criar um modelo de relação com o exterior". (GUIMARÃES, 1995, p. 48).

Partindo da fase oral nos bebês é despertada a zona erógena fálica, em que o ato da micção causa um prazer tanto nos meninos, quanto nas meninas. É nessa fase que começam os jogos das crianças ao brincarem com a genitália, conhecendo e explorando seu próprio corpo e "(...) geralmente essa masturbação primária é muito pouco acentuada e cessa espontaneamente, só reaparecendo no decorrer do terceiro ano" (PAULA & MENDONÇA, 2006, p. 105). Segundo as autoras essas características fazem parte do desenvolvimento do ser humano, porém é pouco provável encontrar pessoas preparadas que possam orientar a criança com relação a isso, algumas podem até repreendê-las.

Num período correspondente entre 7 e 12 anos, começa a fase da latência, quando a criança adquire conhecimentos necessários para lutar pela vida. É o espaço que fica entre a fase fálica e a genital, onde nada de novo surge.

Nessa fase, aparecem barreiras mentais que impedem que a criança manifeste sua libido. Ela tem vergonha de mostrar suas emoções e os impulsos sexuais são sublimados para outras atividades, e sente prazer em brincar com os colegas, em realizar atividades escolares, esportivas, de lazer e artísticas. (PAULA & MENDONÇA, 2006, p. 107).

Com a chegada da puberdade, com o aparecimento da menstruação na menina e da ejaculação no rapaz, o ser humano se torna apto para a reprodução. É na puberdade que aparecem as mudanças físicas e comportamentais. Na fase genital, dos 12 aos 16 anos, o adolescente toma consciência de sua identidade sexual, estando pronto para amar, crescer intelectual e socialmente.

Nessa construção biológica e psíquica, o ser humano transcorre fases que vão sendo marcadas pela sua história e cultura. Percebemos que todo esse contraste biológico, psíquico, histórico e cultural, tem grande influência na construção da sexualidade das pessoas, porém o conceito de sexualidade é muito confundido com o conceito de sexo.

O que vemos é uma redefinição da sexualidade que se faz assunto presente na vida contemporânea, apesar da moralidade tradicional. Mesmo com certos tabus que circundam os discursos sobre sexo e sexualidade, as pessoas têm buscado meios para entender sua própria sexualidade.

Partindo da fase oral nos bebês é despertada a zona erógena fállica, em que o ato da micção causa um prazer tanto nos meninos, quanto nas meninas. É nessa fase que começam os jogos das crianças ao brincarem com a genitalia, conhecendo e explorando seu próprio corpo e "... geralmente essa masturbação primária é muito pouco acentuada e cessa espontaneamente, só reaparecendo no decorrer do terceiro ano" (PAULA & MENDONÇA, 2006, p. 105). Segundo as autoras essas características fazem parte do desenvolvimento do ser humano, porém é pouco provável encontrar pessoas preparadas que possam orientar a criança com relação a isso, algumas podem até reprimê-las.

Num período correspondente entre 7 e 12 anos, começa a fase da latência, quando a criança adquire conhecimentos necessários para lutar pela vida. É o espaço que fica entre a fase fállica e a genital, onde nada de novo surge.

Nessa fase, aparecem barreiras mentais que impedem que a criança manifeste sua libido. Ela tem vergonha de mostrar suas emoções e os impulsos sexuais são suprimidos para outras atividades, e sente prazer em brincar com os colegas, em realizar atividades escolares, esportivas, de lazer e artísticas. (PAULA & MENDONÇA, 2006, p. 107).

Com a chegada da puberdade, com o aparecimento da menstruação nas meninas e da ejaculação no rapaz, o ser humano se torna apto para a reprodução. É na puberdade que aparecem as mudanças físicas e comportamentais. Na fase genital, dos 12 aos 16 anos, o adolescente toma consciência de sua identidade sexual, estando pronto para amar, crescer intelectual e socialmente.

Nessa construção biológica e psíquica, o ser humano transcorre fases que vão sendo marcadas pela sua história e cultura. Percebemos que todo esse contraste biológico, psíquico, histórico e cultural, tem grande influência na construção da sexualidade das pessoas, porém o conceito de sexualidade é muito confundido com o conceito de sexo.

O que vemos é uma redefinição da sexualidade que se faz assunto presente na vida contemporânea, apesar da moralidade tradicional. Mesmo com certos tabus que circundam os discursos sobre sexo e sexualidade, as pessoas têm buscado meios para entender sua própria sexualidade.

Para defini-la é preciso ir além do sexo como função reprodutiva, ou até mesmo como busca de prazer. Abrange um conceito muito mais amplo que a considera como parte integrante do ser humano, envolvendo desde as funções biológicas até as psicológicas. A sexualidade está ligada à vida em toda a sua essência.

Para defini-la é preciso ir além do sexo como função reprodutiva, ou até mesmo como busca de prazer. Abrange um conceito muito mais amplo que a considera como parte integrante do ser humano, envolvendo desde as funções biológicas até as psicológicas. A sexualidade está ligada à vida em toda a sua essência.

3.4. Conceituando sexo e sexualidade

O conceito de sexualidade é muito confundido com o conceito de sexo. Mas a sexualidade não precisa vir acompanhada do sexo, uma vez que quando definida

como busca de prazer, este pode não ser sexual. A sexualidade abrange o ser humano como um todo, desde a sua maneira de agir, pensar, ser, ou seja, ela é inerente ao ser humano.

No processo de desenvolvimento humano a sexualidade ocupa um lugar fundamental na vida psíquica das pessoas. Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) a sexualidade possui uma

(...) potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construído ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito. (p. 295)

A sexualidade é um privilégio do ser humano e não se limita apenas ao sexo reprodutivo, mas à busca de prazer como sensação de bem-estar ou satisfação de seus desejos.

PAULA & MENDONÇA (2006) em seu texto citam a visão freudiana acerca da sexualidade. Lembram que a manifestação da sexualidade nas pessoas se inicia com o nascimento da criança e prolonga-se até a morte. Indicam que vários são os mitos que circundam a temática da sexualidade em determinados grupos sociais e tentar mudar a concepção de algo que se acredita não é tão fácil assim. Existem aí entendimentos assinalados pela vivência cultural e histórica de cada grupo.

Ao falar sobre sexualidade, existem diferentes abordagens que variam de acordo com concepções e crenças de cada um. Em algumas situações em que surgem discussões acerca do tema algumas pessoas exprimem suas opiniões de forma aberta e despida de tabus, enquanto outras ficam limitadas apenas a responder

3.4. Conceituando sexo e sexualidade

O conceito de sexualidade é muito confundido com o conceito de sexo. Mas a sexualidade não precisa vir acompanhada do sexo, uma vez que quando definida como busca de prazer, este pode não ser sexual. A sexualidade abrange o ser humano como um todo, desde a sua maneira de agir, pensar, ser, ou seja, ela é inerente ao ser humano.

No processo de desenvolvimento humano a sexualidade ocupa um lugar fundamental na vida psíquica das pessoas. Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) a sexualidade possui uma

(...) potencialidade reprodutiva, relaciona-se com a busca do prazer, necessidade fundamental das pessoas. Manifesta-se desde o momento do nascimento até a morte, de formas diferentes a cada etapa do desenvolvimento humano, sendo construído ao longo da vida. Além disso, encontra-se necessariamente marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos atos e sentimentos, expressando-se então com singularidade em cada sujeito (p. 295)

A sexualidade é um privilégio do ser humano e não se limita apenas ao sexo reprodutivo, mas é busca de prazer como sensação de bem-estar ou satisfação de seus desejos.

PAULA & MENDONÇA (2006) em seu texto citam a visão freudiana acerca da sexualidade. Lembram que a manifestação da sexualidade nas pessoas se inicia com o nascimento da criança e prolonga-se até a morte. Indizam que vários são os mitos que circundam a temática da sexualidade em determinados grupos sociais e tentar mudar a concepção de algo que se acredita não é tão fácil assim. Existem aí entendimentos assinalados pelas vivências culturais e históricas de cada grupo.

Ao falar sobre sexualidade, existem diferentes abordagens que variam de acordo com concepções e crenças de cada um. Em algumas situações em que surgem discussões acerca do tema algumas pessoas exprimem suas opiniões de forma aberta e despidas de tabus, enquanto outras ficam limitadas apenas a responder

perguntas que lhes são direcionadas de maneira discreta ou até mesmo esquivando-se do assunto.

De acordo com GUIMARÃES (1995), sexo está relacionado ao biológico, diferença física entre o homem e a mulher na atração de um pelo outro na reprodução. Essa concepção de sexo reprodutivo possui uma postura mais ligada à genitalidade, referindo-se aos órgãos sexuais ou reprodutores.

Ainda em nossos estudos percebemos que a autora menciona uma outra definição sobre o sexo no mundo moderno, onde “o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo, referindo-se às relações sexuais físicas para o prazer sexual” (GUIMARÃES, 1995, p. 23). Aí, percebe-se que o termo sexo toma uma dimensão em que as necessidades e satisfações sexuais devem ser atingidas.

Na atualidade, diferente do século XVII, o ato sexual não mais tem a função reprodutiva e sim o ato de transar, envolver-se fisicamente com outras pessoas, buscando a satisfação plena dos desejos. Às vezes, os sentimentos são envolvidos e esse ato de transar acaba se desvincilhando das influências hormonais. Nesse sentido, o sexo assume um caráter ligado ao clímax, onde as pessoas buscam experimentar as sensações do orgasmo.

Já a sexualidade, segundo GUIMARÃES (1995), é um conceito mais amplo sobre sexo incorporando reflexão, tendo um discurso maior sobre o próprio sentido do sexo e sua intencionalidade. A sexualidade não quer dizer apenas penetração, relação entre dois amantes, mas algo que tem uma dimensão bem mais duradoura que as ações: a própria vida, que passa a existir no momento do nascimento do indivíduo.

perguntas que lhes são direcionadas de maneira discreta ou até mesmo esquivando-se do assunto.

De acordo com GUIMARÃES (1995), sexo está relacionado ao biológico, diferença física entre o homem e a mulher na criação de um pelo outro na reprodução. Essa concepção de sexo reprodutivo possui uma postura mais ligada à genitalidade, referindo-se aos órgãos sexuais ou reprodutores.

Ainda em nossos estudos percebemos que a autora menciona uma outra definição sobre o sexo no mundo moderno, onde "o significado dominante do termo passa a ser fazer sexo, referindo-se às relações sexuais físicas para o prazer sexual" (GUIMARÃES, 1995, p. 23). Aí, percebe-se que o termo sexo toma uma dimensão em que as necessidades e satisfações sexuais devem ser atingidas.

Na atualidade, diferente do século XVII, o ato sexual não mais tem a função reprodutiva e sim o ato de transar, envolver-se fisicamente com outras pessoas, buscando a satisfação plena dos desejos. Às vezes, os sentimentos são envolvidos e esse ato de transar acaba se desvinculando das influências hormonais. Nesse sentido, o sexo assume um caráter ligado ao climax, onde as pessoas buscam experimentar as sensações do orgasmo.

Já a sexualidade, segundo GUIMARÃES (1995), é um conceito mais amplo sobre sexo incorporando reflexão, tendo um discurso maior sobre o próprio sentido do sexo e sua intencionalidade. A sexualidade não quer dizer apenas penetração, relação entre dois amantes, mas algo que tem uma dimensão bem mais duradoura que as ações: a própria vida, que passa a existir no momento do nascimento do indivíduo.

3.5. Gênero e sexo

Falar sobre gênero e sexo como palavras sinônimas sem fazer distinção entre elas faz com que seus conceitos fiquem limitados ao mesmo significado. Segundo VIANNA (1997), o termo gênero, na sociedade ocidental contemporânea distanciou-se do termo sexo, que passa a associar-se a interpretações biológicas, enquanto gênero procura resgatar o caráter histórico e culturas dos significados masculino e feminino no que diz respeito ao universo em que eles estão inseridos

Para WEEKS (2000), o gênero separa o homem da mulher no que diz respeito às relações de poder, quando ele diz em seu texto que “As classes são constituídas de homens e mulheres e diferenças de classe e *status* podem não ter o mesmo significado para mulheres e homens.” (p. 56). Assim, para o autor gênero não é uma simples categoria analítica ela é uma relação de poder, completando que os padrões de sexualidade definidas para as mulheres são produtos de desejos dos homens.

Essa visão de gênero explicita a inferiorização da mulher diante da figura masculina, de modo que ela, numa relação de poder, encontra-se submissa aos desejos dos homens. Essa inferiorização da figura feminina é uma questão puramente histórica presente em vários episódios da humanidade. Os escritos constados na Bíblia, no livro de Gênesis, capítulo 2, relatam o momento da criação da mulher, a partir de uma costela do homem e diante desse fato histórico, algumas idéias são expostas realçando o poder masculino exercido sobre a mulher. Outro fato ocorrido foi no momento da definição dos casamentos monogâmicos, em que o homem acaba ganhando a liberdade de dar suas escapadas extraconjugais, enquanto suas esposas ficam em casa cuidando dos filhos e lhe esperando, além de manter-se fiel a ele. Esse último fato deixa claro o papel da mulher no casamento que é a sua função reprodutiva.

Conforme consta em FERREIRA (2001) o termo gênero possui vários significados, como:

3.2. Gênero e sexo

Falar sobre gênero e sexo como palavras sinônimas sem fazer distinção entre elas faz com que seus conceitos fiquem limitados ao mesmo significado. Segundo VIANNA (1997), o termo gênero, na sociedade ocidental contemporânea distanciou-se do termo sexo, que passa a associar-se a interpretações biológicas, enquanto gênero procura resgatar o caráter histórico e culturas dos significados masculino e feminino no que diz respeito ao universo em que eles estão inseridos.

Para WEEKS (2000), o gênero separa o homem da mulher no que diz respeito às relações de poder, quando ele diz em seu texto que "As classes são constituídas de homens e mulheres e diferenças de classe e status podem não ter o mesmo significado para mulheres e homens." (p. 56). Assim, para o autor gênero não é uma simples categoria analítica, ela é uma relação de poder, completando que os padrões de sexualidade definidos para as mulheres são produtos de desejos dos homens.

Essa visão de gênero explicita a inferiorização da mulher diante da figura masculina, de modo que ela, numa relação de poder, encontra-se submetida aos desejos dos homens. Essa inferiorização da figura feminina é uma questão puramente histórica presente em vários episódios da humanidade. Os escritos constados na Bíblia, no livro de Gênesis, capítulo 2, relatam o momento da criação da mulher, a partir de uma costela do homem e diante desse fato histórico, algumas ideias são expostas ressaltando o poder masculino exercido sobre a mulher. Outro fato ocorrido foi no momento da definição dos casamentos monogâmicos, em que o homem acaba ganhando a liberdade de dar suas escapadas extracônjugais, enquanto suas esposas ficam em casa cuidando dos filhos e lhe esperando, além de manter-se fiel a ele. Esse último fato deixa claro o papel da mulher no casamento que é a sua função reprodutiva.

Conforme consta em FERREIRA (2001) o termo gênero possui vários significados, como:

1. Agrupamento de indivíduos, objetos, etc, que tenham características comuns. 2. Classe, ordem, qualidade. 3. Modo, estilo. 4 A forma como se manifesta social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. 5. *Biol.* Reunião de espécies. (...) (p. 345)

Nota-se que antropologicamente, gênero remete a identidade sexual do indivíduo que é fruto da sociedade em que vive, podendo perceber-se homem ou mulher identificando-se como homo ou hetero (FERREIRA, 2001), convém salientar ser necessário buscar “a compreensão da Sexualidade Humana, como totalidade, isto é, enquanto natureza e enquanto cultura” (GUIMARÃES, 1995, p 24).

Segundo VIANNA (1997), frequentemente faz-se uma diferenciação entre homens e mulheres no que diz respeito ao sexo e gênero referentes às suas condições biológicas, em que as mulheres simbolizam o corpo, a reprodução humana, enquanto o homem representa o social. De acordo ao autor, nessa perspectiva, as mulheres passam a ser associadas às atividades domésticas, como alimentação, maternidade, cuidado, educação. Já os homens são vistos como provedores, sendo relacionados ao uso do poder.

Assim, percebe-se que nessa relação polarizada, o homem é posto numa situação de superioridade, ressaltando que essa questão da diferenciação de gênero é puramente social. Para ilustrar essa situação, VIANNA (1997) destaca que vários estereótipos são criados sobre homens e mulheres, em que para a primeira categoria são atribuídas atitudes grosseiras, como agressividade, enquanto para a segunda, atitudes mais dóceis. Deste modo, se forem vistas atitudes contrárias às descritas, um homem dócil ou uma mulher grosseira, a sociedade passa a achar estranho, reforçando a idéia do autor de que essas características são socialmente construídas.

Deste modo, percebe-se que sexo diz respeito à diferença física entre a mulher e o homem (sexo feminino e sexo masculino) , o macho e a fêmea; enquanto gênero, pode-se dizer que é a diferenciação social entre a mulher e o homem. Assim, pode-se afirmar que a palavra sexo está relacionada diretamente ao biológico, enquanto a palavra gênero ao social.

1. Agrupamento de indivíduos, objetos, etc. que tenham características comuns. 2. Classe, ordem, qualidade. 3. Modo, estilo. 4. A forma como se manifesta social e culturalmente, a identidade sexual dos indivíduos. 5. Biol. Reunião de espécies. (...) (p. 345)

Nota-se que antropológicamente, gênero remete a identidade sexual do indivíduo que é fruto da sociedade em que vive, podendo perceber-se homem ou mulher identificando-se como homo ou hetero (FERREIRA, 2001), convém salientar ser necessário buscar "a compreensão da Sexualidade Humana, como totalidade, isto é, enquanto natureza e enquanto cultura" (GUIMARÃES, 1992, p. 24).

Segundo VIANA (1997), frequentemente faz-se uma diferenciação entre homens e mulheres no que diz respeito ao sexo e gênero referentes às suas condições biológicas, em que as mulheres simbolizam o corpo, a reprodução humana, enquanto o homem representa o social. De acordo ao autor, nessa perspectiva, as mulheres passam a ser associadas às atividades domésticas, como alimentação, maternidade, cuidado, educação. Já os homens são vistos como provedores, sendo relacionados ao uso do poder.

Assim, percebe-se que nessa relação polarizada, o homem é posto numa situação de superioridade, ressaltando que essa questão da diferenciação de gênero é puramente social. Para ilustrar essa situação, VIANA (1997) destaca que vários estereótipos são criados sobre homens e mulheres, em que para a primeira categoria são atribuídas atitudes grosseiras, como agressividade, enquanto para a segunda, atitudes mais doces. Deste modo, se forem vistas atitudes contrárias às descritas, um homem dócil ou uma mulher grosseira, a sociedade passa a achar estranho, reforçando a ideia do autor de que essas características são socialmente construídas.

Deste modo, percebe-se que sexo diz respeito à diferença física entre a mulher e o homem (sexo feminino e sexo masculino), o macho e a fêmea; enquanto gênero, pode-se dizer que é a diferenciação social entre a mulher e o homem. Assim, pode-se afirmar que a palavra sexo está relacionada diretamente ao biológico, enquanto a palavra gênero ao social.

3.6.A sexualidade no século XXI

A família é o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte. É a partir do convívio com as pessoas que compõem a família que a personalidade de uma pessoa vai sendo formada. O indivíduo vai crescendo e se adaptando à cultura do seu grupo aí "(...) vemos que os núcleos familiares tem permanecido como modeladores sexuais apesar das mudanças socioculturais e políticas" (GUIMARÃES, 1995, p. 36). Com isso, é possível perceber, que em alguns grupos sociais, as pessoas acabam vivendo no presente, com o pensamento estagnado no passado, devido aos laços que os unem às famílias.

Apesar dos valores transmitidos pelas famílias a cada geração, em especial os valores sexuais, em determinados grupos sociais algumas mudanças acabaram surgindo no decorrer de alguns anos. WEEKS (2000) reforça no que diz respeito às mudanças nas relações familiares em dois aspectos: primeiro é com relação ao casamento e à família, o segundo é que as famílias mudam ao longo do ciclo de vida de seus membros. O autor reforça que antes havia a idéia do casamento para toda vida, o contrário da época atual, em que a maioria dos casamentos acaba com o divórcio. Em se tratando da família, na visão do autor citado, é que elas mudaram, não mais tendo a idéia da família composta por mãe, pai e filhos (hoje há famílias compostas por pai ou mãe solteira, filhos criados por duas mães ou por dois pais, dentre outras).

Apesar de estarmos vivendo em pleno século XXI, não temos total abertura para falar sobre sexualidade, porém este assunto está veiculado na mídia constantemente, quer seja nas telenovelas, revistas femininas ou masculinas, nos programas infantis ou direcionados para o público adulto. É preciso que haja mudanças, já que a sexualidade é um dos temas mais discutidos na atualidade pelas fontes de informações e segundo SIMONETTI (1993):

Falar de sexo naturalmente, como de qualquer outro assunto, é uma mudança que muitos consideram positiva. Faz parte da "modernização da vida sexual" que acompanha as mudanças de padrão da vida contemporânea, opondo-se à moralidade sexual tradicional. Sem dúvida, a TV contribui muito para esse processo. (SIMONETTI, p. 83)

3.6.A sexualidade no século XXI

A família é o primeiro grupo social do qual o indivíduo faz parte. É a partir do convívio com as pessoas que compõem a família que a personalidade de uma pessoa vai sendo formada. O indivíduo vai crescendo e se adaptando à cultura do seu grupo al (...) vemos que os núcleos familiares têm permanecido como modelos sexuais apesar das mudanças socioculturais e políticas" (GUIMARÃES, 1995, p. 36). Com isso, é possível perceber, que em alguns grupos sociais, as pessoas acabam vivendo no presente, com o pensamento estagnado no passado, devido aos laços que os unem às famílias.

Apesar dos valores transmitidos pelas famílias a cada geração, em especial os valores sexuais, em determinados grupos sociais algumas mudanças acabam surgindo no decorrer de alguns anos. WEEKS (2000) reforça no que diz respeito às mudanças nas relações familiares em dois aspectos: primeiro é com relação ao casamento e à família, o segundo é que as famílias mudam ao longo do ciclo de vida de seus membros. O autor reforça que antes havia a ideia do casamento para toda vida, o contrário da época atual, em que a maioria dos casamentos acaba com o divórcio. Em se tratando da família, na visão do autor citado, é que elas mudaram, não mais tendo a ideia da família composta por mãe, pai e filhos (hoje há famílias compostas por pai ou mãe solteira, filhos criados por duas mães ou por dois pais, dentre outras).

Apesar de estarmos vivendo em pleno século XXI, não temos total abertura para falar sobre sexualidade, porém este assunto está veiculado na mídia constantemente, quer seja nas telenovelas, revistas femininas ou masculinas, nos programas infantis ou direcionados para o público adulto. É preciso que haja mudanças, já que a sexualidade é um dos temas mais discutidos na atualidade pelas fontes de informações e segundo SIMONETTI (1993):

Falar de sexo naturalmente, como de qualquer outro assunto, é uma mudança que muitos consideram positiva. Faz parte da "modernização da vida sexual", que acompanha as mudanças de padrão de vida contemporâneas, quando se é moralidade sexual tradicional. Sem dúvida, a TV contribui muito para esse processo. (SIMONETTI, p. 83)

De fato, a TV contribui muito para as mudanças contemporâneas em torno da sexualidade, porém, a influência no mundo infantil é muito grande. Conforme SIMONETTI (1993) em seu texto, os programas acabam expondo produtos (que as emissoras apostam no mercado infantil), padronizando as meninas que, ao comprá-los, acabam levando a presença dos ídolos femininos para as ruas. Os meninos também são influenciados através de desenhos que mostram os supereróis salvando as mocinhas indefesas ou na luta contra o mal, reforçando a idéia de fragilidade da mulher, além da questão do espírito competidor.

A TV é um meio de comunicação presente em quase todos os lares, tendo um impacto muito grande nas informações que passa ao público. Porém, não é o único a abordar a sexualidade em todos os sentidos. As revistas, tanto masculinas, quanto femininas, têm por assunto as variadas questões ligadas à sexualidade, desde os cuidados com a saúde sexual e discussões sobre os relacionamentos amorosos, aos padrões de definições de corpo ideal.

Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) a mídia com sua múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel e ajuda a moldar visões e comportamentos. “Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. (...) Ao ser elaborado por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneos quanto fantasiosos.” (p. 292)

EGYPTO (2003), também faz considerações sobre a maneira como a sexualidade é abordada pelos meios de comunicação, em que “A sexualidade que é passada pelos meios de comunicação é consumo, é excitação, atrai e estimula crianças e adolescentes. Os índices de audiência de programas televisivos perversos, onde o sexo é escancarado, mostram isso. Os jovens, e mesmo as crianças são platéia garantida.” (p. 17)

Também, percebe-se que muitas vezes a sexualidade vem sendo banalizada pelos meios de comunicação, em que os corpos são usados para vender produtos.

De fato, a TV contribuiu muito para as mudanças comportamentais em torno da sexualidade, porém, a influência no mundo infantil é muito grande. Conforme SIMONETTI (1993) em seu texto, os programas acabam expondo produtos (que as emissoras apostam no mercado infantil), padronizando as meninas que, ao comprá-los, acabam levando a presença dos ídolos femininos para as ruas. Os meninos também são influenciados através de desenhos que mostram os super-heróis salvando as mocinhas indefesas ou na luta contra o mal, reforçando a idéia de fragilidade da mulher, além da questão do espírito competitivo.

A TV é um meio de comunicação presente em quase todos os lares, tendo um impacto muito grande nas informações que passa ao público. Porém, não é o único a abordar a sexualidade em todos os sentidos. As revistas, tanto masculinas, quanto femininas, têm por assunto as variadas questões ligadas à sexualidade, desde os cuidados com a saúde sexual e discussões sobre os relacionamentos amorosos, aos padrões de definições de corpo ideal.

Conforme consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (1998) a mídia com suas múltiplas manifestações, e com muita força, assume relevante papel e ajuda a moldar visões e comportamentos. "Ela veicula imagens eróticas, que estimulam crianças e adolescentes, incrementando a ansiedade e alimentando fantasias sexuais. (...) Ao ser elaborado por crianças e adolescentes, essa mescla de mensagens pode acabar produzindo conceitos e explicações tanto errôneas quanto fantasiosas." (p. 282)

EGYPTO (2003), também faz considerações sobre a maneira como a sexualidade é abordada pelos meios de comunicação, em que "A sexualidade que é passada pelos meios de comunicação é consumo, é excitação, atração e estimula crianças e adolescentes. Os índices de audiência de programas televisivos perversos, onde o sexo é escarncado, mostram isso. Os jovens, e mesmo as crianças são plácidamente garantidas." (p. 17)

Também, percebe-se que muitas vezes a sexualidade vem sendo banalizada pelos meios de comunicação, em que os corpos são usados para vender produtos.

Segundo CANO & FERRIANI (2001), essa banalização torna difícil aos pais a tarefa de educar, associando o sexo ao afeto, responsabilidade e promoção de saúde.

Outro fato bastante interessante são as atitudes pautadas nas relações homossexuais, em que WEEKS (2000) discorre que parece haver uma aceitação geral de que essas relações não deveriam ser sujeitas a punições. O fato é que ainda existem sociedades em que esse tipo de relação não é bem recebida pelas pessoas, segundo o autor, não há aceitação para colocá-la em situação de igualdade com as heterossexuais.

Atualmente há o movimento gay que acabara eclodindo a partir da aprovação de uma legislação para proibir a promoção da homossexualidade como ideal de família, em 1988, pelo governo britânico, em que lésbicas e homens gays reivindicavam por direitos iguais diante dos casais heterossexuais. Segundo WEEKS (2000), por trás disso estavam as atitudes hesitantes relacionadas ao homossexualismo devido a crise causada pela AIDS como ameaça de grande importância à saúde, uma vez que as primeiras pessoas com a síndrome eram homens gays. "O que estamos vendo é um reconhecimento crescente dos fatos da diversidade social e sexual." (.p. 79)

Hoje, o movimento gay avançou, englobando diversos outros grupos sociais, no qual também a família tida como "ideal" apóia de certo modo as pessoas envolvidas nesse tipo de movimento. O que começou em meio à sociedade britânica, alçou vôos em direção a outros continentes, mostrando ser possível, apesar dos tabus e idéias enganadas, uma outra concepção de viver a sexualidade.

Deste modo, percebe-se que apesar de estarmos vivendo num mundo com transformações constantes, a sexualidade ainda é tratada como algo que está distante do ser humano, que pode ser considerada uma coisa absurda. Embora existam belos discursos sobre a renovação dos valores, entre eles os sexuais, é nítido que tudo fica apenas em palavras e nunca parecem estar próximas das ações, ilustrando o caráter assumido pela sexualidade através dos tempos e em sua história nesse início de século XXI.

Segundo CANO & FERRIANI (2001), essa banalização torna difícil aos pais a tarefa de educar, associando o sexo ao afeto, responsabilidade e promoção de saúde.

Outro fato bastante interessante são as atitudes pautadas nas relações homossexuais, em que WEEKS (2000) discute que parece haver uma aceitação geral de que essas relações não devam ser sujeitas a punições. O fato é que ainda existem sociedades em que esse tipo de relação não é bem recebida pelas pessoas, segundo o autor, não há aceitação para colocá-la em situação de igualdade com as heterossexuais.

Atualmente há o movimento gay que acabou eclodindo a partir da aprovação de uma legislação para proibir a promoção da homossexualidade como ideal de família, em 1988, pelo governo britânico, em que lésbicas e homens gays reivindicavam por direitos iguais diante dos casais heterossexuais. Segundo WEEKS (2000), por trás disso estavam as atitudes hesitantes relacionadas ao homossexualismo devido a crise causada pela AIDS como ameaça de grande importância à saúde, uma vez que as primeiras pessoas com a síndrome eram homens gays. "O que estamos vendo é um reconhecimento crescente dos fatos da diversidade social e sexual." (p. 79)

Hoje, o movimento gay avançou, englobando diversos outros grupos sociais, no qual também a família é vista como "ideal" após de certo modo as pessoas envolvidas nesse tipo de movimento. O que começou em meio à sociedade britânica, alçou vôos em direção a outros continentes, mostrando ser possível, apesar dos tabus e ideais engendrados, uma outra concepção de viver a sexualidade.

Deste modo, percebe-se que apesar de estarmos vivendo num mundo com transformações constantes, a sexualidade ainda é tratada como algo que está distante do ser humano, que pode ser considerada uma coisa absurda. Embora existam belos discursos sobre a renovação dos valores, entre eles os sexuais, é nítido que tudo fica apenas em palavras e nunca parecem estar próximas das ações, ilustrando o caráter assumido pela sexualidade através dos tempos e em sua história nesse início de século XXI.

3.7. Sexualidade na adolescência

Falar sobre sexualidade na adolescência continua sendo um desafio para pais e educadores. Apesar de o assunto ser abordado com mais abertura na atualidade, ainda apresenta uma atitude polêmica, chegando a causar inquietações entre os adolescentes. Sexo e sexualidade se misturam nas cabeças de quem está começando a lidar com essas questões e falar sobre tudo isso é acompanhar de perto uma fase de descobertas.

Para melhor entender o que se passa pela cabeça dos jovens e os desafios que os pais e a escola têm enfrentado para lidar com situações que envolvem as questões relacionadas ao mundo adolescente, na sua maneira de lidar com os outros e com o próprio mundo, faz-se necessário compreender o conceito de adolescência e seus aspectos sociais e biológicos e o papel da família e da escola acerca da sexualidade na adolescência.

O período da adolescência está compreendido entre 11 a 20 anos de idade e está marcado por uma fase de transição, que segundo RENA (2001) tem profundas “raízes” que partem da infância, lançando seus galhos para o futuro. Nessa fase de transição, o indivíduo passa por uma verdadeira metamorfose, envolvendo não só transformações físicas como psicológicas, implicando na concordância e reconhecimento de um corpo novo que, de certa forma, anula o corpo infantil.

RENA (2001), em seus estudos, traz a etimologia da palavra adolescência sendo “derivada de *adolescere*, verbo latino que significa “crescimento” ou tem o sentido de “crescer até a maturidade” (RENA, 2001, pág. 31). Já FERREIRA (2001) define a adolescência num sentido mais amplo como “período da vida humana que começa com a puberdade e se caracteriza por mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se, aproximadamente, dos 12 aos 20 anos”. (FERREIRA, 2001, p. 18)

Para LOPES & MAIA (2001) o adolescente está num processo de alterações biológicas, psicológicas, sexuais e sociais, incluindo diversos fatores: aceitação das mudanças físicas, estabelecimento das relações de grupo, desenvolvimento da

3.7. Sexualidade na adolescência

Falar sobre sexualidade na adolescência continua sendo um desafio para pais e educadores. Apesar de o assunto ser abordado com mais abertura na atualidade, ainda apresenta uma atitude polêmica, chegando a causar inquietações entre os adolescentes. Sexo e sexualidade se misturam nas cabeças de quem está começando a lidar com essas questões e falar sobre tudo isso é acompanhar de perto uma fase de descobertas.

Para melhor entender o que se passa pela cabeça dos jovens e os desafios que os pais e a escola têm enfrentado para lidar com situações que envolvem as questões relacionadas ao mundo adolescente, na sua maneira de lidar com os outros e com o próprio mundo, faz-se necessário compreender o conceito de adolescência e seus aspectos sociais e biológicos e o papel da família e da escola acerca da sexualidade na adolescência.

O período da adolescência está compreendido entre 11 a 20 anos de idade e está marcado por uma fase de transição, que segundo RENA (2001) tem profundas "raízes" que partem da infância, lançando seus galhos para o futuro. Nessa fase de transição, o indivíduo passa por uma verdadeira metamorfose, envolvendo não só transformações físicas como psicológicas, implicando na concordância e reconhecimento de um corpo novo que, de certa forma, anula o corpo infantil.

RENA (2001), em seus estudos, traz a etimologia da palavra adolescência, sendo "derivada de *adolescere*, verbo latino que significa "crescimento" ou tem o sentido de "crescer até a maturidade" (RENA, 2001, pág. 31). Já FERREIRA (2001) define a adolescência num sentido mais amplo como "período da vida humana que começa com a puberdade e se caracteriza por mudanças corporais e psicológicas, estendendo-se, aproximadamente, dos 12 aos 20 anos." (FERREIRA, 2001, p. 18)

Para LOPES & MAIA (2001) o adolescente está num processo de alterações biológicas, psicológicas, sexuais e sociais, incluindo diversos fatores: aceitação das mudanças físicas, estabelecimento das relações de grupo, desenvolvimento da

responsabilidade e construção de valores pessoais consistentes com o ambiente social. Esses fatores fazem com que os adolescentes se comparem com outras pessoas achando serem normais ou não.

A adolescência está marcada por dois processos pelos quais passam todos os seres humanos: a puberdade e a adolescência. “A **puberdade** é o período das mudanças físicas que resultam no amadurecimento sexual, o qual possibilita a reprodução. A **adolescência** compreende todas as mudanças sociais e emocionais dessa faixa etária.” (LOPES & MAIA, 2001, p.16)

Para TRIVELLATO (2006), a puberdade ocorre entre os 10 e 17 anos, variando para os meninos e meninas. Nos meninos entre os 10 e 13 anos quando reinicia a produção de testosterona, já que durante o desenvolvimento o feto libera hormônios, cessando após duas semanas de vida. E nas meninas ocorre por volta dos 8 e indo até os 10 ou 12 anos após a primeira menstruação. Para algumas meninas isso pode acontecer mais cedo ou mais tarde, sem que haja alguma anormalidade nessa diferença.

Em BARROS (2004), verificamos que as mudanças ocorrem por volta de 12 a 13 anos de idade, quando de fato começa a puberdade. Segundo o autor, a palavra puberdade vem do latim púbis que significa penugem ou pêlos. “Essa palavra é adequada, pois é nessa fase da vida que surgem os pêlos na região dos órgãos sexuais e nas axilas” (p. 43).

BERTOLOZZO & MALUHY (2005) coloca que a puberdade começa entre 10 e 13 anos, para a maioria das meninas e para os meninos a partir dos 11 até os 14 anos. Segundo a autora, duas transformações importantes ocorrem no organismo humano nessa fase: as primárias e as secundárias. “As primárias são importantes para a capacidade de reprodução, pois são alterações que ocorrem nos órgãos sexuais, que estão em processo de maturação, e as secundárias são resultantes de mudanças tanto no corpo quanto na mente.” (p. 57)

De acordo com TRIVELLATO (2006), durante a infância o que difere os meninos das meninas são os órgãos sexuais que recebem o nome de caracteres sexuais primários. Com a puberdade, os corpos, tanto de meninos como de meninas, vão

responsabilidade e construção de valores pessoais consistentes com o ambiente social. Esses fatores fazem com que os adolescentes se comparem com outras pessoas achando serem normais ou não.

A adolescência está marcada por dois processos pelos quais passam todos os seres humanos: a puberdade e a adolescência. A puberdade é o período das mudanças físicas que resultam no amadurecimento sexual, o qual possibilita a reprodução. A adolescência compreende todas as mudanças sociais e emocionais dessa faixa etária. (LOPES & MAIA, 2001, p.16)

Para TRIVELATO (2006), a puberdade ocorre entre os 10 e 17 anos, variando para os meninos e meninas. Nos meninos entre os 10 e 13 anos quando termina a produção de testosterona, já que durante o desenvolvimento o feto libera hormônios, cessando após duas semanas de vida. E nas meninas ocorre por volta dos 8 e indo até os 10 ou 12 anos após a primeira menstruação. Para algumas meninas isso pode acontecer mais cedo ou mais tarde, sem que haja alguma anormalidade nessa diferença.

Em BARROS (2004), verificamos que as mudanças ocorrem por volta de 12 a 13 anos de idade, quando de fato começa a puberdade. Segundo o autor, a palavra puberdade vem do latim pūbis que significa penugem ou pêlos. Essa palavra é adequada, pois é nessa fase da vida que surgem os pêlos na região dos órgãos sexuais e nas axilas. (p. 43)

BERTOLOZZO & MALUHY (2005) coloca que a puberdade começa entre 10 e 13 anos, para a maioria das meninas e para os meninos a partir dos 11 até os 14 anos. Segundo o autor, duas transformações importantes ocorrem no organismo humano nessa fase: as primárias e as secundárias. As primárias são importantes para a capacidade de reprodução, pois são alterações que ocorrem nos órgãos sexuais, que estão em processo de maturação, e as secundárias são resultantes de mudanças tanto no corpo quanto na mente. (p. 57)

De acordo com TRIVELATO (2006), durante a infância o que difere os meninos das meninas são os órgãos sexuais que recebem o nome de caracteres sexuais primários. Com a puberdade, os corpos, tanto de meninos como de meninas, vão

passar a ter características diferentes com o aparecimento das características sexuais secundárias, havendo a possibilidade de reprodução.

A fase da puberdade é marcada por algumas alterações hormonais. É quando os órgãos sexuais têm um considerável aumento na produção de hormônios. Esses hormônios agem em diferentes regiões do corpo ao serem lançados no sangue, causando mudanças que são notadas com grande facilidade no corpo dos jovens.

No centro da cabeça, há uma glândula bem pequenina, assemelhada ao tamanho de uma ervilha, chamada de hipófise. É ela quem estimula outras glândulas, como os ovários que produzem o estrógeno e os testículos que produzem a testosterona, ao produzir dois outros hormônios: o hormônio luteinizante (LH) e o hormônio folículo-estimulante (FSH). Ao receber estímulo de outra área do cérebro - o hipotálamo - a hipófise começa a produzir os hormônios LH e FSH. A hipófise também é responsável pela produção do hormônio do crescimento que, ao ter um funcionamento anormal durante a infância num indivíduo, pode ter certas conseqüências, como crescimento exagerado ou retardado.

Quando o organismo de uma criança passa a produzir uma quantidade grande de hormônios sexuais, algumas mudanças são observadas tanto no corpo das meninas, quanto no dos meninos. As meninas tendem a acumular gordura debaixo da pele, na região dos quadris, mamas, costas e braços. Nos meninos há um aumento da massa muscular, além de mudanças na voz. Todos os tecidos do organismo passam por essas modificações durante a puberdade.

De repente quem era criança começa a passar por mudanças que causam impactos tanto no lado físico, quanto no psicológico. A seguir, um quadro comparativo com as mudanças ocorridas no corpo da adolescente feminina e do adolescente masculino mostra as mudanças que ocorrem tanto no seu interior, quanto de forma visível.

passar a ter características diferentes com o aparecimento das características sexuais secundárias, havendo a possibilidade de reprodução.

A fase da puberdade é marcada por algumas alterações hormonais. É quando os órgãos sexuais têm um considerável aumento na produção de hormônios. Esses hormônios agem em diferentes regiões do corpo ao serem lançados no sangue, causando mudanças que são notadas com grande facilidade no corpo dos jovens.

No centro da cabeça, há uma glândula bem pequena, assemelhada ao tamanho de uma ervilha, chamada de hipófise. É ela quem estimula outras glândulas, como os ovários que produzem o estrogênio e os testículos que produzem a testosterona, ao produzir dois outros hormônios: o hormônio luteinizante (LH) e o hormônio folículo-estimulante (FSH). Ao receber estímulo de outra área do cérebro - o hipotálamo - a hipófise começa a produzir os hormônios LH e FSH. A hipófise também é responsável pela produção do hormônio do crescimento que, ao ter um funcionamento anormal durante a infância num indivíduo, pode ter certas conseqüências, como crescimento exagerado ou retardado.

Quando o organismo de uma criança passa a produzir uma quantidade grande de hormônios sexuais, algumas mudanças são observadas tanto no corpo das meninas, quanto no dos meninos. As meninas tendem a acumular gordura abaixo da pele, na região dos quadris, mamas, costas e braços. Nos meninos há um aumento da massa muscular, além de mudanças na voz. Todos os tecidos do organismo passam por essas modificações durante a puberdade.

De repente quem era criança começa a passar por mudanças que causam impactos tanto no lado físico, quanto no psicológico. A seguir, um quadro comparativo com as mudanças ocorridas no corpo da adolescente feminina e do adolescente masculino mostra as mudanças que ocorrem tanto no seu interior, quanto de forma visível.

MENINAS	MENINOS
<ul style="list-style-type: none"> • Aparecimento de pelos no púbis e axilas. • Desenvolvimento das mamas. • Aparecimento dos cravos e espinhas no rosto. • Surgimento da primeira menstruação (menarca). • As glândulas sudoríparas passam a produzir mais suor. • Alargamento dos quadris e delineamento da cintura. • Delineamento das coxas. • Aumento de peso. • Início da produção de óvulos pelos ovários. • Crescimento do ovário, do útero, das tubas uterinas e da vagina. 	<ul style="list-style-type: none"> • Aparecimento de pelos no púbis e axilas. • Desenvolvimento da musculatura. • Primeira ejaculação devido a masturbação. • As glândulas sudoríparas passam a produzir mais suor. • Aumento dos pelos no rosto, nas pernas e nos braços. • A voz começa a engrossar. • Os ombros alargam e a força muscular e o peso aumentam. • Início da produção de espermatozóides. • Crescem o pênis e os testículos.

Vale salientar, segundo LOPES & MAIA (2001), que antes de tudo há o chamado estirão puberal, que é uma aceleração do crescimento, em que "as roupas e sapatos vão ficando pequenos, assim como o espaço que a criança ocupa. Ela está sempre esbarrando em cadeiras e mesas, deixando copos e pratos se quebrarem." (p. 22)

Após a fase de mudanças vem o período da adaptação, em que o adolescente terá de aprender a conviver com seu novo corpo, além das mudanças psicológicas que geram alguns conflitos durante esse momento de sua vida. LOPES & MAIA (2001), trazem uma consideração relevante sobre a independência emocional e econômica do adolescente com relação à sua família:

MENINOS	MENINAS
<ul style="list-style-type: none"> • Crescem o pênis e os testículos • Início da produção de espermatozoides • Os ombros alargam e a força muscular e o peso aumentam. • A voz começa a engrossar. • Aumento dos pelos no rosto, nas pernas e nos braços. • As glândulas sudoríparas passam a produzir mais suor. • As glândulas sudoríparas passam a masturbação. • Primeira ejaculação devido a desenvolvimento da musculatura axilar. • Aparecimento de pelos no púbis e axilas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Crescimento do ovário, do útero e das tubas uterinas e da vagina. • Início da produção de óvulos pelos ovários • Aumento de peso. • Delimitação das coxas. • Delimitação da cintura. • Alargamento dos quadris e produção de suor. • As glândulas sudoríparas passam a produzir mais suor. • Menstruação (menarca). • Surgimento da primeira menstruação. • Aparecimento dos cravos e espinhas no rosto. • Desenvolvimento das mamas. • Aparecimento de pelos no púbis e axilas.

Vale salientar, segundo LOPES & MAIA (2001), que antes de tudo há o chamado estágio puberal, que é uma aceleração do crescimento, em que "as roupas e sapatos vão ficando pequenos, assim como o espaço que a criança ocupa. Ela está sempre espantando em cadeiras e mesas, deixando copos e pratos se quebrem." (p. 22)

Após a fase de mudanças vem o período de adaptação, em que o adolescente terá de aprender a conviver com seu novo corpo, além das mudanças psicológicas que geram alguns conflitos durante esse momento de sua vida. LOPES & MAIA (2001), trazem uma consideração relevante sobre a independência emocional e econômica do adolescente com relação à sua família:

A necessidade de independência começa no início da adolescência, quando a criança perde o interesse pelas atividades familiares e se torna resistente ao conselho dos parentes. No meio da adolescência, o grupo assume a importância social principal e o conflito familiar atinge o seu pico. No final da adolescência, quando a/o jovem consegue estabelecer sua própria identidade, separando da família, os conflitos tendem a diminuir. (LOPES & MAIA, 2001, p. 16)

De fato, a família é a primeira sociedade com a qual o indivíduo se relaciona nos seus primeiros anos de vida e durante toda sua infância é a principal por propiciar meios que lhe dêem acesso à educação. Porém, durante a adolescência o convívio familiar torna-se um tanto delicado pela dificuldade que os pais (ou outros membros da família) encontram em lidar com os jovens. Muitos pais agem com seus filhos adolescentes como se eles ainda fossem crianças, querendo controlar todos os seus passos, desde o que devem comer ou mesmo a hora que devem tomar banho.

De acordo com MONESI (1993), não se pode criar regras sobre como os adolescentes devem agir ou se comportar, pois isso pode ser um erro. Não que os adolescentes devam ser contra as regras, mas dar-lhes liberdade para que os mesmos aprendam que o que sentem se diferencia das regras sociais, sem se desentender com o grupo social.

Muitas vezes os comportamentos que os adolescentes apresentam assustam os adultos e em determinados momentos chegam a chamá-los de 'aborrecentes'. De fato, são comportamentos um tanto estranhos para os adultos, mas que "na verdade, essas atitudes são inerentes a alguém que está vivendo um processo de crise e de luta específico do seu momento histórico." (MONESI, 1993, p. 21).

O que eles não entendem é que não dá para separar o adolescente dessas atitudes que apresentam nesse dado momento de sua vida, porque lidar com algo novo causa insegurança, refletindo na sua maneira de agir e pensar. Ainda referindo-se a LOPES & MAIA (2001), alguns adultos acham que esses comportamentos são anormais ou doentios, contudo, é preciso ter cuidados para não criar padrões, nem estereótipos para o jovem adolescente.

A necessidade de independência começa no início da adolescência, quando a criança perde o interesse pelas atividades familiares e se torna resistente ao conselho dos pais. No meio da adolescência, o grupo assume a importância social principal e o conflito familiar atinge o seu pico. No final da adolescência, quando o jovem consegue estabelecer sua própria identidade, separando da família, os conflitos tendem a diminuir. (LOPES & MAIA, 2001, p. 16)

De fato, a família é a primeira sociedade com a qual o indivíduo se relaciona nos seus primeiros anos de vida e durante toda sua infância é a principal por proporcionar meios que lhe dêem acesso à educação. Porém, durante a adolescência o convívio familiar torna-se um tanto delicado pela dificuldade que os pais (ou outros membros da família) encontram em lidar com os jovens. Muitos pais agem com seus filhos adolescentes como se eles ainda fossem crianças, querendo controlar todos os seus passos, desde o que devem comer ou mesmo a hora que devem tomar banho.

De acordo com MONESI (1993), não se pode criar regras sobre como os adolescentes devem agir ou se comportar, pois isso pode ser um erro. Não que os adolescentes devam ser contra as regras, mas dar-lhes liberdade para que os mesmos aprendam que o que sentem se diferencia das regras sociais, sem se desentender com o grupo social.

Muitas vezes os comportamentos que os adolescentes apresentam assustam os adultos e em determinados momentos chegam a chamá-los de 'adolescentes'. De fato, são comportamentos um tanto estranhos para os adultos, mas que "na verdade, essas atitudes são inerentes a alguém que está vivendo um processo de crise e de luta específico do seu momento histórico." (MONESI, 1993, p. 21).

O que eles não entendem é que não dá para separar o adolescente dessas atitudes que apresentam nesse dado momento de sua vida, porque lidar com algo novo causa insegurança, refletindo na sua maneira de agir e pensar. Ainda referindo-se a LOPES & MAIA (2001), alguns adultos acham que esses comportamentos são anormais ou doentes, contudo, é preciso ter cuidado para não criar padrões, nem estereótipos para o jovem adolescente.

Outro fator importante na adolescência é a forma como o jovem vive a sua sexualidade. Para MONESI (1993), a expressão da sexualidade do adolescente se dá de distintas formas:

- Primeiro reprimindo seu impulso sexual com uma postura negativa e se esquivando de novas experiências. “Acredito que esta postura possa acontecer principalmente se os primeiros contatos com a sexualidade forem frustrantes. Mas essa postura nem sempre é a mais freqüente ou comum entre os adolescentes.” (p. 94). Para ele, alguns adolescentes preferem o sexo após o casamento, pois antes, é encarado como continuação dos problemas com suas primeiras vivências.
- Outra forma é a aceitação do ato sexual sem a presença do amor, uma das formas mais freqüentes de alguns adolescentes encararem o amor. “Na minha opinião, esta visão facilita o contato sexual (que pode ser motivado por afinidades como, por exemplo, a simples atração física) e promove uma abertura maior para futuras experiências.”(p. 94-95)
- Outros adolescentes preferem a presença do amor no ato sexual e, segundo (MONESI, 1993), essa é uma visão romântica do sexo, agregando o sentimento à experiência sexual. “*Esta parece-me ser uma forma mais integrada de postura frente à sexualidade.*” (p. 95)

Ainda em seu texto, MONESI (1993) menciona que é na escola, com os amigos da mesma idade, que a criança tem suas dúvidas resolvidas sobre sexo, uma vez que os pais por serem inibidos, ou outros motivos, não dão informações iniciais que lhes permitam interagir e comunicar com outras pessoas. É a partir desses contatos que surgem as fantasias sexuais. Para o autor essas fantasias são entendidas como “imagens eróticas de relações sexuais, incluindo variações, como encontros homossexuais, sexo grupal etc. Estas fantasias provocam mudanças de atitudes. É provavelmente nesse período que surge a masturbação como prática mais freqüente.” (p. 96).

RODRIGUES JR (1993), menciona em seu texto que se masturbar em grupo “conduz a uma aprendizagem mais uniformizada e pode contribuir para o desenvolvimento de disfunções sexuais” (p. 104). O mesmo autor ainda afirma que

Outro fator importante na adolescência é a forma como o jovem vive a sua sexualidade. Para MONESI (1993), a expressão da sexualidade do adolescente se dá de distintas formas:

- Primeiro reprimindo seu impulso sexual com uma postura negativa e se esquivando de novas experiências. "Acredito que esta postura possa acontecer principalmente se os primeiros contatos com a sexualidade forem frustrantes. Mas essa postura nem sempre é a mais frequente ou comum entre os adolescentes". (p. 94). Para ele, alguns adolescentes preferem o sexo após o casamento, pois antes, é encarado como continuação dos problemas com suas primeiras vivências.
- Outra forma é a aceitação do ato sexual sem a presença do amor, uma das formas mais frequentes de alguns adolescentes encararem o amor. "Na minha opinião, esta visão facilita o contato sexual (que pode ser motivado por atitudes como, por exemplo, a simples atração física) e promove uma abertura maior para futuras experiências". (p. 94-95)
- Outros adolescentes preferem a presença do amor no ato sexual e, segundo (MONESI, 1993), essa é uma visão romântica do sexo, agregando o sentimento à experiência sexual. "Esta parece-me ser uma forma mais integrada de postura frente à sexualidade". (p. 95)

Ainda em seu texto, MONESI (1993) menciona que é na escola, com os amigos da mesma idade, que a criança tem suas dúvidas resolvidas sobre sexo, uma vez que os pais por serem inibidos, ou outros motivos, não dão informações iniciais que lhes permitam interagir e comunicar com outras pessoas. É a partir desses contatos que surgem as fantasias sexuais. Para o autor essas fantasias são entendidas como "imagens eróticas de relações sexuais, incluindo variações, como encontros homossexuais, sexo grupal etc. Estas fantasias provocam mudanças de atitudes. É provavelmente nesse período que surge a masturbação como prática mais frequente". (p. 96).

RODRIGUES JR (1993), menciona em seu texto que se masturbar em grupo "condiz a uma aprendizagem mais uniformizada e pode contribuir para o desenvolvimento de distinções sexuais". (p. 104). O mesmo autor ainda afirma que

o simples fato de competir para ver quem ejacula mais rápido pode ser um dos fatores que levam o homem a ter problemas com ejaculação precoce. Também, segundo o autor, os adultos que de certa forma inibiram suas funções masturbatórias, mesmo que de forma parcial, igualmente podem apresentar disfunções sexuais.

Em conformidade com LOPES & MAIA (2001), na infância é muito comum às crianças brincarem com sua genitália, sendo que vai se entender até o final da vida, intensificando na adolescência. "Tal intensificação deve-se a fatores como: o encontro com possíveis parceiras sexuais (prática do namoro), aumento dos estímulos eróticos (pornografia, mídia etc) e aumento da produção de androgênios (mudanças da puberdade) comum num processo de conhecimento do seu próprio corpo." (p. 38)

Segundo RODRIGUES JR (1993), os adolescentes manipulam seus genitais inicialmente para obtenção de prazer como forma de reconhecer seu corpo novo que acabara de passar por transformações. "Nos meninos, a manipulação do pênis traz uma novidade: a ejaculação. A masturbação é um elemento importante para o autoconhecimento corporal e das sensações físicas que irão permear a vida sexual adulta" (RODRIGUES, 1993, p. 104). Ainda, LOPES & MAIA (2001) completam que além desse autoconhecimento, para aceitação do próprio corpo, também irá despertar as sensações eróticas "para a estimulação das fantasias sexuais e para o prazer sexual futuro". (p. 39)

Por muito tempo a masturbação não era vista como uma fonte de prazer comum para os jovens por ser carregada de mitos e culpas e, segundo RODRIGUES JR (1993), esses mitos conduziram a cultura ocidental à repreender adolescentes. O autor ainda fala sobre muitas práticas repressivas, como engenhocas, que eram usadas no final do século passado para evitar a poluição noturna e a masturbação de meninos, assim como cirurgias para impedir as meninas de também se masturbarem.

A respeito da masturbação e do que os mitos e as falsificações causaram, eis o que o autor tem a dizer:

o simples fato de competir para ver quem ejacula mais rápido pode ser um dos fatores que levam o homem a ter problemas com ejaculação precoce. Também, segundo o autor, os adultos que de certa forma inibiram suas funções masturbatórias, mesmo que de forma parcial, igualmente podem apresentar distúrbios sexuais.

Em conformidade com LOPES & MAIA (2001), na infância é muito comum às crianças brincarem com sua genitália, sendo que vai se entender até o final da vida, intensificando na adolescência. Tal intensificação deve-se a fatores como: o encontro com possíveis parceiros sexuais (prática do namoro), aumento dos estímulos eróticos (pornografia, mídia etc) e aumento da produção de androgênios (mudanças da puberdade) comum num processo de conhecimento do seu próprio corpo." (p. 38)

Segundo RODRIGUES JR (1993), os adolescentes manipulam seus genitais inicialmente para obtenção de prazer como forma de reconhecer seu corpo novo que acaba de passar por transformações. "Nos meninos, a manipulação do pênis traz uma novidade: a ejaculação. A masturbação é um elemento importante para o autoconhecimento corporal e das sensações físicas que irão permear a vida sexual adulta" (RODRIGUES, 1993, p. 104). Ainda, LOPES & MAIA (2001) completam que além desse autoconhecimento, para aceitação do próprio corpo, também irá despertar as sensações eróticas "para a estimulação das fantasias sexuais e para o prazer sexual futuro". (p. 39)

Por muito tempo a masturbação não era vista como uma fonte de prazer comum para os jovens por ser carregada de mitos e culpas e, segundo RODRIGUES JR (1993), esses mitos conduziram a cultura ocidental à repressão adolescente. O autor ainda fala sobre muitas práticas repressivas, como engenhocas, que eram usadas no final do século passado para evitar a poluição noturna e a masturbação de meninos, assim como cirurgias para impedir as meninas de também se masturbarem.

A respeito da masturbação e do que os mitos e as falsificações causaram, eis o que o autor tem a dizer:

O ato masturbatório é uma fonte de prazer para o adolescente. Mas, às vezes, traz muita angústia ocasionada pelo grande número de mitos e concepções errôneas divulgados: faz nascer espinhas, crescer mamas, tira o desejo sexual, consome as energias e prejudica o rendimento escolar... Muitas outras bobagens são ditas, todas sem fundamento científico. (RODRIGUES JR, 1993, p. 104)

E por falar em concepções errôneas usadas para amedrontar os adolescentes com relação ao ato masturbatório, LOPES & MAIA (2001) completam com outros mitos:

... medos e culpa continuam a assombrar adolescentes na sua prática masturbatórias: é normal? A masturbação enfraquece a pessoa? As mulheres se masturbam? A masturbação dificulta o orgasmo? Além disso, ainda é freqüente a crença de que a masturbação é fonte de problemas, tais como pêlos nas palmas mãos, verrugas, queda dos cabelos da cabeça, deformação dos genitais femininos, frigidez e impotência, fraqueza e esgotamento sexual. (p. 38-39)

LOPES & MAIA (2001) também fazem referência à desigualdade cultural entre homens e mulheres na prática masturbatória, em que para o homem é permitida como forma de liberar o "tesão", porém para as mulheres esse fato nem é pensado como uma coisa possível, pois mulher não tem "tesão". E ainda concluem:

E o resultado é que elas se masturbam menos que rapazes e, na vida adulta, mulheres se masturbam menos que homens. O pior é que, quando o fazer, sentem uma grande culpa associada ao prazer que se proporcionam, e perdem a oportunidade de passar do auto-erotismo para o alto erotismo, como ensina a psicóloga e escritora Maria Tereza Maldonado. (p. 39)

Nesse caso, conclui-se que a masturbação é uma forma de conhecimento do próprio corpo, que começa durante a infância e que se intensifica durante o começo da adolescência até o fim da vida do ser humano. Porém esse ato de prazer sexual solitário, ou não, era pouco aceito há séculos atrás e, para assustar as pessoas, diziam causar muitos males. Também ao homem era permitido, servindo como uma válvula de escape para satisfação de seus prazeres sexuais, no entanto, para a mulher essa prática de satisfação nem era cogitada como um fato possível. Contudo, sabemos que hoje os adolescentes não mais se assustam com esses mitos criados para assustá-lo, tendo o conhecimento de que a masturbação é uma forma de se autoconhecer.

Além dos conflitos familiares muito comuns nessa fase da vida do ser humano e da masturbação, outros conflitos preenchem as cabeças dos adolescentes., como a

O ato masturbatório é uma fonte de prazer para o adolescente. Mas, às vezes, traz muita angústia ocasionada pelo grande número de mitos e concepções errôneas divulgados: faz nascer espinhas, crescer mamas, tira o desejo sexual, consome as energias e prejudica o rendimento escolar... Muitas outras bobagens são ditas, todas sem fundamento científico. (RODRIGUES JR, 1993, p. 104)

E por falar em concepções errôneas usadas para amedrontar os adolescentes com relação ao ato masturbatório, LOPES & MAIA (2001) completam com outros mitos:

... medos e culpa continuam a assombrar adolescentes na sua prática masturbatória: é normal? A masturbação atrapalha a pessoa? As mulheres se masturbam? A masturbação dificulta o orgasmo? Além disso, ainda é frequente a crença de que a masturbação é fonte de problemas, tais como pêlos nas palmas das mãos, verrugas, queda dos cabelos da cabeça, deformação dos genitais femininos, rigidez e impotência, fraqueza e esgotamento sexual. (p. 38-39)

LOPES & MAIA (2001) também fazem referência à desigualdade cultural entre homens e mulheres na prática masturbatória, em que para o homem é permitida como forma de liberar o "teço", porém para as mulheres esse fato nem é pensado como uma coisa possível, pois mulher não tem "teço". E ainda concluem:

E o resultado é que elas se masturbam menos que rapazes e, na vida adulta, mulheres se masturbam menos que homens. O pior é que, quando o fazer, sentem uma grande culpa associada ao prazer que se proporcionam e pedem a oportunidade de passar do auto-erotismo para o ato erótico, como ensina a psicóloga e escritora Maria Tereza Maldonado. (p. 39)

Nesse caso, conclui-se que a masturbação é uma forma de conhecimento do próprio corpo, que começa durante a infância e que se intensifica durante o começo da adolescência até o fim da vida do ser humano. Porém esse ato de prazer sexual solitário, ou não, era pouco aceito há séculos atrás e, para assustar as pessoas, diziam causar muitos males. Também ao homem era permitido, servindo como uma válvula de escape para satisfação de seus prazeres sexuais, no entanto, para a mulher essa prática de satisfação nem era cogitada como um fato possível. Contudo, sabemos que hoje os adolescentes não mais se assustam com esses mitos criados para assustá-los, tendo o conhecimento de que a masturbação é uma forma de se autoconhecer.

Além dos conflitos familiares muito comuns nessa fase da vida do ser humano e da masturbação, outros conflitos preenchem as cabeças dos adolescentes, como a

forma como lidar com o sexo oposto, já que meninos e meninas começam a se sentir atraídos um pelo outro.

É comum, nos dias atuais, os adolescentes apresentarem atitudes e comportamentos perante os relacionamentos entre rapazes e moças. O namoro que antes era tido como um compromisso em que se tentava construir vínculos definitivos, concretizando-se a partir do enlace matrimonial, dá lugar ao “ficar” e “enrolar”, uma nova forma que os adolescentes encontraram para se relacionarem num período mais curto de tempo.

O “ficar” é uma nova conquista dos adolescentes dos nossos dias, uma vez que, segundo LOPES & MAIA (2001), esses termos “ficar” e “enrolar” são atitudes mais recentes e que nem sempre são bem encaradas pelos adultos (pais e educadores), já que no seu tempo o termo especificamente utilizado para definir os relacionamentos entre rapazes e moças era namoro.

LOPES & MAIA (2001), trazem considerações relevantes a respeito dos termos “ficar” e “enrolar”, que apresentam características significativas no relacionamento sem compromisso e com uma duração apenas naquele momento:

Em um primeiro momento ocorre a conquista e a sedução (atrair, encantar, fascinar). Durante a sedução pode acontecer o “ficar”, uma conquista que se efetiva em um encontro afetuoso, mas descomprometido com o amanhã. Beijos, carinhos, conversas, algumas vezes a relação sexual, mas nunca a promessa explícita da continuidade, da formação do vínculo. O “ficar” possibilita uma vivência das primeiras descobertas da sexualidade, sem que haja compromisso formal explícito entre os parceiros, sem que o adolescente se sinta preso a outra pessoa. (LOPES & MAIA, 2001, p. 37)

Para os autores, em alguns momentos, o adolescente “vai ficando” seguidamente com a mesma pessoa e esse relacionamento evolui para o “rolo”, fase intermediária entre o “ficar” e o namorar e a partir daí pode perceber se vale a pena ir em frente com o parceiro, ou não. De certo modo, os autores acreditam que esse processo é uma forma de aprendizagem para o amor e que o mesmo pode ser aprendido.

formas como lidar com o sexo oposto, já que meninos e meninas começam a se sentir atraídos um pelo outro.

É comum, nos dias atuais, os adolescentes apresentarem atitudes e comportamentos perante os relacionamentos entre rapazes e moças. O namoro que antes era tido como um compromisso em que se tentava construir vínculos definitivos, concretizando-se a partir do enlace matrimonial, dá lugar ao "ficar" e "entolar", uma nova forma que os adolescentes encontram para se relacionarem num período mais curto de tempo.

O "ficar" é uma nova conquista dos adolescentes dos nossos dias, uma vez que, segundo LOPES & MAIA (2001), esses termos "ficar" e "entolar" são atitudes mais recentes e que nem sempre são bem encaradas pelos adultos (pais e educadores), já que no seu tempo o termo especificamente utilizado para definir os relacionamentos entre rapazes e moças era namoro.

LOPES & MAIA (2001) trazem considerações relevantes a respeito dos termos "ficar" e "entolar", que apresentam características significativas no relacionamento sem compromisso e com uma duração apenas naquele momento:

Em um primeiro momento ocorre a conquista e a sedução (atrair, encantar, fascinar). Durante a sedução pode acontecer o "ficar", uma conquista que se efetiva em um encontro atenuado, mas descomprometido com o amanhã. Beijos, carinhos, conversas, algumas vezes a relação sexual, mas nunca a promessa explícita da continuidade, da formação do vínculo. O "ficar" possibilita uma vivência das primeiras descobertas da sexualidade sem que haja compromisso formal explícito entre os parceiros, sem que o adolescente se sinta preso a outra pessoa. (LOPES & MAIA, 2001, p. 37)

Para os autores, em alguns momentos, o adolescente "vai ficando" seguidamente com a mesma pessoa e esse relacionamento evolui para o "tolo", fase intermediária entre o "ficar" e o namoro e a partir daí pode perceber-se vale a pena ir em frente com o parceiro, ou não. De certo modo, os autores acreditam que esse processo é uma forma de aprendizagem para o amor e que o mesmo pode ser aprendido.

Um outro aspecto da sexualidade que vale a pena abordar é quando o adolescente deve iniciar sua vida sexual. Segundo CANO & FERRIANI (2000), os adolescentes tem sua iniciação sexual precocemente e isso tem acarretado uma preocupação cada vez maior entre os profissionais de saúde, pais e professores, por conta da falta de conhecimentos sobre concepção e uso de contraceptivos. Ainda em seu texto, os autores citam LOPES E MAIA (1993) que fazem uma referência a uma diminuição da idade da primeira relação sexual, uma vez que os cuidados com contracepção não se fazem presentes nessa iniciação precoce.

CANO & FERRIANI (2000) citam LOPES & MAIA (1993) que fazem referência à diminuição de idade dos jovens na primeira relação sexual, uma vez que essa iniciação precoce acaba sendo desvinculada do uso de contraceptivos. Muitas vezes, segundo os autores, essa relação sexual ausente de métodos contraceptivos pode resultar numa gravidez indesejada, pois metade das jovens que engravidam acaba abortando.

Para LOPES & MAIA (2001), a sociedade tem sido muito permissiva com relação à experimentação sexual dos adolescentes, tanto masculinos quanto femininos. As mudanças de valores e comportamentos dos últimos trinta anos, segundo eles, têm como consequência a iniciação sexual antes do casamento. Os autores ainda reforçam que em nossa cultura a iniciação sexual diz respeito à penetração pênis-vagina e, se não houver essa penetração e o hímen da moça estiver íntegro, ela não foi iniciada sexualmente. Também mesmo que outra atividade sexual seja experimentada, como a masturbação, sexo anal, sexo oral ou outra atividade e não houve penetração pênis-vagina, não aconteceu a iniciação sexual.

O que se percebe é que a iniciação sexual a cada dia começa mais cedo do que os pais pensam, passando despercebidos e achando que seus filhos ainda são virgens e que eles ainda não têm uma vida sexual ativa. Por conta disso é muitas vezes os jovens acabem ficando sem a orientação dos seus pais, tendo relações sexuais sem o uso de métodos contraceptivos. Além disso, nota-se um despreparo dos adolescentes para encarar esses fatos com total responsabilidade.

Um outro aspecto da sexualidade que vale a pena abordar é quando o adolescente deve iniciar sua vida sexual. Segundo CANO & FERRIANI (2000), os adolescentes têm sua iniciação sexual precocemente e isso tem acarretado uma preocupação cada vez maior entre os profissionais de saúde, pais e professores, por conta da falta de conhecimentos sobre concepção e uso de contraceptivos. Ainda em seu texto, os autores citam LOPES E MAIA (1993) que fazem uma referência a uma diminuição da idade da primeira relação sexual, uma vez que os cuidados com contracepção não se fazem presentes nessa iniciação precoce.

CANO & FERRIANI (2000) citam LOPES & MAIA (1993) que fazem referência à diminuição de idade dos jovens na primeira relação sexual, uma vez que essa iniciação precoce acaba sendo desvinculada do uso de contraceptivos. Muitas vezes, segundo os autores, essa relação sexual ausente de métodos contraceptivos pode resultar numa gravidez indesejada, pois metade das jovens que engravidam acaba abortando.

Para LOPES & MAIA (2001), a sociedade tem sido muito permissiva com relação à experimentação sexual dos adolescentes, tanto masculinos quanto femininos. As mudanças de valores e comportamentos dos últimos trinta anos, segundo eles, têm como consequência a iniciação sexual antes do casamento. Os autores ainda reforçam que em nossa cultura a iniciação sexual diz respeito à penetração pênis-vagina e, se não houver essa penetração e o hímen da moça estiver íntegro, ela não foi iniciada sexualmente. Também mesmo que outra atividade sexual seja experimentada, como a masturbação, sexo anal, sexo oral ou outra atividade e não houve penetração pênis-vagina, não aconteceu a iniciação sexual.

O que se percebe é que a iniciação sexual a cada dia começa mais cedo do que os pais pensam, passando despercebidos e achando que seus filhos ainda são virgens e que eles ainda não têm uma vida sexual ativa. Por conta disso é muitas vezes os jovens acabam ficando sem a orientação dos seus pais, tendo relações sexuais sem o uso de métodos contraceptivos. Além disso, nota-se um desprezo dos adolescentes para encarar esses fatos com total responsabilidade.

3.8.O papel da família e da escola acerca da sexualidade na adolescência

A família é tida como o principal grupo social do qual o indivíduo faz parte. Ela tem o papel fundamental de socialização e orientação dos seus filhos na preparação para encarar os diversos problemas da vida ou até mesmo no que diz respeito à orientação sexual.

GUIMARÃES (1995) coloca que é na família que surgem as bases das atitudes sexuais e que a mesma tem o poder da imposição da ideologia e do poder humano, marcando a estrutura psicológica do indivíduo. É na família que encontramos contradições nos "... jogos do amor e do ódio, da construção e da desconstrução, da proteção e da violência, de Eros e Thanatos, que irão sedimentar o pensamento dicotômico ocidental, que coloca as forças da idade e do sexo em contraposição e disputa" (p.30)

Pensando na hierarquia familiar, percebe-se que há choques entre os valores familiares, onde os pais e filhos às vezes divergem em alguns pontos. Os pais, por serem de uma geração em que alguns valores e atitudes eram tidos como os mais corretos perante a sociedade, hoje tentam impor aos filhos, que não concordam ou não aceitam, e dizem que os mesmos são ultrapassados, caretas.

O fato é que os pais da atualidade são os adolescentes da geração passada que viveram as mesmas angústias que os seus filhos vivem hoje e pelo mesmo processo de transformação que eles também passaram, apenas tendo visões de mundo de forma diferentes. É difícil para os pais verem seus valores morais da adolescência sendo derrubados pelas transformações do mundo atual e acabam por repetir o que seus pais fizeram, mesmo que tenham condenado. Sendo assim, a família é um espaço de construções e desconstruções de valores e padrões que irão permear a vida do adolescente e perdurar por toda a sua vida adulta.

3.8. O papel da família e da escola acerca da sexualidade na adolescência

A família é tida como o principal grupo social do qual o indivíduo faz parte. Ela tem o papel fundamental de socialização e orientação dos seus filhos na preparação para encarar os diversos problemas da vida ou até mesmo no que diz respeito à orientação sexual.

GUIMARÃES (1995) coloca que é na família que surgem as bases das atitudes sexuais e que a mesma tem o poder da imposição da ideologia e do poder humano, marcando a estrutura psicológica do indivíduo. É na família que encontramos contradições nos "... jogos do amor e do ódio, da construção e da desconstrução, da proteção e da violência, de Eros e Thanatos, que irão sedimentar o pensamento dicotômico ocidental, que coloca as forças da idade e do sexo em contraposição e disputa" (p.30)

Pensando na hierarquia familiar, percebe-se que há choques entre os valores familiares, onde os pais e filhos às vezes divergem em alguns pontos. Os pais, por serem de uma geração em que alguns valores e atitudes eram tidos como os mais corretos perante a sociedade, hoje tentam impor aos filhos, que não concordam ou não aceitam, e dizem que os mesmos são ultrapassados, corretos.

O fato é que os pais da atualidade são os adolescentes da geração passada que viveram as mesmas angústias que os seus filhos vivem hoje e pelo mesmo processo de transformação que eles também passaram, apenas tendo visões de mundo de forma diferentes. É difícil para os pais verem seus valores mortos e acabam a adolescência sendo deturpada pelas transformações do mundo atual e acabam por repetir o que seus pais fizeram, mesmo que tenham condenado. Sendo assim, a família é um espaço de construções e desconstruções de valores e padrões que irão permear a vida do adolescente e perdurar por toda a sua vida adulta.

Em se tratando da compreensão da sexualidade, diante de tantas mudanças a família se encontra perdida na orientação dos seus filhos. CANO & FERRIANI (2001) ao mencionar SUPLICY (1991) citam que antes as famílias sabiam o que era certo ou errado para seus filhos, sem ter dúvidas, sabendo o que podiam permitir ou não. Hoje, encontra-se num momento difícil para construir valores sexuais. Pensando nisso, verifica-se que diante do liberalismo do mundo atual, cada vez mais é difícil para os pais educar seus filhos sem impor limites, uma vez que os mesmos ainda não estão preparados para lidar com questões referentes ao sexo.

Hoje, há um crescente desencontro das famílias com a escola, fazendo com que essas instituições não caminhem juntas e a escola acaba tendo a árdua tarefa de educar e orientar sozinha os jovens e os adolescentes. Tudo bem que os adolescentes trazem noções sobre sexo adquiridas em casa pelas suas relações familiares ou através dos meios de comunicação a que eles têm acesso. Porém a escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade sem a imposição de valores.

À escola, cabe transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, pois a não informação dos pais a respeito do sexo torna-se instigante as curiosidades dos adolescentes, dando como foco principal a escola. Portanto, é bom salientar que "O constrangimento em tratar do assunto aumenta a falta de informação dos jovens e faz com que a escola se torne o principal espaço de educação sexual". (GENTILE, 2006, p. 22)

Partindo desse pressuposto, pode-se considerar que a escola vem assumindo o papel de educar sexualmente os jovens e adolescentes, porém, segundo PCNs (1998),

toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de "cuidados" recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. (p. 291)

Em se tratando da compreensão da sexualidade, diante de tantas mudanças a família se encontra perdida na orientação dos seus filhos. CANO & FERRARI (2001) ao mencionar SUPPLY (1991) citam que antes as famílias sabiam o que era certo ou errado para seus filhos, sem ter dúvidas, sabendo o que podiam permitir ou não. Hoje, encontra-se num momento difícil para construir valores sexuais. Pensando nisso, verifica-se que diante do liberalismo do mundo atual, cada vez mais é difícil para os pais educar seus filhos sem impor limites, uma vez que os mesmos ainda não estão preparados para lidar com questões referentes ao sexo.

Hoje, há um crescente desencontro das famílias com a escola, fazendo com que essas instituições não caminhem juntas e a escola acaba tendo a árdua tarefa de educar e orientar sozinho os jovens e os adolescentes. Tudo bem que os adolescentes trazem noções sobre sexo adquiridas em casa pelas suas relações familiares ou através dos meios de comunicação a que eles têm acesso. Porém a escola não substitui nem concorre com a família, mas possibilita a discussão de diferentes pontos de vista associados à sexualidade sem a imposição de valores.

À escola, cabe transmitir informações e problematizar questões relacionadas à sexualidade, pois a não informação dos pais a respeito do sexo torna-se instigante as curiosidades dos adolescentes, dando como foco principal a escola. Portanto, é bom salientar que "O constringimento em tratar do assunto aumenta a falta de informação dos jovens e faz com que a escola se torne o principal espaço de educação sexual." (GENTILE, 2006, p. 22)

Partindo desse pressuposto, pode-se considerar que a escola vem assumindo o papel de educar sexualmente os jovens e adolescentes, porém, segundo PCNS (1998),

...toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso. O comportamento dos pais entre si, na relação com os filhos, no tipo de "cuidados" recomendados, nas expressões, gestos e proibições que estabelecem, são carregados dos valores associados à sexualidade que a criança e o adolescente apreendem. (p. 291)

Mesmo assim, é necessário que a escola trabalhe com a sexualidade, ela não pode se negar a assumir esta responsabilidade, até porque

A escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Na medida em que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a idéia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Ela transmite a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal, aprendida de qualquer jeito. (EGYPTO, 2003, p.16)

Segundo EGYPTO (2003), a sexualidade deve ser discutida na escola, não por suas questões históricas, mas por causa da desinformação que é muito grande. Para ele, atualmente fala-se muito sobre sexo, mas sem dar espaço à reflexão. Portanto, para o autor, a escola deve provocar essa reflexão, pois existe muita desinformação sobre o corpo, contracepção, doenças sexualmente transmissíveis - DST, AIDS, ajudando a decodificar as mensagens dos meios de comunicação, através de uma visão crítica.

Na escola, as aulas sobre sexualidade, geralmente são por meio da discussão sobre o aparelho reprodutivo. Mas os adolescentes querem mais, pois os mesmos têm muitas dúvidas e curiosidades. É sabido que eles nem sempre tem uma abertura para perguntar diretamente sobre algo que os incomoda, esperando uma oportunidade durante a aula para que o professor aborde o que lhes interessa. Sendo assim, é necessário que a escola faça um trabalho de orientação sexual, pois:

A grande mudança que um trabalho de orientação sexual na escola traz é poder discutir a questão do prazer. As aulas de Ciências e Biologia sempre discutiram o corpo humano, mas de uma forma completamente assexuada, por meio de cortes laterais que mostram os órgãos. Ali não se discute a excitação, o desejo. Aquelas gravuras não representam um corpo que tenha a ver com a criança e com o jovem. O jovem não vê nelas o seu corpo nem nada do que ele sente. O que ele sente é tesão, é desejo, é uma coisa que ele não consegue controlar direito. O que acontece com o corpo dele não aparece naquela conversa. (EGYPTO, 2003, p. 18)

Conforme consta nos PCN (1998), o trabalho de orientação sexual na escola além de promover a saúde dos adolescentes, jovens e crianças, com ações preventivas das DST e AIDS, também contribui para o conhecimento e valorização dos direitos

Mesmo assim, é necessário que a escola trabalhe com a sexualidade, ela não pode se negar a assumir esta responsabilidade, até porque

A escola é um lugar onde se está discutindo conhecimento, onde se está produzindo diálogo e reflexão. É, portanto, um espaço privilegiado para discutir a sexualidade com crianças e adolescentes. Na medida em que a escola se nega ou não consegue se capacitar para poder dar conta dessa responsabilidade, ela reforça a idéia de que a sexualidade não faz parte do conhecimento humano. Ela transmite a informação de que a sexualidade é mesmo para se aprender na rua, como alguma coisa suja e informal, aprendida de qualquer jeito. (EGYPTO, 2003, p. 18)

Segundo EGYPTO (2003), a sexualidade deve ser discutida na escola, não por suas questões históricas, mas por causa da desinformação que é muito grande. Para ele, atualmente fala-se muito sobre sexo, mas sem dar espaço à reflexão. Portanto, para o autor, a escola deve provocar essa reflexão, pois existe muita desinformação sobre o corpo, contracepção, doenças sexualmente transmissíveis - DST, AIDS, ajudando a decodificar as mensagens dos meios de comunicação, através de uma visão crítica.

Na escola, as aulas sobre sexualidade, geralmente são por meio da discussão sobre o aparelho reprodutivo. Mas os adolescentes querem mais, pois os mesmos têm muitas dúvidas e curiosidades. É sabido que eles nem sempre têm uma abertura para perguntar diretamente sobre algo que os incomoda, esperando uma oportunidade durante a aula para que o professor aborde o que lhes interessa. Sendo assim, é necessário que a escola faça um trabalho de orientação sexual, pois:

A grande mudança que um trabalho de orientação sexual na escola traz é poder discutir a questão do prazer. As aulas de Ciências e Biologia sempre discutiam o corpo humano, mas de uma forma completamente assexuada, por meio de cortes laterais que mostram os órgãos. Ali não se discute a excitação, o desejo. Aquelas gravuras não representam um corpo que tenha a ver com a ciência e com o jovem. O jovem não vê nele o seu corpo nem nada do que ele sente. O que ele sente é tesão, é desejo, é uma coisa que ele não consegue controlar direito. O que acontece com o corpo dele não aparece naquela conversa. (EGYPTO, 2003, p. 18)

Conforme consta nos PCN (1998), o trabalho de orientação sexual na escola além de promover a saúde dos adolescentes, jovens e crianças, com ações preventivas das DST e AIDS, também contribui para o conhecimento e valorização dos direitos

sexuais e reprodutivos (que dizem respeito à tomadas de decisão de homens e mulheres sobre sua fertilidade) e para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada (debate sobre a contracepção, conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais e cuidados para evita-la). A inclusão da sexualidade na escola promove discussões sobre questões que são polêmicas “como masturbação, iniciação sexual, o “ficar” e o namoro, homossexualidade, aborto, disfunções sexuais, prostituição e pornografia, dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui par o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivencia de sua sexualidade atual e futura.” (p. 293)

Para EGYPTO (2003), a problematização de temas polêmicos na escola é a grande dificuldade, pois “São questões muito complicadas e polêmicas, porque comportam muitas verdades” (p. 20). O autor completa dizendo que a escola deve apresentar diferentes visões e colocar valores em discussões, sabendo que não é um trabalho fácil.

Para SAYÃO (1997), o trabalho com orientação sexual deve começar com o profissional que se sentir disponível, não havendo necessidade de habilitação na área biológica “uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito.” (p. 114) . A autora deixa claro que o professor deve ter noções de anatomia do corpo, devendo entrar em contato com as questões teóricas, leitura e discussões sobre as temáticas específicas e suas diversas abordagens, também tendo acesso a um espaço grupal de supervisão do trabalho realizado (espaço de reflexão de valores e preconceitos dos próprios educadores).

A postura do professor durante as aulas de orientação sexual deve ser de contribuir para que o aluno tenha respostas para suas dúvidas, uma vez que o mesmo deva deixar os alunos à vontade. Assim segundo PCN (1998), o professor deve estar disponível para conversar com os alunos sobre as questões que surgirem, sem emitir juízo de valor sobre o que for colocado pelos alunos, respondendo de forma direta e esclarecedora. Nesse sentido, o professor deve estar preparado para a diversidade de conflitos que se apresenta, encarando os assuntos de frente, sem

sexual e reprodutivos (que dizem respeito à tomada de decisão de homens e mulheres sobre sua fertilidade) e para a prevenção de problemas graves, como o abuso sexual e a gravidez indesejada (debate sobre a contracepção, conhecimento sobre os métodos anticoncepcionais e cuidados para evita-los). A inclusão da sexualidade na escola promove discussões sobre questões que são polêmicas, "como masturbação, iniciação sexual, o "fêrrer" e o namoro, homossexualidade, aborto, distúrbios sexuais, prostituição e pornografia", dentro de uma perspectiva democrática e pluralista, em muito contribui para o bem-estar das crianças, dos adolescentes e dos jovens na vivência de sua sexualidade atual e futura." (p. 293)

Para EGYPTO (2003), a problematização de temas polêmicos na escola é a grande dificuldade, pois "São questões muito complicadas e polêmicas, porque comportam muitas verdades" (p. 20). O autor completa dizendo que a escola deve apresentar diferentes visões e colocar valores em discussão, sabendo que não é um trabalho fácil.

Para SAYÃO (1997), o trabalho com orientação sexual deve começar com o profissional que se sentir disponível, não havendo necessidade de habilitação na área biológica "uma vez que o fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, acolhendo-as com respeito" (p. 114). A autora deixa claro que o professor deve ter noções de anatomia do corpo, devendo entrar em contato com as questões técnicas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas e suas diversas abordagens, também tendo acesso a um espaço geral de supervisão do trabalho realizado (espaço de reflexão de valores e preconceitos dos próprios educadores).

A postura do professor durante as aulas de orientação sexual deve ser de contribuir para que o aluno tenha respostas para suas dúvidas, uma vez que o mesmo deve deixar os alunos à vontade. Assim segundo PCN (1998), o professor deve estar disponível para conversar com os alunos sobre as questões que surgirem, sem emitir juízo de valor sobre o que for colocado pelos alunos, respondendo de forma direta e esclarecedora. Nesse sentido, o professor deve estar preparado para a diversidade de conflitos que se apresenta, encarando os assuntos de frente, sem

tentar se esquivar. Também, o professor deve utilizar uma linguagem clara para que a classe tenha entendimento do assunto, promovendo o surgimento de outras discussões.

Entende-se assim que a educação sexual inicia a partir do convívio familiar, mesmo que de forma inconsciente, tendo no espaço escolar a oportunidade de reflexão, sabendo “que a parceria escola-família-saúde seria uma das alternativas para buscar ‘maneiras’ de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa educativa de pais e professores”. (CANO & FERRIANI, 2000, p. 22)

tentar se esquivar. Também, o professor deve utilizar uma linguagem clara para que a classe tenha entendimento do assunto, promovendo o surgimento de outras discussões.

Entende-se assim que a educação sexual inicia a partir do convívio familiar, mesmo que de forma inconsciente, tendo no espaço escolar a oportunidade de reflexão, sabendo "que a parceria escola-família-saúde seria uma das alternativas para buscar 'maneiras' de orientação sexual aos adolescentes, facilitando a tarefa

educativa de pais e professores." (CANO & FERRIANI, 2000, p. 22)

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Instituição e participantes

Esta pesquisa foi realizada numa escola pública da Rede Municipal de Mairi-Bahia. Fundada há 3 anos, possui turmas de Educação Infantil ao último ano do Ensino Fundamental (8ª série). No total há 1300 alunos matriculados, distribuídos nos três turnos (manhã, tarde, noite).

Participaram da coleta de dados 113 alunos, sendo 41 do sexo masculino e 72 do sexo feminino. A idade média dos participantes variou entre 12 e 28 anos de idade.

O critério principal utilizado para escolha da escola deve-se ao grande número de alunos adolescentes e jovens que nela estudam, uma vez que a maioria deles está numa fase de transformações físicas e psicológicas em que os conflitos se fazem presentes e muitos deles acabam obtendo as informações sobre sexo e sexualidade com seus colegas na escola.

Procedimentos de coleta de dados

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário (anexo) com perguntas abertas e fechadas, elaborado com 11 perguntas direcionadas apenas aos alunos. Antes da aplicação do mesmo, realizamos uma visita à instituição de ensino para contato com direção e professores, para solicitar autorização para a aplicação do instrumento de coleta. Os responsáveis demonstraram bastante interesse para com a realização do trabalho.

A aplicação do instrumento de coleta de dados foi realizada coletivamente e de forma anônima. Os participantes estavam distribuídos em 4 salas, sendo duas de 7ª e duas de 8ª séries do período vespertino da referida escola. Cada pesquisadora foi conduzida até as salas pela Coordenadora Pedagógica da escola, onde fomos apresentadas aos alunos, que a princípio mostraram-se curiosos, e depois de explicarmos do que se tratava a nossa pesquisa, aceitaram colaborar.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Instituição e participantes

Esta pesquisa foi realizada numa escola pública da Rede Municipal de Manh-Bahria. Fundada há 3 anos, possui turmas de Educação Infantil ao último ano do Ensino Fundamental (8ª série). No total há 1300 alunos matriculados, distribuídos nos três turnos (manhã, tarde, noite).

Participaram da coleta de dados 113 alunos, sendo 41 do sexo masculino e 72 do sexo feminino. A idade média dos participantes variou entre 12 e 28 anos de idade.

O critério principal utilizado para escolha da escola deve-se ao grande número de alunos adolescentes e jovens que nela estudam, uma vez que a maioria deles está numa fase de transformações físicas e psicológicas em que os conflitos se fazem presentes e muitos deles acabam obtendo as informações sobre sexo e sexualidade com seus colegas na escola.

Procedimentos de coleta de dados

O instrumento utilizado para coleta de dados foi um questionário (anexo) com perguntas abertas e fechadas, elaborado com 11 perguntas direcionadas apenas aos alunos. Antes da aplicação do mesmo, realizamos uma visita à instituição de ensino para contato com direção e professores, para solicitar autorização para a aplicação do instrumento de coleta. Os responsáveis demonstraram bastante interesse para com a realização do trabalho.

A aplicação do instrumento de coleta de dados foi realizada coletivamente e de forma anônima. Os participantes estavam distribuídos em 4 salas, sendo duas de 7ª e duas de 8ª séries do período vespertino da referida escola. Cada pesquisadora foi conduzida até as salas pela Coordenadora Pedagógica da escola, onde foram apresentadas aos alunos, que a princípio mostraram-se curiosos, e depois de explicarmos do que se tratava a nossa pesquisa, aceitaram colaborar.

Cada pesquisadora ficou em uma sala, acompanhada por um professor que cedeu sua aula, local em que distribuimos os questionários aos alunos. Estes realizaram a leitura do instrumento e responderam-no em silêncio, sem que fizéssemos uma leitura prévia ou até mesmo explicássemos cada questão contida. Durante todo o tempo de aplicação do questionário, observamos que os alunos se mantiveram em silêncio, eventualmente pronunciando-se para algum tipo de esclarecimento sobre as perguntas.

Depois que todos os participantes responderam aos questionários, os mesmos foram colocados em envelopes, lacrados na presença deles, uma vez que havíamos lhes prometido que as informações seriam mantidas em sigilo. Despedimos-nos das turmas, agradecendo aos alunos pela colaboração e, mais uma vez, nos comprometemos em manter segredo com relação ao conteúdo dos questionários e de alguma informação que pudessem identificá-los. Logo após, na diretoria da escola, agradecemos a todos pela colaboração.

Dos questionários aplicados, verificamos que numa determinada classe apenas dois alunos responderam em conjunto, sendo que os demais o fizeram individualmente. Numa outra classe, uma aluna, que além de se identificar, queria a cópia do questionário, insistindo para que nós lhe déssemos, alegando que era para guardar. Outro dado interessante, é que os alunos das outras classes e alguns funcionários da escola mostraram curiosidade para saber o que estávamos fazendo, chamando um e outro aluno envolvido no processo de pesquisa para ter conhecimento do que se tratava.

Procedimentos de Análise de dados

Após a aplicação dos questionários foram feitas repetidas leituras para tabular os dados, buscando levantar categorias de análise que deram origem às tabelas e gráficos apresentados a seguir.

Cada pesquisadora ficou em uma sala, acompanhada por um professor que cedeu sua sala, local em que distribuímos os questionários aos alunos. Estes realizaram a leitura do instrumento e responderam-no em silêncio, sem que fizéssemos uma leitura prévia ou até mesmo explicássemos cada questão contida. Durante todo o tempo de aplicação do questionário, observamos que os alunos se mantiveram em silêncio, eventualmente pronunciando-se para algum tipo de esclarecimento sobre as perguntas.

Depois que todos os participantes responderam aos questionários, os mesmos foram colocados em envelopes, lacrados na presença deles, uma vez que havíamos lhes prometido que as informações seriam mantidas em sigilo. Despedimos-nos das turmas, agradecendo aos alunos pela colaboração e, mais uma vez, nos comprometemos em manter segredo com relação ao conteúdo dos questionários e de alguma informação que pudessem identificá-los. Logo após, na direção da escola, agradecemos a todos pela colaboração.

Dos questionários aplicados, verificamos que numa determinada classe apenas dois alunos responderam em conjunto, sendo que os demais o fizeram individualmente. Numa outra classe, uma aluna, que além de se identificar, deu uma cópia do questionário, insistindo para que nós lhe déssemos, alegando que era para guardar. Outro dado interessante, é que os alunos das outras classes e alguns funcionários da escola mostraram curiosidade para saber o que estávamos fazendo, chamando um e outro aluno envolvido no processo de pesquisa para ter conhecimento do que se tratava.

Procedimentos de Análise de dados

Após a aplicação dos questionários foram feitas repetidas leituras para tabular os dados, buscando levantar categorias de análise que seriam originadas a partir de gráficos apresentados a seguir.

Resultados e Discussão

Conforme consta nos PCN (1998), não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes, que se manifesta a sexualidade na escola, sendo que ela é invadida por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e convivência social entre eles. Assim, a escola não pode exigir que os alunos deixem do lado de fora sua sexualidade. Também há a manifestação da sexualidade entre os adultos que trabalham na instituição e que, os alunos ao observarem, tomam como referência.

A visão da sexualidade no ambiente escolar corresponde a um fenômeno que ocorre num espaço e tempo melhor compreendido a partir da abordagem qualitativa e quantitativa. Desta forma, busca-se saber, por meio das informações colhidas, como é vista a sexualidade na escola pelos alunos.

Do total de participantes (113 alunos entre adolescentes e jovens), 24 alunos (11 meninos e 13 meninas) assinalaram que não conversam sobre sexo. Porém, 81 afirmaram (55 meninos e 26 meninas) que conversam com diferentes pessoas. Dos indivíduos citados, os amigos ou colegas são os mais freqüentes, com 59 indicações, tanto entre os indivíduos do sexo masculino (36) como do feminino (23).

Conforme disposto na Tabela 01, conversar sobre sexo com o namorado(a) ficou em segundo lugar na opinião dos participantes, com 21 indicações, seguido do(a) irmão(ã) com 13, primo(a) e mãe com 10 indicações. Falar com paquera, professora, pai e agente de saúde apresentam quatro, dois, uma e uma indicação, respectivamente.

Resultados e Discussão

Conforme consta nos PCN (1998), não é apenas em portas de banheiros, muros e paredes, que se manifesta a sexualidade na escola, sendo que ela é invadida por meio das atitudes dos alunos em sala de aula e convivência social entre eles. Assim, a escola não pode exigir que os alunos deixem do lado de fora sua sexualidade. Também há a manifestação da sexualidade entre os adultos que trabalham na instituição e que, os alunos ao observarem, tomam como referência.

A visão da sexualidade no ambiente escolar corresponde a um fenômeno que ocorre num espaço e tempo melhor compreendido a partir da abordagem qualitativa e quantitativa. Desta forma, busca-se saber, por meio das informações colhidas, como é vista a sexualidade na escola pelos alunos.

Do total de participantes (113 alunos entre adolescentes e jovens), 24 alunos (11 meninos e 13 meninas) afirmaram que não conversam sobre sexo. Porém, 81 afirmaram (55 meninos e 26 meninas) que conversam com diferentes pessoas. Dos indivíduos citados, os amigos ou colegas são os mais frequentes, com 59 indicações, tanto entre os indivíduos do sexo masculino (36) como do feminino (23).

Conforme disposto na Tabela 01, conversar sobre sexo com o namorado(a) ficou em segundo lugar na opinião dos participantes, com 21 indicações, seguido do(a) irmão(ã) com 13, primo(a) e mãe com 10 indicações. Falar com papai, professor, pai e agente de saúde apresentaram quatro, dois, uma e uma indicação, respectivamente.

Tabela 01: Você costuma conversar sobre sexo com alguém?

Pessoa com quem conversa	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Colega/Amigo	23	36	59
Namorado/Namorada	11	10	21
Irmão/Irmã	08	05	13
Primo/Prima	08	02	10
Mãe	10	--	10
Paquera	01	03	04
Professora	02	--	02
Pai	--	01	01
Agente de Saúde	01	--	01
Total	77	44	121

Cabe observarmos que, nos casos da mãe, professora e agente de saúde, como parceiros para dialogar sobre sexo, somente as meninas os citaram. Inversamente, nenhuma adolescente citou o pai como referência para tal temática. Assim, segundo os dados indicam, verifica-se que o professor não é tido como referência para conversar sobre sexo com os jovens e adolescentes da escola.

Na Tabela 02, verificamos as respostas dos alunos sobre os assuntos mais freqüentes nas conversas sobre sexo, destacando-se as curiosidades dos jovens e adolescentes sobre a vida sexual na adolescência com 32 indicações (20 das meninas e 12 dos meninos). Em segundo lugar, aparece a prevenção com 31 indicações, tendo como maior preocupação, em sua maioria entre as alunas, mostrando que esse assunto é mais freqüente nos grupos femininos que nos grupos masculinos da entidade pesquisada.

Dos jovens e adolescentes pesquisados, oito não conversam sobre sexo com ninguém, sendo três meninas e cinco meninos, seja por intimidar-se a falar sobre o assunto, ou seja, por outros motivos, como a omissão de informação. Porém, quatro não responderam, uma menina e três meninos.

Tabela 01: Você costuma conversar sobre sexo com alguém?

Pessoa com quem conversa	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Collega/Amigo	23	36	59
Namorado/Namorada	11	10	21
Imãomã	08	05	13
Primo/Prima	08	02	10
Mãe	10	--	10
Padres	01	03	04
Professora	02	--	02
Pai	--	01	01
Agente de Saúde	01	--	01
Total	77	44	121

Cabe observarmos que, nos casos da mãe, professora e agente de saúde, como parceiros para dialogar sobre sexo, somente as meninas os citaram. Inversamente, nenhuma adolescente citou o pai como referência para tal temática. Assim, segundo os dados indicam, verifica-se que o professor não é tido como referência para conversar sobre sexo com os jovens e adolescentes da escola.

Na Tabela 02, verificamos as respostas dos alunos sobre os assuntos mais frequentes nas conversas sobre sexo, destacando-se as curiosidades dos jovens e adolescentes sobre a vida sexual na adolescência com 32 indicações (20 das meninas e 12 dos meninos). Em segundo lugar, aparece a prevenção com 31 indicações, tendo como maior preocupação, em sua maioria entre as alunas, mostrando que esse assunto é mais frequente nos grupos femininos que nos grupos masculinos da entidade pesquisada.

Dos jovens e adolescentes pesquisados, oito não conversam sobre sexo com ninguém, sendo três meninas e cinco meninos, seja por intimidar-se a falar sobre o assunto, ou seja, por outros motivos, como a omissão de informação. Porém, quatro não responderam, uma menina e três meninos.

Tabela 02: Quando conversa sobre sexo, quais os assuntos mais freqüentes?

Assunto	Sexo	Sexo	Total
	Feminino	Masculino	
Vida sexual na adolescência	20	12	32
Prevenção	20	11	31
Gravidez	13	02	15
Virgindade	06	05	11
Prazer Sexual	08	02	10
Sexo com namorado/ namorada	01	01	02
Total	68	33	101

LOPES & MAIA (2001) comentam que foi nos Estados Unidos, na década de 1980, que surgiu o conceito de sexo, caracterizando as práticas sexuais que resultassem em transmissão do vírus da imunodeficiência humana (HIV). Ainda referem-se ao sexo no sentido da prevenção, onde dizem que:

Uma nova visão se coloca que é a de que sexo seguro não se limita ao uso de camisinha nas relações sexuais nem à segurança em relação à AIDS e outras DST. Ampliando o conceito, podemos considerar que sexo mais seguro é... Sexo sem culpa. Sexo sem trauma. Sexo sem medo. (...). Sexo sem "dores de cabeça" – infecção com uma DST ou com vírus HIV, gravidez não programada, aborto etc.(...). Sexo com responsabilidade – não como uma proposta moral, mas como uma proposta ética de respeito a si e ao outro. (p. 101)

Uma outra preocupação dos jovens e adolescentes é com relação à gravidez, notando-se que há uma maior preocupação por parte das meninas. Os meninos conversam sobre o prazer sexual, demonstrando também preocupação com a prevenção referente aos cuidados com doenças sexualmente transmissíveis.

Segundo LOPES & MAIA (2001) o adolescente não está preparado para a maternidade ou paternidade e, além disso, a sociedade também não está pronta, resultando numa falta de apoio, assistência adequada e de solução apropriada para as meninas e moças que se vêem nessa situação. (p.56)

Tabela 02: Quando conversa sobre sexo, quais os assuntos mais frequentes?

Assunto	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Vida sexual na adolescência	20	12	32
Prevenção	20	11	31
Gravidez	13	02	15
Virgindade	08	03	11
Prazer sexual	08	02	10
Sexo com namorado/namorada	01	01	02
Total	68	33	101

LOPES & MAIA (2001) comentam que foi nos Estados Unidos, na década de 1980, que surgiu o conceito de sexo, caracterizando as práticas sexuais que resultassem em transmissão do vírus da imunodeficiência humana (HIV). Ainda referem-se ao sexo no sentido da prevenção, onde dizem que:

Uma nova visão se coloca que é a de que sexo seguro não se limita ao uso de camisinha nas relações sexuais nem à segurança em relação à AIDS e outras DST. Ampliando o conceito, podemos considerar que sexo mais seguro é... Sexo sem culpa. Sexo sem trauma. Sexo sem medo (...). Sexo sem "dores de cabeça" - infecção com uma DST ou com vírus HIV. Gravidez não programada, aborto etc (...). Sexo com responsabilidades - não como uma proposta moral, mas como uma proposta ética de respeito a si e ao outro. (p. 101)

Uma outra preocupação dos jovens e adolescentes é com relação à gravidez, notando-se que há uma maior preocupação por parte das meninas. Os meninos conversam sobre o prazer sexual, demonstrando também preocupação com a prevenção referente aos cuidados com doenças sexualmente transmissíveis.

Segundo LOPES & MAIA (2001) o adolescente não está preparado para a maternidade ou paternidade e, além disso, a sociedade também não está pronta, resultando numa falta de apoio, assistência adequada e de soluções apropriadas para as meninas e moças que se vêem nessa situação. (p.56)

Neste caso, conclui-se que a maior preocupação dos jovens e adolescentes pesquisados consiste em saber mais sobre a vida sexual na adolescência, preocupações com a gravidez (desejada ou indesejada) e com a prevenção.

Na Tabela 03, a seguir, observamos que a maioria dos jovens e adolescentes, preponderantemente do sexo feminino, obtém informações sobre sexo em conversas com colegas, totalizando 57 respostas. Em segundo lugar, com 41 indicações, aparece como fonte de informação sobre sexo palestras com profissionais de saúde, seguido por aulas na escola, com 34 das respostas.

Aparecem ainda programas de televisão, artigos de revistas e filmes como alternativas para obtenção de informações, respectivamente com 34, 26 e 16 respostas. Constatamos ainda, que existem outras fontes de informações menos utilizadas pelos jovens, como conversas com familiares e internet, com nove e uma indicações.

Tabela 03: Como obtém informações sobre sexo?

Assunto	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Conversa com colegas	41	16	57
Palestra com profissionais de saúde	28	13	41
Aula na escola	27	07	34
Programa de TV	17	17	34
Artigo de revista	09	17	26
Filmes	13	03	16
Conversa com familiares	09	--	09
Internet	01	--	01
Total	145	73	218

Observa-se uma baixa incidência na indicação de familiares para conversar sobre sexo com os jovens e adolescentes. Este dado parece indicar que os participantes pouco ou não recorrem à família como modelo de orientação sexual. Ficando tal

Neste caso, conclui-se que a maior preocupação dos jovens e adolescentes pesquisados consiste em saber mais sobre a vida sexual na adolescência, preocupações com a gravidez (desejada ou indesejada) e com a prevenção.

Na Tabela 03, a seguir, observamos que a maioria dos jovens e adolescentes, proporcionalmente do sexo feminino, obtém informações sobre sexo em conversas com colegas, totalizando 57 respostas. Em segundo lugar, com 41 indicações, aparece como fonte de informação sobre sexo palestras com profissionais de saúde, seguido por aulas na escola, com 34 das respostas.

Aparecem ainda programas de televisão, artigos de revistas e filmes como alternativas para obtenção de informações, respectivamente com 34, 26 e 16 respostas. Constatamos ainda, que existem outras fontes de informações menos utilizadas pelos jovens, como conversas com familiares e internet, com nove e uma indicações.

Tabela 03: Como obtém informações sobre sexo?

Assunto	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Conversa com colegas	41	16	57
Palestra com profissionais de saúde	28	13	41
Aula na escola	27	07	34
Programa de TV	17	17	34
Artigo de revista	09	17	26
Filmes	13	03	16
Conversa com familiares	09	--	09
Internet	01	--	01
Total	145	73	218

Observa-se uma baixa incidência na indicação de familiares para conversar sobre sexo com os jovens e adolescentes. Este dado parece indicar que os participantes pouco ou não recorrem à família como modelo de orientação sexual. Ficando tal

orientação a cargo de outros meios, como conversas com amigos e palestra com profissionais de saúde.

Pode-se observar uma controvérsia nos dados obtidos, pois apesar do professor não ser indicado como uma figura para conversar sobre sexo, os participantes indicam obter informações durante as aulas na escola, em outras palavras, com os professores. Também, a maioria dos alunos entrevistados obtém informações sobre sexo com os colegas, reforçando a idéia do uso de metodologias que incentivem o trabalho em grupo durante a realização de orientações sexuais na escola e assim minimizar equívocos nas discussões sobre o tema que possam ocorrer de maneira informal.

Mediante respostas dos alunos, percebe-se a necessidade de elaborar um projeto para trabalhar assuntos referentes à sexualidade na adolescência, uma vez que observamos que estes assuntos não são trabalhados na escola, uma vez que há um contraste nas respostas entre meninos e meninas, em que as participantes do sexo feminino aparecem com um número mais elevado de informações sobre sexo em relação aos do sexo masculino.

De acordo às respostas sobre o entendimento dos participantes sobre o conceito de sexo e sexualidade (ver pergunta 6 do questionário em anexo), podemos observar que nem todos conceituam os dois termos de forma adequada, indicando que possuem informações sobre sexo, porém não apresentando nenhuma informação sobre sexualidade. Frequentemente, encontramos entre as respostas dos adolescentes e jovens frases que expressavam tal equívoco, exemplificado pelas seguintes frases escritas pelos participantes: *"Sexo e sexualidade são iguais"* e *"Sexo e sexualidade são a mesma coisa"*.

Percebe-se assim, que diante desses relatos os jovens e adolescentes acham que os dois termos têm o mesmo significado. Sabe-se que muitas vezes esses conceitos são confundidos. Entretanto, como abordado no início deste texto, sexualidade não precisa vir acompanhada do sexo, pois pode ser definida como busca de prazer, este pode não ser sexual, ficando claro que a sexualidade

orientação a cargo de outros meios, como conversas com amigos e palestras com profissionais de saúde.

Pode-se observar uma controvérsia nos dados obtidos, pois apesar do professor não ser indicado como uma figura para conversar sobre sexo, os participantes indicam obter informações durante as aulas na escola, em outras palavras, com os professores. Também, a maioria dos alunos entrevistados obtém informações sobre sexo com os colegas, reforçando a ideia do uso de metodologias que incentivem o trabalho em grupo durante a realização de orientações sexuais na escola e assim minimizar edívocos nas discussões sobre o tema que possam ocorrer de maneira informal.

Mediante respostas dos alunos, percebe-se a necessidade de elaborar um projeto para trabalhar assuntos referentes à sexualidade na adolescência, uma vez que observamos que estes assuntos não são trabalhados na escola, uma vez que há um contraste nas respostas entre meninos e meninas, em que as participantes do sexo feminino aparecem com um número mais elevado de informações sobre sexo em relação aos do sexo masculino.

De acordo às respostas sobre o entendimento dos participantes sobre o conceito de sexo e sexualidade (ver pergunta 6 do questionário em anexo), podemos observar que nem todos conceituam os dois termos de forma adequada, indicando que possuem informações sobre sexo, porém não apresentando nenhuma informação sobre sexualidade. Frequentemente, encontramos entre as respostas dos adolescentes e jovens frases que expressavam tal edívoco, exemplificado pelas seguintes frases escritas pelos participantes: "Sexo e sexualidade são iguais" e "Sexo e sexualidade são a mesma coisa".

Percebe-se assim, que diante desses relatos os jovens e adolescentes acham que os dois termos têm o mesmo significado. Sabe-se que muitas vezes esses conceitos são confundidos. Entretanto, como abordado no início deste texto, sexualidade não precisa vir acompanhada do sexo, pois pode ser definida como busca de prazer, este pode não ser sexual, ficando claro que a sexualidade

abrange o indivíduo em toda a sua essência, seja na maneira de falar, agir, ser ou pensar.

De acordo com respostas dadas pelos alunos conceituando sexo e sexualidade, podemos inferir que, em alguns momentos, sexo assume conotação de anormalidade. Será que as famílias vêem o sexo de maneira natural, de modo que seus filhos expressem seus pensamentos de maneira natural?

No momento da aplicação dos questionários, os termos sexo e sexualidade não foram explicados para não comprometer a coleta de dados. Ficando claro que, o que os alunos expressaram está relacionado às suas vivências, interações sociais e culturais, sendo possível relacionar tais comportamentos dos alunos por meio de expressões como: *“Sexo é uma coisa criada por Deus e é indispensável”* ou *“Sexo é uma coisa que fazemos depois do casamento, com a pessoa que amamos”*.

Diante desses relatos, verificamos que os adolescentes e jovens relacionam suas representações sobre sexo aos valores pessoais, sociais e religiosos. Porém os mesmos não conceituam o termo sexualidade, mostrando que podem não conhecer o seu significado ou não quiseram expressá-lo. Por outro lado, também identificamos que há desvinculação dos preconceitos em relação ao sexo, sendo que um participante expressa seu pensamento da seguinte maneira: *“Sexo é relação entre pessoas de sexo diferentes e iguais. Sexualidade é a escolha, seja hetero, bi, metro ou homossexual.”*

Dessa forma, conclui-se que os jovens e adolescentes construíram diferentes significados sobre sexo e sexualidade, sendo possível notar em seus relatos que expressam naturalidade, anormalidade, valores religiosos e pessoais, consolidação da relação, prazer e outros conceitos.

A Tabela 04 expressa a importância do sexo para a vida das pessoas, conforme opinião dos participantes. Nesse item, 85 responderam a questão, do total de 113 entrevistados, sendo 45 do sexo feminino e 30 do masculino. Assinalaram que o sexo tem importância na vida do ser humano como reprodução, expressa por nove

abrange o indivíduo em toda a sua essência, seja na maneira de falar, agir, ser ou pensar.

De acordo com respostas dadas pelos alunos conceituando sexo e sexualidade, podemos inferir que, em alguns momentos, sexo assume conotação de normalidade. Será que as famílias vêem o sexo de maneira natural, de modo que seus filhos expressem seus pensamentos de maneira natural?

No momento da aplicação dos questionários, os termos sexo e sexualidade não foram explicados para não comprometer a coleta de dados. Ficando claro que, que os alunos expressaram está relacionado às suas vivências, interações sociais e culturais, sendo possível relacionar tais comportamentos dos alunos por meio de expressões como: "Sexo é uma coisa criada por Deus e é indispensável" ou "Sexo é uma coisa que fazemos depois do casamento, com a pessoa que amamos".

Diante desses relatos, verificamos que os adolescentes e jovens relacionam suas representações sobre sexo aos valores pessoais, sociais e religiosos. Porém os mesmos não conceituam o termo sexualidade, mostrando que podem não conhecer o seu significado ou não quiseram expressá-lo. Por outro lado, também identificamos que há desvinculação dos preconceitos em relação ao sexo, sendo que um participante expressa seu pensamento da seguinte maneira: "Sexo é relação entre pessoas de sexo diferentes e iguais. Sexualidade é a escolha, seja hetero, bi, metro ou homossexual".

Dessa forma, conclui-se que os jovens e adolescentes constroem diferentes significados sobre sexo e sexualidade, sendo possível notar em seus relatos que expressam naturalidade, normalidade, valores religiosos e pessoais, consolidação da relação, prazer e outros conceitos.

A Tabela 04 expressa a importância do sexo para a vida das pessoas, conforme opinião dos participantes. Nesse item, 85 responderam a questão, do total de 113 entrevistados, sendo 45 do sexo feminino e 30 do masculino. Assinalaram que o sexo tem importância na vida do ser humano como reprodução, expressa por nove

meninas e nove meninos. Porém, 11 meninas e seis meninos colocam que ocorre por necessidade.

Tabela 04: Sexo é importante para a vida das pessoas? Por quê?

Importância	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Na reprodução	9	9	18
Por necessidade	11	6	17
Como forma de prazer	7	6	13
Para obter experiência e responsabilidade	5	5	10
Por afetividade	8	1	9
Traz felicidade e maturidade	3	--	3
É ordenado por Deus	2	--	2
Total	45	30	85

O sexo é tido como forma de prazer por 13 alunos, sete meninas e seis meninos, enquanto outros 10 (cinco meninas e cinco meninos) responderam que o sexo é importante para obter experiência e responsabilidade. Em se tratando do sexo como forma de afetividade, o índice maior de respostas é observado entre as participantes do sexo feminino com oito indicações, seguido de somente uma indicação por parte daqueles do sexo masculino. Este dado nos leva a algumas questões: Será que o prazer para os homens é mais importante que o afeto? Será que os homens separam sexo de afetividade? Como analisar tal diferença de concepção?

Apenas dois entrevistados do sexo feminino, mostram que o "sexo é importante porque foi Deus que ordenou". Neste caso, observa-se que a religião influencia nas respostas dessas adolescentes, mostrando que os valores religiosos estão presentes na formação pessoal delas. Já três dos entrevistados, todos também do sexo feminino, acham que o sexo traz felicidade e maturidade, sendo um ato com responsabilidade.

meninas e nove meninos. Porém, 11 meninas e seis meninos colocam que ocorre por necessidade.

Tabela 04: Sexo é importante para a vida das pessoas? Por quê?

Importância	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Na reprodução	9	9	18
Por necessidade	11	6	17
Como forma de prazer	7	6	13
Para obter experiência e responsabilidade	5	5	10
Por atividade	8	1	9
Traz felicidade e maturidade	3	--	3
É ordenado por Deus	2	--	2
Total	45	30	85

O sexo é tido como forma de prazer por 13 alunos, sete meninas e seis meninos, enquanto outros 10 (cinco meninas e cinco meninos) responderam que o sexo é importante para obter experiência e responsabilidade. Em se tratando do sexo como forma de atividade, o índice maior de respostas é observado entre as participantes do sexo feminino com oito indicações, seguido de somente uma indicação por parte daqueles do sexo masculino. Este dado nos leva a algumas questões: Será que o prazer para os homens é mais importante que o ato? Será que os homens separam sexo de atividades? Como analisar tal diferença de concepções?

Apenas dois entrevistados do sexo feminino, mostram que o "sexo é importante porque foi Deus que ordenou". Neste caso, observa-se que a religião influencia nas respostas dessas adolescentes, mostrando que os valores religiosos estão presentes na formação pessoal delas. Já três dos entrevistados, todos também do sexo feminino, acham que o sexo traz felicidade e maturidade, sendo um ato com responsabilidade.

Dos jovens e adolescentes entrevistados, 28 deles não responderam ou não opinaram, demonstrando não ter conhecimento ou interesse sobre o assunto. Deste modo, percebemos que tanto os adolescentes do sexo feminino quanto os do sexo masculino têm dificuldades para falar sobre sexualidade e sua importância na vida das pessoas.

Na Tabela 05, de acordo com respostas obtidas sobre quando se deve iniciar a vida sexual, 46 dos participantes são do sexo feminino e 36 do masculino. Desses, 29 (16 meninas e 13 meninos) afirmam que uma pessoa deve iniciar a vida sexual quando estiver pronto, seja qual for a idade. Porém, a minoria dos entrevistados, 13 (seis meninos e sete meninas), responderam que essa iniciação deve acontecer quando a pessoa tiver responsabilidade.

Tabela 05: Quando deve iniciar a vida sexual?

Período	Sexo	Sexo	Total
	Feminino	Masculino	
Quando estiver pronto	16	13	29
Quando encontrar o parceiro certo	16	10	26
Após o casamento	8	6	14
Quando tiver responsabilidade	7	6	13
total	46	36	82

Ainda sobre os dados obtidos sobre iniciação sexual, alguns responderam que deve acontecer quando encontrar a parceira ou parceiro certo, com 26 indicações do total de respostas, 16 meninas e 10 meninos. Já 14 deles responderam que se deve iniciar a vida sexual apenas após o casamento. Novamente, indicando um valor religioso presente na construção de sua concepção sobre sexo, sexualidade e relação afetiva e conjugal.

Recorrendo à história da sexualidade abordada no início desse trabalho, algumas considerações sobre o sexo após o casamento podem ser retomadas. No início dos tempos, o povo hebreu colocou o casamento como algo divino e inspirado pelo Criador, sendo esse costume herdado pela civilização ocidental. Dessa forma o homem e a mulher deveriam se manter castos até o casamento. Os dados indicam

Das jovens e adolescentes entrevistadas, 28 delas não responderam ou não opinaram, demonstrando não ter conhecimento ou interesse sobre o assunto. Deste modo, percebemos que tanto as adolescentes do sexo feminino quanto as do sexo masculino têm dificuldades para falar sobre sexualidade e sua importância na vida das pessoas.

Na Tabela 05, de acordo com respostas obtidas sobre quando se deve iniciar a vida sexual, 46 dos participantes são do sexo feminino e 36 do masculino. Desses, 29 (18 meninas e 13 meninos) afirmam que uma pessoa deve iniciar a vida sexual quando estiver pronta, seja qual for a idade. Porém, a maioria dos entrevistados, 13 (seis meninas e sete meninos), responderam que essa iniciação deve acontecer quando a pessoa tiver responsabilidade.

Tabela 05: Quando deve iniciar a vida sexual?

Período	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Quando estiver pronta	18	13	29
Quando encontrar o parceiro certo	16	10	26
Após o casamento	8	6	14
Quando tiver responsabilidade	7	6	13
total	46	36	82

Ainda sobre os dados obtidos sobre iniciação sexual, alguns responderam que deve acontecer quando encontrar a parceira ou parceiro certo, com 26 indicações do total de respostas, 18 meninas e 10 meninos. Já 14 delas responderam que se deve iniciar a vida sexual apenas após o casamento. Novamente, indicando um valor religioso presente na construção de sua concepção sobre sexo, sexualidade e relação afetiva e conjugal.

Referendo à história da sexualidade abordada no início desse trabalho, algumas considerações sobre o sexo após o casamento podem ser retomadas. No início dos tempos, o povo hebreu colocou o casamento como algo divino e inspirado pelo Criador, sendo esse costume herdado pela civilização ocidental. Dessa forma o homem e a mulher deveriam se manter castos até o casamento. Os dados indicam

que, ainda hoje, vemos em nossa cultura situações em que o sexo só deve ser praticado após o casamento.

Observando essas respostas, pode-se constatar que os jovens e adolescentes, em sua grande maioria, não colocam o sexo como algo que deva acontecer só depois do casamento, demonstrando ser, segundo LOPES & MAIA (2001), “uma das conseqüências dos valores e comportamento dos últimos trinta anos” (p.43). Segundo os autores, as pessoas estão perdidas diante dessa nova realidade. Será que por falta de diálogo entre pais e filhos, onde deve haver orientação com relação à vida sexual ou por mudanças comportamentais alegando-se que estamos numa era mais moderna e que os jovens de hoje não são de tempos remotos? Bom, talvez não saibamos responder ou omitamos nossa opinião por respeito à forma como fomos educados sexualmente. Será?

Iniciação sexual, em nossa cultura é a penetração pênis-vagina. “Sem tal atividade, ou seja, com a manutenção do hímen íntegro, a moça não é considerada *sexualmente iniciada*” (LOPES & MAIA, 2001, p.43). Sendo assim, de acordo com os autores, práticas sexuais como o sexo oral, sexo anal, masturbação ou outra atividade sexual, não são considerados formas de iniciação sexual pela nossa cultura.

Há ainda em nossa cultura o fato de que as moças só devem iniciar sua vida sexual depois do casamento, enquanto os rapazes são incentivados desde cedo a fazer essa iniciação. Nesse sentido, há certa desigualdade na forma como essa temática é encarada, deixando claro que nossa cultura ainda é machista. O fato é que “chegará o tempo em que moças e rapazes poderão se encontrar em nível mais igualitário de poder, em que diferenças não serão mais motivo de desigualdades e desencontros.” (LOPES & MAIA, 2001, p.46).

Na tabela 06, conforme respostas dos jovens e adolescentes sobre o significado dos termos “ter vida ativa”, em que do total das respostas obtidas, 26 são das meninas e 25 são dos meninos, observa-se que alguns não têm a mínima noção do

que, ainda hoje, vemos em nossa cultura situações em que o sexo só deve ser praticado após o casamento.

Observando essas respostas, pode-se constatar que os jovens e adolescentes, em sua grande maioria, não colocam o sexo como algo que deve acontecer só depois do casamento, demonstrando ser, segundo LOPES & MAIA (2001), "uma das conseqüências dos valores e comportamento dos últimos trinta anos" (p.43). Segundo os autores, as pessoas estão perdidas diante dessa nova realidade. Será que por falta de diálogo entre pais e filhos, onde deve haver orientação com relação à vida sexual ou por mudanças comportamentais surgindo-se que estamos numa era mais moderna e que os jovens de hoje não são de tempos remotos? Bom, talvez não saibamos responder ou omitamos nossa opinião por respeito à forma como fomos educados sexualmente. Será?

Inicição sexual, em nossa cultura é a penetração pênis-vagina "Sem tal atividade, ou seja, com a manutenção do hímen íntegro, a moça não é considerada sexualmente iniciada" (LOPES & MAIA, 2001, p.43). Sendo assim, de acordo com os autores, práticas sexuais como o sexo oral, sexo anal, masturbação ou outras atividades sexuais, não são considerados formas de iniciação sexual pela nossa cultura.

Há ainda em nossa cultura o fato de que as moças só devem iniciar sua vida sexual depois do casamento, enquanto os rapazes são incentivados desde cedo a fazer essa iniciação. Nesse sentido, há certa desigualdade na forma como essa temática é encarada, deixando claro que nossa cultura ainda é machista. O fato é que "chegar o tempo em que moças e rapazes poderão se encontrar em nível mais igualitário de poder, em que diferenças não serão mais motivo de desigualdades e desencontros" (LOPES & MAIA, 2001, p.46).

Na tabela 06, conforme respostas dos jovens e adolescentes sobre o significado dos termos "ter vida ativa", em que do total das respostas obtidas, 26 são das meninas e 25 são dos meninos, observa-se que alguns não têm a mínima noção do

que é ter vida sexual ativa. Desses, 62 entrevistados não responderam, o que corresponde à maioria.

Tabela 06: O que significa ter vida sexual ativa?

Ter vida sexual ativa é...	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Praticar sexo com freqüência	09	12	21
Fazer sexo com esposa/esposo	06	04	10
Só pensar em sexo	05	03	08
Fazer sexo sem limites	03	03	06
Se prevenir	--	02	02
Fazer sexo para engravidar	02	--	02
Fazer sexo por dinheiro	01	01	02
Total	26	25	51

Uma grande parte dos meninos e meninas indicou como resposta que, ter vida sexual ativa é praticar sexo com freqüência, seja todos os dias, com seu parceiro ou parceira, quando sentir desejo ou for desejado, com 12 e nove indicações, respectivamente. Alguns mostram que ter vida sexual ativa é ter relação sexual com a pessoa que casou, indicando mais uma vez que para as meninas o sexo está vinculado ao casamento, obtendo respostas de seis meninas e quatro meninos. Em contrapartida, outros demonstram que ser ativo sexualmente está vinculado ao prazer, sendo o sexo sem limite (três meninas e três meninos) ou só pensando em sexo (cinco meninas e três meninos).

Outras respostas revelam que alguns jovens e adolescentes, na maioria meninas, apresentam equívocos sobre o significado de ter vida sexual ativa, sendo que duas fazem menção à gravidez. E, uma menina e um menino acreditam que é fazer sexo por dinheiro. Apenas dois meninos relacionam suas respostas à prevenção. Deste modo, podemos afirmar que dos participantes, uma parte considerável não conhece plenamente o significado do que é ter vida sexual ativa, relacionado a termos como prazer, dinheiro e outros.

que é ter vida sexual ativa. Desse, 82 entrevistados não responderam, o que corresponde à maioria.

Tabela 06: O que significa ter vida sexual ativa?

Ter vida sexual ativa é...	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Total	28	28	51
Fazer sexo por dinheiro	01	01	02
Fazer sexo para engravidar	02	--	02
Se prevenir	--	02	02
Fazer sexo sem limites	03	03	06
Só pensar em sexo	05	03	08
Fazer sexo com esposa/esposo	06	04	10
Praticar sexo com frequência	09	12	21

Uma grande parte dos meninos e meninas indicou como resposta que, ter vida sexual ativa é praticar sexo com frequência, seja todos os dias, com seu parceiro ou parceira, quando sentir desejo ou for desejado, com 12 e nove indicações, respectivamente. Alguns mostram que ter vida sexual ativa é ter relação sexual com a pessoa que casou, indicando mais uma vez que para as meninas o sexo está vinculado ao casamento, obtendo respostas de seis meninas e quatro meninos. Em contrapartida, outros demonstram que ser ativo sexualmente está vinculado ao prazer, sendo o sexo sem limite (três meninas e três meninos) ou só pensando em sexo (cinco meninas e três meninos).

Outras respostas revelam que alguns jovens e adolescentes, na maioria meninas, apresentam equívocos sobre o significado de ter vida sexual ativa, sendo que duas fazem menção à gravidez. E, uma menina e um menino acreditam que é fazer sexo por dinheiro. Apenas dois meninos relacionam suas respostas à prevenção. Deste modo, podemos afirmar que dos participantes, uma parte considerável não conhece plenamente o significado do que é ter vida sexual ativa, relacionando a termos como prazer, dinheiro e outros.

Na tabela 07 refere-se às mudanças que podem ocorrer na vida dos jovens e adolescentes após iniciar sua vida sexual, do total das respostas obtidas, 27 disseram que não ocorrem mudanças (sendo 16 do sexo feminino e 11 do sexo masculino), enquanto para 72 deles afirmam que sim (45 do sexo feminino e 27 do sexo masculino). Porém, 14 deles não quiseram responder. Dentre esses jovens e adolescentes que deram respostas afirmativas, observa-se que eles apontam para mudanças físicas e emocionais (22 meninas e nove meninos).

Tabela 07: Acontece alguma mudança na vida do jovem ou adolescente após iniciar sua vida sexual?

Mudanças	Sexo	Sexo	Total
	Feminino	Masculino	
Físicas	22	09	31
Emocionais	23	18	41
Total	45	27	72

Em relação às respostas dos jovens e adolescentes que apontaram mudanças físicas, destacamos algumas, como: *“O corpo desenvolve mais”, “mais gorda por causa dos anticoncepcionais”, “uns emagrecem e outros engordam”* e *“o corpo fica preparado”*, entre outras respostas.

As três primeiras respostas foram dadas por adolescentes do sexo feminino, o que parece demonstrar que elas estão preocupadas com as mudanças que podem ocorrer após o início da vida sexual. De acordo com a resposta de uma delas, as mudanças podem ser resultado do uso da pílula anticoncepcional (um dos métodos mais difundidos na nossa cultura), uma vez que elas são à base de hormônios que impedem a ovulação. Outras, pelo fato da questão do misticismo existente na região, em que as pessoas acreditam que quando se tem a primeira relação sexual, mudanças ocorrem como forma de denunciar que a pessoa já teve sua estréia na vida sexual.

Na tabela 07 refere-se às mudanças que podem ocorrer na vida dos jovens e adolescentes após iniciar sua vida sexual, do total das respostas obtidas, 27 disseram que não ocorreram mudanças (sendo 16 do sexo feminino e 11 do sexo masculino), enquanto para 72 delas afirmaram que sim (45 do sexo feminino e 27 do sexo masculino). Porém, 14 delas não quiseram responder. Dentre esses jovens e adolescentes que deram respostas afirmativas, observou-se que eles apontam para mudanças físicas e emocionais (22 meninas e nove meninos).

Tabela 07: Acontece alguma mudança na vida do jovem ou adolescente após iniciar sua vida sexual?

Mudanças	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Físicas	22	09	31
Emocionais	23	18	41
Total	45	27	72

Em relação às respostas dos jovens e adolescentes que apontaram mudanças físicas, destacamos algumas, como: "O corpo desenvolve mais", "mais gorda por causa dos anticoncepcionais", "uns emagrecem e outros engordam" e "o corpo fica preparado", entre outras respostas.

As três primeiras respostas foram dadas por adolescentes do sexo feminino, o que parece demonstrar que elas estão preocupadas com as mudanças que podem ocorrer após o início da vida sexual. De acordo com a resposta de uma delas, as mudanças podem ser resultado do uso da pílula anticoncepcional (um dos métodos mais difundidos na nossa cultura), uma vez que elas são à base de hormônios que impedem a ovulação. Outras, pelo fato da questão do misticismo existente na região, em que as pessoas acreditam que quando se tem a primeira relação sexual, mudanças ocorrem como forma de denunciar que a pessoa já teve sua estréia na vida sexual.

No entanto, 23 meninas e 18 meninos, apontam mudanças emocionais, como por exemplo: *“passa a ter mais responsabilidade consigo mesmo”* e *“fica mais maduro e inteligente.”*

Analisando as respostas, observa-se que as meninas pensam mais na questão da responsabilidade, remetendo-nos à idéia de preocupação com a prevenção. Já os meninos, expressam preocupação com a performance durante o ato sexual e comportamento frente ao sexo oposto.

Conforme disposto na Tabela 08, do total de participantes da pesquisa, 82 responderam que gostariam de obter mais informações sobre sexo, dentre eles 52 do sexo feminino e 30 do masculino. Entretanto, 37 não especificaram sobre qual assunto gostariam de conhecer mais. Em contrapartida, 26 deles, tanto meninas quanto meninos responderam que não, correspondendo a 17 e 9 indicações, respectivamente. Apenas cinco deles não quiseram responder.

Tabela 08: Você gostaria de ter mais informações sobre sexo?

Assuntos	Sexo Feminino	Sexo Masculino	Total
Prevenção	08	09	17
Tudo sobre sexo	10	05	15
Quando e como fazer sexo	05	04	09
Gravidez precoce	01	01	02
Prazer sexual	01	01	02
Total	25	20	45

O assunto mais citado pela maioria dos jovens e adolescentes é sobre prevenção, com indicação de oito meninas e nove meninos, seguido de “tudo sobre sexo” com 15 respostas (10 meninas e cinco meninos). Tanto as meninas (maioria), quanto os meninos, demonstraram interesse sobre o assunto prevenção, deixando claro que muitos desses jovens e adolescentes não têm o hábito de conversar diretamente com alguém, obtendo informações de caráter informal (como mostra os dados obtidos através do questionário). Porém, outros estão mais interessados em saber

No entanto, 23 meninas e 18 meninos apontam mudanças emocionais, como por exemplo: "passa a ter mais responsabilidade consigo mesmo" e "fica mais maduro e inteligente".

Analisando as respostas, observa-se que as meninas pensam mais na questão da responsabilidade, remetendo-nos à ideia de preocupação com a prevenção. Já os meninos, expressam preocupação com a performance durante o ato sexual e comportamento frente ao sexo oposto.

Conforme disposto na Tabela 08, do total de participantes da pesquisa, 82 responderam que gostariam de obter mais informações sobre sexo, dentre eles 52 do sexo feminino e 30 do masculino. Entretanto, 37 não especificaram sobre qual assunto gostariam de conhecer mais. Em contrapartida, 28 deles, tanto meninas quanto meninos responderam que não, correspondendo a 17 e 9 indicações, respectivamente. Apenas cinco deles não quiseram responder.

Tabela 08: Você gostaria de ter mais informações sobre sexo?

Assuntos	Sexo		Total
	Feminino	Masculino	
Prevenção	08	09	17
Tudo sobre sexo	10	05	15
Quando e como fazer sexo	05	04	09
Gravidez precoce	01	01	02
Prazer sexual	01	01	02
Total	25	20	45

O assunto mais citado pela maioria dos jovens e adolescentes é sobre prevenção, com indicação de oito meninas e nove meninos, seguido de "tudo sobre sexo" com 15 respostas (10 meninas e cinco meninos). Tanto as meninas (maioria), quanto os meninos, demonstraram interesse sobre o assunto prevenção, deixando claro que muitos desses jovens e adolescentes não têm o hábito de conversar diretamente com alguém, obtendo informações de caráter informal (como mostra os dados obtidos através do questionário). Porém, outros estão mais interessados em saber

“tudo sobre sexo”. De acordo com as frases a seguir, expressadas por eles: *“Ficar por dentro do assunto”* e *“Explicações mais profundas.”*

Não obstante, nove participantes, sendo cinco meninas e quatro meninos, gostariam de mais informações sobre quando e como fazer sexo, já que os mesmos têm muitas dúvidas de quando é o momento certo para iniciar sua vida sexual e como fazer sexo. De acordo com LOPES & MAIA (2001), a posição frente à virgindade ainda deixa alguns adolescentes perdidos, havendo um alto grau de desigualdade no comportamento sexual dos homens e mulheres, onde os homens são estimulados desde cedo e as mulheres não. A idéia dos autores justifica o fato de ter sido o assunto indicado na sua maioria por mulheres.

Os assuntos indicados com menor freqüência foi gravidez precoce e prazer sexual, ambos com duas indicações cada (uma menina e um menino em cada resposta) . Deste modo, percebe-se que eles estão mais interessados em obter mais informações no que diz respeito a sexualidade, sexo, prevenção e quando e como fazer sexo. Do total de jovens e adolescentes pesquisados apenas cinco não quiseram responder à pergunta.

"tudo sobre sexo". De acordo com as frases a seguir, expressadas por eles: "Ficar por dentro do assunto" e "Explicações mais profundas."

Não obstante, nove participantes, sendo cinco meninas e quatro meninos, gostariam de mais informações sobre quando e como fazer sexo, já que os mesmos têm muitas dúvidas de quando é o momento certo para iniciar sua vida sexual e como fazer sexo. De acordo com LOPES & MAIA (2001), a posição frente à virgindade ainda deixa alguns adolescentes perdidos, havendo um alto grau de desigualdade no comportamento sexual dos homens e mulheres, onde os homens são estimulados desde cedo e as mulheres não. A ideia dos autores justifica o fato de ter sido o assunto indicado na sua maioria por mulheres.

Os assuntos indicados com menor frequência foi gravidez precoce e prazer sexual. Ambos com duas indicações cada (uma menina e um menino em cada resposta). Deste modo, percebe-se que eles estão mais interessados em obter mais informações no que diz respeito a sexualidade, sexo, prevenção e quando e como fazer sexo. Do total de jovens e adolescentes pesquisados apenas cinco não quiseram responder à pergunta.

5. CONCLUSÃO

Foram muitas as dificuldades encontradas no decorrer da realização deste trabalho, ficando evidente que a sexualidade pode ser compreendida de forma equivocada ou incompleta, chegando a mudar o seu significado. E aí é que surgem as dúvidas, os tabus, o medo de perguntar sobre algo que está incomodando, levando a recorrer a meios de informações nem sempre confiáveis e fidedignos.

Considerando os dados obtidos e analisados, percebe-se que os adolescentes e jovens não têm clareza sobre o que é sexualidade e sexo, pois alguns acham que são a mesma coisa, outros pensam ser palavras distintas ou até mesmo designar algo distante de si, deixando lacunas que vão sendo preenchidas às vezes de maneira informal e inadequadamente.

Como foi abordado no início do trabalho, o conceito de sexualidade é muito confundido com o de sexo, porém o primeiro não precisa vir acompanhado do segundo, pois quando definidos como busca de prazer, pode não ser sexual. A sexualidade é um privilégio do ser humano, abrangendo-o na sua totalidade, englobando sua maneira de agir, pensar, ser, ou seja, ela é inerente ao ser humano. Vale ressaltar que a sexualidade não é apenas penetração ou relação entre dois amantes, ela está presente na vida do ser humano desde o seu nascimento até sua morte e entendê-la é necessário compreendermos o seu significado, recorrendo a fatores históricos, culturais e sociais.

O sexo é muito importante na vida das pessoas, porém alguns acabam achando uma coisa normal e outros dizem ser anormal, concebendo a sexualidade algo que está fora do ser humano. Há ainda a concepção de que sexo está apenas vinculado à função procriativa, permitindo que alguns cheguem a afirmar que Deus uniu as pessoas para a reprodução. O fato é que a história e a cultura são dominantes ao exercerem influência na formação de opiniões, valores e comportamentos.

Outro ponto relevante na pesquisa diz respeito à iniciação sexual, em que alguns acreditam que deve acontecer somente quando forem "responsáveis", outros após o casamento. Porém, a maioria afirma que essa iniciação deve acontecer em

5. CONCLUSÃO

Foram muitas as dificuldades encontradas no decorrer da realização deste trabalho, ficando evidente que a sexualidade pode ser compreendida de forma equivocada, ou incompleta, chegando a mudar o seu significado. E aí é que surgem as dúvidas, os tabus, o medo de perguntar sobre algo que está incomodando, levando a recorrer a meios de informações nem sempre confiáveis e fidedignos.

Considerando os dados obtidos e analisados, percebe-se que os adolescentes e jovens não têm clareza sobre o que é sexualidade e sexo, pois alguns acham que são a mesma coisa, outros pensam ser palavras distintas ou até mesmo designar algo distante de si, deixando lacunas que vão sendo preenchidas às vezes de maneira informal e inadequadamente.

Como foi abordado no início do trabalho, o conceito de sexualidade é muito confundido com o de sexo, porém o primeiro não precisa vir acompanhado do segundo, pois quando definidos como busca de prazer, pode não ser sexual. A sexualidade é um privilégio do ser humano, abrangendo-o na sua totalidade, englobando sua maneira de agir, pensar, ser, ou seja, ela é inerente ao ser humano. Vale ressaltar que a sexualidade não é apenas penetração ou relação entre dois amantes, ela está presente na vida do ser humano desde o seu nascimento até sua morte e entendê-la é necessário compreendermos o seu significado, recorrendo a fatores históricos, culturais e sociais.

O sexo é muito importante na vida das pessoas, porém alguns acabam achando uma coisa normal e outros dizem ser anormal, concedendo a sexualidade algo que está fora do ser humano. Há ainda a concepção de que sexo está apenas vinculado à função procriativa, permitindo que alguns cheguem a afirmar que Deus uniu as pessoas para a reprodução. O fato é que a história e a cultura são dominantes ao exercerem influência na formação de opiniões, valores e comportamentos.

Outro ponto relevante na pesquisa diz respeito à iniciação sexual, em que alguns acreditam que deve acontecer somente quando forem "responsáveis", outros após o casamento. Porém, a maioria afirma que essa iniciação deve acontecer em

qualquer idade, desde que a pessoa esteja pronta, tendo consciência do que faz. Assim, percebe-se que os jovens e adolescentes estão muito preocupados com a iniciação sexual de forma consciente, refletindo sobre suas conseqüências. Também há o fato da prevenção, como sendo um dos assuntos mais citados ao serem indagados sobre quais informações gostariam de ter sobre sexo. Os dados evidenciam que os participantes se preocupam com a prevenção sexual.

Parece que a temática da sexualidade tem sido pouco abordada em casa e na escola, evidenciando despreparo e constrangimento de pais e professores ou até mesmo falta de diálogo com seus filhos/alunos. Os professores e pais, não são as pessoas mais indicadas pelos jovens e adolescentes como parceiros para manter um diálogo, mesmo se mostrando mais experientes. Este dado não exclui a responsabilidade que a família e a escola possuem no que tange a educação e orientação sexual destinada aos adolescentes e jovens. Os grupos de amigos acabam sendo esses parceiros que frequentemente instruem-se e auxiliam nas dúvidas dos demais, talvez pela facilidade de interação, diálogo e valores similares.

Um dos fatores que chega a se mostrar como obstáculo no trabalho acerca da sexualidade na escola é a própria reação da família, por muitos acharem que esse tipo de assunto não deve ser abordado no ambiente escolar ou por se tratar de uma coisa pornográfica na visão de alguns. É sabido que a escola não toma o lugar dos pais na educação sexual dos filhos, nem tem o direito de se eximir desse dever, porém faz uma complementação no caminhar ao lado da família.

Se fôssemos pensar na questão de uma orientação sexual que busque não apenas complementar as informações obtidas no âmbito familiar, mas refletir sobre a ação educativa dos pais e professores, seria necessário pensar num trabalho em que a parceria escola-família pudesse construir valores necessários ao desenvolvimento de conceitos despidos de preconceitos e tabus sobre sexualidade, permitindo aos jovens e adolescentes vivê-la de maneira plena.

qualquer idade, desde que a pessoa esteja pronta, tendo consciência do que faz. Assim, percebe-se que os jovens e adolescentes estão muito preocupados com a iniciação sexual de forma consciente, refletindo sobre suas consequências. Também há o fato da prevenção, como sendo um dos assuntos mais citados ao serem indagados sobre quais informações gostariam de ter sobre sexo. Os dados evidenciam que os participantes se preocupam com a prevenção sexual.

Parece que a temática da sexualidade tem sido pouco abordada em casa e na escola, evidenciando desprezo e constrangimento de pais e professores ou até mesmo falta de diálogo com seus filhotes. Os professores e pais, não são as pessoas mais indicadas pelos jovens e adolescentes como parceiros para manter um diálogo, mesmo se mostrando mais experientes. Este dado não exclui a responsabilidade que a família e a escola possuem no que tange a educação e orientação sexual destinadas aos adolescentes e jovens. Os grupos de amigos acabam sendo esses parceiros que frequentemente instruem-se e auxiliam nas dúvidas dos demais, talvez pela facilidade de interação, diálogo e valores similares.

Um dos fatores que chega a se mostrar como obstáculo no trabalho acerca da sexualidade na escola é a própria reação da família, por muitos acharem que esse tipo de assunto não deve ser abordado no ambiente escolar ou por se tratar de uma coisa pornográfica na visão de alguns. É sabido que a escola não tem o lugar dos pais na educação sexual dos filhos, nem tem o direito de se eximir desse dever, porém faz uma complementação no caminho ao lado da família.

Se fôssemos pensar na questão de uma orientação sexual que pudesse não apenas complementar as informações obtidas no âmbito familiar, mas refletir sobre a ação educativa dos pais e professores, seria necessário pensar num trabalho em que a parceria escola-família pudesse construir valores necessários ao desenvolvimento de conceitos despidos de preconceitos e tabus sobre sexualidade, permitindo aos jovens e adolescentes vivê-la de maneira plena.

6. REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Jenner Procópio de Alvarenga et al. **Ciências naturais no dia-a-dia**: 7ª série. Curitiba: Positivo, 2004.
- ARAÚJO, Maria de Fátima. *Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações*. **Psicologia: Ciência e Profissão**, jun., v.22, n.2, 2002, p.70-77.
- BARROS, Carlos; WILSON, Roberto Paulino. **O corpo humano**: Ciências 7 série. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2004.
- BERTOLOZZO, Sílvia; MALUHY, Suzana. **Ciências 7ª série**. Projeto Educação para o século XXI. Série link da Ciência. 2ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2005. 2ª ed.
- CANO, Maria Aparecida Tedeschi; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. *Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico*. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**. Ribeirão Preto, abril, v.8, n.2, p.18-24, 2000.
- EGYPTO, Antonio Carlos. O projeto de orientação sexual na escola. In: EGYPTO, Antonio Carlos (org). **Orientação sexual na escola**: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio século XXI escolar**: o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Versão Ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- GENTILE, Paola. Educação sexual: eles querem falar de sexo. **Revista Nova Escola**. São Paulo, Ed. Abril, Fundação Victor Civita, abril, n.191, p.22-29, 2006.
- GUIMARÃES, Isaura. **Educação sexual na escola**: mito e realidade. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1995.
- LOPES, Gerson; MAIA, Mônica. **Conversando com o adolescente sobre sexo**: quem vai responder? Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2001.
- LORENCINI JR, Álvaro. Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: Aquino, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola**: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.
- LOURO, Garcia Lopes. **O Corpo Educado**: pedagogias da sexualidade: 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- Ministério da Educação e Desportos. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.

6. REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Jenner Procópio de. *Alvarenga et al. Ciências naturais no dia-a-dia: 7ª série. Curitiba: Positivo, 2004.*
- ARAUJO, Maria de Fátima. *Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas congnições. Psicologia: Ciência e Profissão, jun., v.22, n.2, 2002, p.70-77.*
- BARROS, Carlos; WILSON, Roberto Paulino. *O corpo humano. Ciências 7 série. 1ª ed. São Paulo: Ática, 2004.*
- BERTOLOZZO, Sílvia; MALUHY, Suzana. *Ciências 7ª série. Projeto Educação para o século XXI. Série link da Ciência. 2ª ed. São Paulo: Escala Educacional, 2005. 2ª ed.*
- CANO, Maria Aparecida Tesch; FERRIANI, Maria das Graças Carvalho. *Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirão Preto, abril, v.8, n.2, p.18-24, 2000.*
- EGYPTO, Antonio Carlos. *O projeto de orientação sexual na escola. In: EGYPTO, Antonio Carlos (org). *Orientação sexual na escola: um projeto apaixonante. São Paulo: Cortez, 2003.**
- FERRIERA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio século XXI escolar: o minidicionário da língua portuguesa. 4ª ed. Versão ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.*
- GENTILE, Paola. *Educação sexual: eles querem falar de sexo. Revista Nova Escola. São Paulo. Ed. Abril, Fundação Victor Civita, abril, n.191, p.22-29, 2006.*
- GUIMARÃES, Isaura. *Educação sexual na escola: mito e realidade. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras, 1995.*
- LOPES, Gerson; MAIA, Mônica. *Conversando com o adolescente sobre sexo: quem vai responder? Belo Horizonte: Autêntica/FUMEC, 2001.*
- LORENCINI JR, Álvaro. *Os sentidos da sexualidade: natureza, cultura e educação. In: Aquino, Júlio Gropo. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.**
- LOURO, Garcia Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.*
- Ministério da Educação e Desportos. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Pluralidade Cultural e Orientação Sexual. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1998.*

MONESI, Ângelo Almansa. Adolescência e vivência da sexualidade. In: RIBEIRO, Marcos (org). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

PAULA, Ercília Maria Angelli T. de; MENDONÇA, Fernando Wolff. **Psicologia do Desenvolvimento**. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.

RENA, Luiz Carlos Castello Branco. **Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

RODRIGUES JR, Oswaldo Martins. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (org). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.

SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: Aquino, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

SIMONETTI, Cecília. Mercado de Paixões: a influência da mídia no comportamento sexual infantil. In: RIBEIRO, Marcos (org). **Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

PINTO, Heloysa Dantas de Souza. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: Aquino, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

TRIVELLATO, José et al. **Ciências, natureza & cotidiano: criatividade, pesquisa, conhecimento; 7ª série. 1ª ed.** São Paulo: FTD, 2006.

VIANNA, Cláudia. Sexo e gênero: masculino e feminino na qualidade da educação escolar. In: Aquino, Júlio Groppa. **Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1997.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In LOURO, Garcia Lopes. **O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade: 2ª ed.** Belo Horizonte: Autentica, 2000.

ZINK, Liane. Sexualidade – de Reich ao contemporâneo. In: **Anais da Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais**. Foz do Iguaçu. Centro Reichiniano, 2004. CD-RON. {ISBN 85-87691-12-0}

- MONEZI, Ângelo Almanaz. Adolescência e vivência da sexualidade. In: RIBEIRO, Marcos (org). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- PAULA, Ercília Maria Angelli T. de; MENDONÇA, Fernando Wolff. *Psicologia do Desenvolvimento*. Curitiba: IESDE Brasil, 2006.
- RENA, Luiz Carlos Castello Branco. *Sexualidade e adolescência: as oficinas como prática pedagógica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- RODRIGUES JR, Oswaldo Martins. Os conflitos sexuais na adolescência. In: RIBEIRO, Marcos (org). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 1993.
- SAYÃO, Yara. Orientação sexual na escola: os territórios possíveis e necessários. In: Aquino, Júlio Gropq. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.
- SIMONETTI, Cecília. Mercado de Paixões: a influência da mídia no comportamento sexual infantil. In: RIBEIRO, Marcos (org). *Educação Sexual: novas idéias, novas conquistas*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.
- PINTO, Heloysa Dantas de Souza. A individualidade impedida: adolescência e sexualidade no espaço escolar. In: Aquino, Júlio Gropq. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.
- TRIVELLATO, José et al. *Ciências, natureza & cotidiano: cidadania, pesquisa, conhecimento*. 7ª série. 1ª ed. São Paulo: FTD, 2006.
- VIANA, Cláudia. Sexo e gênero: masculino e feminino na dualidade da educação escolar. In: Aquino, Júlio Gropq. *Sexualidade na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997.
- WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LORO, Garcia Lopes. *O Corpo Educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- ZINK, Liane. Sexualidade – de Reich ao contemporâneo. In: *Anais da Convenção Brasil Latino América, Congresso Brasileiro e Encontro Paranaense de Psicoterapias Corporais*. Foz do Iguaçu. Centro Reichiniano, 2004. CD-ROM. (ISBN 85-87691-12-0)

QUESTIONÁRIO

Este questionário visa levantar a opinião de adolescentes sobre sexualidade. Sua participação é muito importante para o desenvolvimento de nossa pesquisa! Garantimos manter total sigilo, não utilizaremos informações que possam identificar os participantes.

Agradecemos sua atenção e participação!

1. Sexo: () Masculino () Feminino

2. Idade: _____

3. Você costuma conversar sobre sexo com alguém?

() Não

() Sim. Com quem conversa com mais freqüência?

() Colega/amigo

() Paquera

() Namorado/namorada

() Irmã/irmão

() Mãe

() Pai

() Primo/prima

() Tio/Tia

() Outra pessoa. Quem? _____

4. Quando você conversa sobre sexo, quais os assuntos mais freqüentes?

5. As informações que você sabe sobre sexo, foram obtidas por meio de:

() Programas de televisão

() Artigos de revista

() Aulas na escola

() Filmes

() Palestras

() Conversas com colegas

() Conversas com familiares

() Outros meios. Quais? _____

6. O que você entende por "sexo" e "sexualidade"?

7. Em sua opinião, o sexo é importante para a vida das pessoas? Por quê?

QUESTIONÁRIO

Este questionário visa levantar a opinião de adolescentes sobre sexualidade. Sua participação é muito importante para o desenvolvimento de nossa pesquisa. Garantimos manter total sigilo, não utilizaremos informações que possam identificar os participantes. Agradecemos sua atenção e participação!

1 Sexo: () Masculino () Feminino

2 Idade: _____

3. Você costuma conversar sobre sexo com alguém?

() Não

() Sim. Com quem conversa com mais frequência?

() Colega/amigo

() Pai/mãe

() Na escola/universidade

() Amigo(a)

() Mãe

() Pai

() Primo(a)

() Tio(a)

() Outra pessoa. Quem? _____

4. Quando você conversa sobre sexo, quais os assuntos mais frequentes?

5. As informações que você sabe sobre sexo, foram obtidas por meio de:

() Programas de televisão

() Artigos de revista

() Aulas na escola

() Filmes

() Palestras

() Conversas com colegas

() Conversas com familiares

() Outros meios. Quais? _____

6. O que você entende por "sexo" e "sexualidade"?

7. Em sua opinião, o sexo é importante para a vida das pessoas? Por quê?

8. Em sua opinião, quando se deve iniciar a vida sexual?

-

9. O que significa "ter vida sexual ativa"?

10. Acontece alguma mudança na vida de um adolescente ou jovem após iniciar sua vida sexual?

() Não

() Sim. Qual? _____

11. Você gostaria de ter mais informação sobre sexo?

() Não

() Sim. Quais? _____

8. Em sua opinião, quando se deve iniciar a vida sexual?

9. O que significa "ter vida sexual ativa"?

10. Acontece alguma mudança na vida de um adolescente ou jovem após iniciar sua vida sexual?

() Não

() Sim. Quais?

11. Você gostaria de ter mais informação sobre sexo?

() Não

() Sim. Quais?
